

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

José Marcos Rodrigues Vieira Filho

MECA: MANIA DE CONSTRUIR

Belo Horizonte

2019

José Marcos Rodrigues Vieira Filho

MECA: MANIA DE CONSTRUIR

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e suas relações com outras artes e ciências

Orientador: Carlos Antônio Leite Brandão

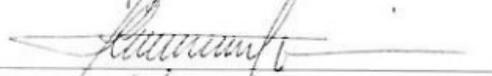
Belo Horizonte
2019

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU
– da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 19 de junho de
2019 pela Comissão Examinadora:

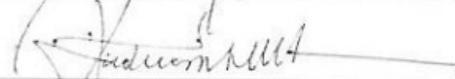
Prof. Dr. Carlos Antônio Leite Brandão (Orientador-EA-UFMG)



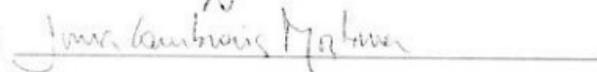
Prof. Dr. Flávio de Lemos Carsalade (EA-UFMG)



Profa. Dra. Rita de Cássia Lucena Velloso (EA-UFMG)



Profa. Dra. Júnia Cambraia Mortimer (UFBA)



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - O canteiro de obras da Grande Mesquita	p. 20
Imagem 02 - Acesso a Meca e a placa com os dizeres “Muslims Only”	p. 32
Imagem 03 - Alojamento para trabalhadores da construção civil em Meca	p. 33
Imagem 04 - A Grande Mesquita de Meca em 2004 e em 2012	p. 37
Imagem 05 - Vista aérea do Domo da Rocha	p. 47
Imagem 06 - Palácio do Califa al Mu'tasim	p. 49
Imagem 07 - A Grande Mesquita de Samarra	p. 50
Imagem 08 - Planta da Mesquita de al-Hakim	p. 51
Imagem 09 - Minarete Kalon, Bukhara, Uzbequistão	p. 53
Imagem 10 - O complexo funerário de Hasan	p. 56
Imagem 11 - <i>Naqsh-e Jahan</i> , Isfahan	p. 57
Imagem 12 - A Grande Mesquita de Meca: decoro e mania de construir	p. 61
Imagem 13 - Interior em estuque no Alhambra, em Granada	p. 62
Imagem 14 - Peregrinos realizam o <i>tawaf</i>	p. 66
Imagem 15 - Mapa de Meca e dos locais onde ocorrem os rituais do <i>haji</i>	p. 69
Imagem 16 - Maquete do projeto de ampliação da Grande Mesquita	p. 75
Imagem 17 - <i>Abraj-al-Bait</i> (comparativo)	p. 80
Imagem 18 - Imagem de satélite - A região do Portão Ocidental em 2005	p. 83
Imagem 19 - Imagem de satélite - A região do Portão Ocidental em 2014	p. 84
Imagem 20 - A cidade das tendas de Mina e a Avenida do Contorno	p. 86
Imagem 21 - A obra da Jeddah Tower em 2017	p. 89
Imagem 22 - Maquete renderizada do projeto da Jeddah Tower	p. 90
Imagem 23 - Imagem de satélite - A <i>Ka'aba</i> como centro do leque	p. 96
Imagem 24 - A demolição da colunata otomana	p. 98
Imagem 25 - A Grande Mesquita em 2016, fotografada do <i>Abraj-al-Bait</i>	p. 101
Imagem 26 - O conforto e vista privilegiada oferecidos pelo <i>Abraj-al-Bait</i>	p. 102
Imagem 27 - O <i>Abraj-al-Bait</i> (à direita) e seu contexto urbano	p. 104
Imagem 28 - O <i>Abraj-al-Bait</i> e a Grande Mesquita	p. 105
Imagem 29 - São Pedro, a Grande Mesquita e o Parque Municipal	p. 107
Imagem 30 - Primeiro projeto do <i>Abraj-al-Bait</i> , inspirado no gótico stalinista	p. 108

Imagem 31 - Comparativo de escala: KAAR e outras conhecidas avenidas	p. 112
Imagem 32 - foto-inserção do projeto da KAAR sobre imagem de satélite	p. 113
Imagem 33 - O desastre de 2015 na cerimônia do apedrejamento	p. 116
Imagem 34 - Imagem de satélite - Passarela do <i>Jamarat</i>	p. 117
Imagem 35 - A vista a partir da Jeddah Tower	p. 118
Imagem 36 - O centro de Houston, ideal de cidade para Fahd	p. 121
Imagem 37 - Emblema da Prefeitura de Meca	p. 127

RESUMO

A arquitetura contemporânea tem obsessão pelo único, pela novidade e pelo espetacular. Tratado como um artista de inspiração genial, o arquiteto sente-se autorizado a expressar sua subjetividade em cada construção e chamar toda a atenção para sua obra, sem preocupação com um interstício ou um diálogo com as edificações do entorno. Cada edifício é pensado para se sobrepor aos demais, para reluzir mais que os outros ou, melhor ainda, destruir o passado e abrir caminho para o novo. Fazer edifícios cada vez maiores é um dos métodos mais eficientes para se alcançar todos esses objetivos de uma só vez, e não por acaso essa é uma das principais características da produção arquitetônica contemporânea de destaque. Um monumento é um símbolo, uma manifestação material e arquitetônica de um ideal. Mas, a partir de uma determinada escala, um edifício pode adquirir o status de monumento simplesmente por seu tamanho, mesmo que não represente coisa alguma e a despeito da boa ou má qualidade de sua arquitetura. Em nenhum lugar do planeta isso fica mais evidente que em Meca, na Arábia Saudita, lugar onde a função primeira da arquitetura parece ser quebrar todos os recordes estabelecidos de altura, custo, área construída e capacidade. Junte-se a isso o fato de que a cidade é também o principal local de peregrinação do Islã, religião de inestimável tradição artística e arquitetônica, e temos como resultado um terreno fértil para discutir passado, presente e futuro da arquitetura mundial.

ABSTRACT

Contemporary architecture is obsessed with the unique, the brand new and the spectacular. Architects are perceived as geniuses and feel entitled to express their individuality in their works, with absolute disregard for the collective. Each building is conceived to prevail over the others, to shine brighter than everything around it or better yet, to destroy anything in its path, following a motto of “out with the old, in with the new”. One easy way of accomplishing all of the above at once is to keep building bigger - no wonder this way of thinking has become a staple of the current star system ethos. Nowhere in the world this becomes more readily apparent than in Mecca, Saudi Arabia, where breaking records seems to be the sole, or at least the primary function of the new buildings that keep sprouting around the city. And this being the Holy City of Islam, a religion with an immensely rich heritage and enormous reach around the globe, it makes for a perfect place to ponder past, present and future of architecture worldwide.

ÍNDICE

Glossário

PARTE 1: O ISLÃ

1. Introdução

1.1. Percurso

1.2. Hipótese

1.3. Definição

1.4. Metodologia de Pesquisa

2. Breve História Da Mania de Construir na Arquitetura Islâmica

2.1. Antes do Islã

2.2. Os Omíadas e o Domo da Rocha, em Jerusalém

2.3. Os Abássidas e Samarra, no Iraque

2.4. Os Fatímidas e a Mesquita de al-Hakim, no Cairo

2.5. O Engenho da Arquitetura do Irã nos Séculos XI e XII

2.6. A Ambição Imperial dos Timuridas

2.7. Os Mamelucos e o Complexo Funerário de Hasan, no Cairo

2.8. Os Safávidas e o Plano Urbano de Isfahan

2.9. Os Otomanos e a Hagia Sophia

2.10. Conclusão

3. Oriente e Ocidente: O Sentido de Edificar

PARTE 2: O OBJETO

4. Meca, a Grande Mesquita e o *Hajj*

4.1. A Peregrinação

4.2. A Cidade

4.2.1. O Novo Projeto para a Grande Mesquita

4.2.2. Os Empreendimentos Imobiliários

4.2.3. A Avenida Rei Abdul Aziz (Portão Ocidental)

4.2.4. O Novo Palácio Real

4.2.5. A Grande Meca

4.2.6. A Jeddah Tower

5. Análise Crítica

5.1. A Mesquita

5.2. Os Empreendimentos Imobiliários

5.3. A Avenida Rei Abdul Aziz

5.4. O Palácio Real

5.5. A Grande Meca

5.6. A Jeddah Tower

PARTE 3: CONCLUSÃO

6. Considerações Finais

7. Referências Bibliográficas

8. Anexos

GLOSSÁRIO

Ablução - ritual de purificação espiritual, feita com água, que antecede a entrada do fiel ao perímetro sagrado da mesquita. Este tipo de edificação conta quase sempre com fontes e espelhos d'água em suas dependências externas destinados a este fim.

Almádena - a torre (ou uma das torres) da mesquita; ver *minarete*.

Aniconismo - proibição da representação da figura humana, em especial de figuras históricas como o profeta Maomé, por motivos religiosos. São muitas as explicações para o estabelecimento desta restrição - o entendimento de que Alá é o único criador e que reproduzir sua criação constitui uma afronta, a prevenção contra idolatrias alternativas, etc. O lado positivo da regra é a criação de uma escola decorativa de extrema inventividade como maneira de compensar essa limitação. Os intrincados padrões geométricos comumente associados à arquitetura islâmica têm ligação com o aniconismo e com a longa tradição árabe nas ciências exatas.

Automonumento - o edifício que, de tão grande, se faz monumento apenas pela sua existência - o termo aparece pela primeira vez no livro S, M, X, XL, do holandês Rem Koolhaas.

Califa - o líder espiritual e político da comunidade islâmica.

Califórico - qualidade daquilo que carrega algo que é sentido ou entendido como belo; termo cunhado por Oleg Grabar, historiador da arte e da arquitetura muçulmana, em seus escritos sobre a relação da cultura islâmica com o ornamento.

Hajj - a Grande Peregrinação, um dos cinco pilares do Islã. A peregrinação, se realizada fora do período do *Hajj*, não serve como cumprimento da obrigação e é chamada de *Umrah*.

Hajji - título honorífico concedido àqueles que já cumpriram a Grande Peregrinação.

Haram - sagrado; modo como é chamado o perímetro da cidade de Meca vetado aos não-seguidores do Islã; o perímetro sagrado. *Masjid-al-Haram*, nome árabe da Grande Mesquita, em tradução literal quer dizer Mesquita Sagrada. Santuário (o termo *Haraam*, ao contrário, quer dizer proibido, pecaminoso, e é usado para se referir àquilo que vai contra a fé islâmica).

Hijrah (grafia alternativa: *hegira*) - a jornada do profeta Maomé de Meca a Medina (então conhecida como Yathrib), fugindo da perseguição de outros grupos religiosos em sua cidade natal, empreendida no ano de 622 do calendário gregoriano. Maomé encontra em Medina as condições ideais para finalmente estabelecer a nova religião e fundar o primeiro Estado Islâmico, e por essa razão a data é considerada o marco inicial do calendário muçulmano.

Imam - posição de liderança islâmica. Pode se referir à figura religiosa que comanda a leitura do Corão e as orações na mesquita, mas também pode ser a denominação que se dá a um líder comunitário.

Iwan - espaço abobadado retangular, delimitado por paredes em três de suas faces. A quarta, aberta, encontra-se voltada para um pátio interno (ver *sahn*) ou para o exterior.

Jamarat - pilares (singular: *jamrah*). Referente à cerimônia de apedrejamento do diabo, uma das etapas do *Hajj*.

Ka'aba - a edificação cubóide no centro da Grande Mesquita que, segundo a tradição islâmica, foi construída por Abraão. É a mais sagrada estrutura e centro da fé islâmica.

Madrassa - a escola religiosa islâmica ou escola corânica. As edificações destinadas a este fim guardam muitas semelhanças estilísticas e de partido arquitetônico com as mesquitas. É comum, por exemplo, que contem com minaretes.

Maidan - uma esplanada, um mercado, um local onde são realizadas paradas e outros eventos oficiais ou simplesmente uma praça. Embora exista no árabe, o termo vem do persa e é utilizado principalmente no Irã.

Maqsurah - área no interior da mesquita, junto à parede da *qiblah*, delimitada por paredes baixas, biombos ou painéis de muxarabis e reservada a príncipes, califas ou figuras importantes da sociedade. Comum apenas em mesquitas de grande porte.

Masjid - o termo árabe para a mesquita. A existência do termo precede a criação do Islã, mas foi adotado por Maomé e seus seguidores para designar o templo da nova religião.

Mataf - a área aberta com pavimentação em mármore branco que circunda a *Ka'aba*. Local onde ocorre o *tawaf*.

Mihrab - o nicho semicircular numa das paredes de uma mesquita que indica a *qiblah*. Variam de tamanho, mas são quase sempre ricamente decorados e muitas vezes têm a aparência de um portal falso, indicando uma ligação metafórica com a cidade de Meca.

Minarete - torre destinada ao chamado à oração, realizado pelo *muezim*. É a estrutura mais alta da mesquita e, em cidades muçulmanas bem preservadas, o principal marco visual da paisagem urbana. Aparece também, embora com menor frequência, em edificações como *madrassas* ou mausoléus (como no caso do Taj Mahal, na Índia). O análogo islâmico do campanário da igreja cristã.

Minbar - palanque elevado utilizado para sermões ou condução da oração - o equivalente muçulmano ao púlpito de uma igreja. O que difere o *minbar*, morfológicamente, é o fato de se tratar de uma estrutura independente e

autoportante, normalmente em madeira. A escadaria costuma ser em linha reta, diferente dos púlpitos, que costumam ser acessíveis por escadarias helicoidais. Outra diferença fundamental está em seu uso, reservado não apenas ao sermão, mas a toda a condução do ritual. O *minbar* está sempre à direita (para o observador) do *mihrab*.

Muezim - também conhecido como almuadem, o *muezim* é o arauto encarregado do chamado à oração, realizado no topo do minarete.

Pishtaq - uma estrutura que consiste em um plano vertical que emoldura a face aberta do *ivan*, formando em conjunto com ele uma espécie de portal. Mais alto que o restante da construção e, via de regra, ricamente decorado, o *pishtaq* costuma fazer parte do *ivan* que dá acesso à mesquita ou *madrassa*, utilizado para dar destaque à entrada e dar imponência à edificação a que está associado.

Qiblah - a direção de Meca, ponto para o qual todo fiel deve se virar no momento de uma das cinco orações obrigatórias diárias. O ato representa a união de todos os muçulmanos do mundo sob as leis de Alá. A *qiblah* também deve ser observada em outras cerimônias do Islã. Tradicionalmente, o corpo de um fiel falecido deve ser enterrado em direção a Meca. A arquitetura islâmica desenvolveu, desde seus primeiros tempos, tipologias, partidos e elementos decorativos para auxiliar na indicação e pronta identificação da *qiblah* (ver *mihrab*).

Sa'ay - um dos rituais simbólicos do *Hajj*, que envolve sete idas e voltas entre as colinas de *Al-Safa* e *Al-Marwah*.

Sahn - pátio interno, comum no mundo islâmico tanto em edificações religiosas quanto civis. No caso das mesquitas o *sahn* é o análogo islâmico do claustro cristão, quase sempre circundado por uma arcada ou colunata, chamada de *riwaq*. Pode ou não ser ladeado por *iwans* em suas quatro faces, num estilo particular de mesquita muito difundido no atual Irã.

Shari'ah - a lei islâmica.

Seerah - o conhecimento da biografia do Profeta Maomé, visto como obrigação do bom muçulmano.

Tawaf - o ritual que marca a chegada e a despedida de Meca; consiste na circumambulação da *Ka'aba* por sete vezes, no sentido anti-horário, e simboliza que todo muçulmano faz parte de uma constelação cujo centro é a figura de Alá.

Terpnopoiético - designa aquilo que, na arte ou na arquitetura, proporciona prazer, deleite; termo cunhado por Oleg Grabar, historiador da arte e da arquitetura muçulmana, em seus escritos sobre a relação da cultura islâmica com o ornamento.

Umrah - conhecida como a peregrinação menor, é toda aquela realizada fora do período do *Hajj*. Não é obrigatória.

1. INTRODUÇÃO

1.1. PERCURSO

Este trabalho foi motivado por um interesse particular na arquitetura islâmica, em todos os lugares e períodos em que foi e é praticada. De riqueza e diversidade comparáveis às manifestações artísticas ligadas ao cristianismo, esta peça fundamental da história da arquitetura nunca recebeu a merecida atenção do meio acadêmico no Brasil, fato que por si só justificaria uma pesquisa mais aprofundada a seu respeito.

Em sua fase inicial, no momento de definição específica do tema, Meca revelou-se um caso especialmente interessante, capaz de abarcar diversos campos contemporâneos de conhecimento e atuação do arquiteto e urbanista. A cidade é o maior destino religioso do Islã e passa atualmente por uma rápida e profunda transformação - a exemplo do que ocorre em seu mais célebre monumento, a Grande Mesquita - na tentativa de lidar com a explosão de crescimento do número de visitantes à cidade. A multiplicação e a escala das obras (sejam as recentemente empreendidas, em fase de conclusão ou planejamento) não encontram paralelo nem ao menos em cidades do Oriente Médio famosas pelos seus novíssimos e chamativos arranha-céus, como Dubai ou Abu Dhabi. O que há de mais peculiar neste caso é que, ao contrário do que acontece nestes emirados, a transformação se manifesta aqui em um cenário urbano absolutamente consolidado¹, uma cidade que apresenta registros milenares de ocupação. Antes que se construa a nova Meca, é preciso que a velha, de certa maneira, desapareça - mas é justamente a velha Meca, com tudo o que ela representa, que atrai tantos visitantes e os investimentos que vêm em sua esteira.

Este cenário levanta preocupações relevantes sobre a arquitetura contemporânea, a preservação do patrimônio histórico, o tratamento de espaços públicos, o transporte em massa (o roteiro da Grande Peregrinação anual exige

¹ O censo mais recente, realizado em 2010, aponta uma população superior a um milhão e meio de habitantes (próximo a dois milhões em sua região metropolitana). A população de Dubai, por outro lado, dobrou no período entre 2005 e 2013. Na década de 1980, mal ultrapassava os 300 mil.

deslocamentos entre Meca e as regiões vizinhas em dias e horários específicos), o planejamento urbano, os conceitos de revitalização e gentrificação (questões trazidas à tona pelas grandes avenidas e bulevares que integram um grande plano de reestruturação da cidade) e tantas outras que serão detalhadas mais à frente. São muitos temas, que sugerem não uma, mas diversas linhas de pesquisa. Ocorre que esses processos têm, todos eles, algo intrínseco em comum - um tema que identifiquei como central, que explica toda a transformação à qual a cidade vem sendo submetida e que tem implicações para a arquitetura como um todo, mesmo a ocidental: a obsessão pela monumentalidade.

Tudo aquilo que é construído hoje em Meca é pensado principalmente para ser grande. O gigantismo como conceito que preside a concepção arquitetônica e como característica mais importante do edifício é um modo de fazer bem típico da arquitetura contemporânea, mas em nenhum outro lugar do mundo isso é tão evidente quanto na cidade saudita. Esta é uma arquitetura da quantidade, uma produção que tem como única virtude o fato de ostentar números impressionantes e como única meta estabelecer novos recordes de altura, custo, capacidade ou área construída.

Em seus tratados escritos no século XV, o italiano Leon Battista Alberti foi provavelmente o primeiro teórico a identificar esse vício da má arquitetura que aqui chamei de gigantismo, ou arquitetura da quantidade. “[...] deve-se imitar a moderação da natureza. [...] tanto é louvável a sobriedade quanto é desprezível a mania desmedida de construir. O conjunto das estruturas deverá ter proporções moderadas e não exceder as funções precisas que lhe foram atribuídas.” (ALBERTI, 2012, p.56). O termo latino utilizado por ele para descrever esse fenômeno, traduzido por Sergio Romanelli como “mania desmedida de construir”, é a *libidine aedificandi* - , uma prática exemplificada pelo próprio Alberti, em suas últimas consequências, pelas pirâmides do Egito:

[...] a meu ver é reprovável uma profusão exagerada de riquezas até da parte de um rei. Eu recuso, por exemplo, o hábito dos egípcios que construíam edifícios prodigiosos, que deveriam ter desagradado até os deuses, visto que nenhum deles foi sepultado em tumbas tão faustosas. [...] Esse tipo de obra, maravilhosa, mas sem algum objetivo razoável, nunca terá minha aprovação. (ALBERTI, 2012, p.318).

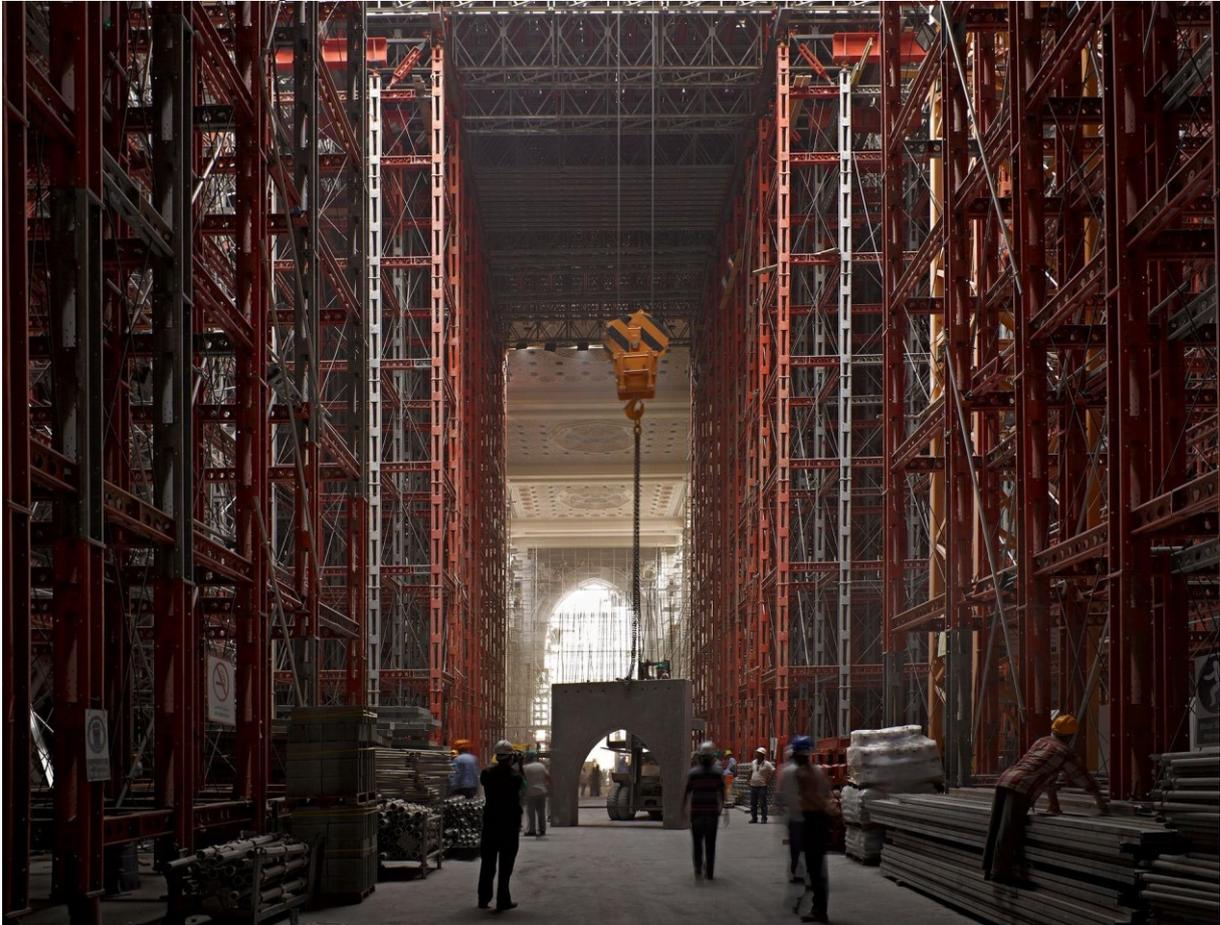
Ao elaborar o conceito, as maneiras e as razões pelas quais se manifesta a *libidine aedificandi*, o arquiteto definiu que essa dita mania de construir está sempre associada a uma mania de destruir. A busca pelo novo e pelo espetacular passa necessariamente pela transformação do terreno natural e pela eliminação e substituição do velho, do antigo, do indesejado, ou seja, de tudo aquilo que possa disputar espaço e atenção com a nova arquitetura.

Os dois conceitos complementares - as manias de construir e destruir - descrevem exemplarmente o tema central deste estudo, o que parece bastante curioso, posto que foram resgatados de uma obra escrita em um tempo e lugar completamente retirados da realidade aqui trabalhada. Mas o *De re aedificatoria*, como é chamado o tratado de Alberti, não é um manual ilustrado de como se produzir boa arquitetura. Seus textos procuram, na verdade, discutir o papel do arquiteto na construção da sociedade e a ética que deve presidir uma boa arquitetura, de modo que não perdem relevância ou pertinência se aplicados em outros contextos. Por esse motivo, recorro à pauta crítica que Alberti fornece, não apenas na utilização do conceito de *libidine aedificandi*, mas também de outros termos retirados de sua obra ao longo de todo esse texto.

Essa mania de construir e a sanha em destruir que é sua companheira são, no caso de Meca, movidas da pressa. A transformação da cidade acontece em um ritmo impressionante, seja pela imensa disponibilidade de recursos financeiros, pela exploração da mão-de-obra barata vinda de outros países muçulmanos ou mesmo para não dar tempo a reações negativas à destruição do patrimônio. Qualquer que seja o caso, essa velocidade requer canteiros de obras que funcionem como linhas de produção e façam amplo uso de peças pré-fabricadas (imagem 01). O problema, este sim muito particular à cultura islâmica, é que este modo de fazer fere um dos princípios mais importantes da arquitetura desta religião: a íntima relação entre aquele que faz e aquilo que é feito. O fazer para o Islã é um ato sacralizado, carregado de subjetivação. Este pensamento, que aqui chamarei de aspecto antropogenético da arquitetura, é a idéia de que o sujeito, ao construir, constrói a si mesmo, e também aparece em Alberti (provavelmente o primeiro teórico ocidental a

identificá-lo)². Mas no caso do Islã o ato é menos pessoal e assume um caráter mais espiritual, religioso.

Imagem 01 - O canteiro de obras da Grande Mesquita.



Fonte: (MATER, 2014).

O ornamento é uma ferramenta devocional: quanto mais tempo o artesão dedica aos complexos padrões decorativos tão típicos da arquitetura muçulmana, mais tempo ele dedica a Deus, como numa espécie de oração. É uma visão sobre o elemento decorativo muito diversa da nossa e, portanto, muito difícil de ser apreendida, ainda mais se nos recordarmos da maneira como o Ocidente se divorciou do ornamento desde o movimento modernista. Compreender os desdobramentos dessa substituição do fazer sacralizado por um fazer mais

² O termo “antropogenético” não é de Alberti. Ele foi utilizado pela historiadora francesa Françoise Choay na introdução de sua tradução para o francês do *De re aedificatoria*.

instrumental - mudança resultante dessa mania de construir - é também o objetivo dessa dissertação.

Além de Alberti, com sua percepção sobre a função antropogenética do ato de construir, outro autor ocidental (este muito mais recente) é fundamental para estabelecer a ponte para a compreensão desta visão oriental sobre o ornamento: o historiador francês Oleg Grabar, que dedicou toda sua produção acadêmica à arte e arquitetura muçulmanas. É das obras deste autor, principalmente de seu *The Mediation of Ornament*, que retiro inclusive parte da terminologia de classificação dos elementos decorativos citada ao longo deste trabalho.

1.2. HIPÓTESE

Meca é um lugar perfeito para que seja investigado o fenômeno da *libidine aedificandi* porque constitui a tempestade perfeita para sua materialização. Essa pulsão, tão própria da natureza humana, jamais se concretizou de forma tão despudorada em nenhum outro lugar do mundo e em nenhum outro período histórico simplesmente porque somente agora, em Meca, foram reunidas todas as condições para que ela se manifestasse completamente - fundamentalismo, recursos ilimitados, poder absoluto, justificativas éticas, morais, práticas e religiosas prontas para serem utilizadas de acordo com a conveniência. Eis, pois, a hipótese que defendo: o caso de Meca poderia ter ocorrido em qualquer cidade do planeta e pode perfeitamente se repetir sempre que a mania de construir, uma condição latente em nossa primeira natureza, não encontrar obstáculos para realizar-se plenamente. Vários destes obstáculos são, inclusive, auto-impostos, ferramentas criadas especificamente para frear esse impulso. É o caso, por exemplo, das legislações urbanísticas com restrições de altimetria ou de área construída. O problema é que, com metrópoles cada vez maiores, um mundo cada vez mais urbanizado e cidades cada vez mais congestionadas, fica cada vez mais fácil justificar essa pulsão e derrubar essas barreiras éticas e legais. Meca já dispôs, inclusive, de ferramentas como essas: nos anos 1950, antecipando a destruição da cidade e o surgimento de edificações cada vez maiores (vistas pelos próprios habitantes como uma violação da santidade da Grande Mesquita) foram estabelecidas regulações urbanas que ditavam o tamanho e a altura máxima das construções no perímetro sagrado - regras que não

perduraram por muito tempo. Meca, com a imensa velocidade e intensidade de suas mudanças, caminha para ser um prenúncio da prática arquitetônica no restante do mundo.

O futuro do urbano não está somente, ou melhor, não está mais, na Europa, e sim nos países não europeus onde megacidades de todo tipo, sob a pressão do número, se estendem de maneira frequentemente disforme. (MONGIN, 2009, p. 19).

Essa hipótese, porém, só fará sentido se for verificado que o gigantismo não é a regra no Islã. Se a religião apresentar uma relação histórica diferente da nossa com a pré-existência, o material, o imaterial, o sentido de construir e com a escala, as conclusões tiradas a partir do caso de Meca não podem ser extrapoladas para a arquitetura como um todo. Se a comunidade islâmica enxergar com bons olhos a destruição da cidade, quase como um mal necessário em nome de um bem maior (a possibilidade da realização da peregrinação por um número maior de muçulmanos), os argumentos em favor de sua preservação simplesmente não farão sentido. Em outras palavras, se a mania de construir não representar uma traição aos princípios morais da arquitetura nesse contexto cultural, esse discurso é invalidado. O próximo passo, então, é procurar ouvir as vozes de satisfação ou de reprovação dentro da própria comunidade islâmica, eliminando assim o risco de um enviesamento apriorístico.

Existe, é verdade, um lugar que reúne todas as vozes anônimas de todos os muçulmanos do mundo - a internet - mas as vozes são tantas que a informação resultante é bastante confusa e, às vezes, conflitante. Mesmo que se tente aplicar uma metodologia de pesquisa para transformar essa cacofonia em algo compreensível (metodologia esta que detalharei mais à frente), sua utilidade prática é limitada. Eis, pois, a necessidade de se buscar autores muçulmanos dedicados ao tema, vozes que se sobressaiam ao ruído. Um desses autores é Ziauddin Sardar, um pensador paquistanês radicado na Inglaterra que conheceu as duas Mecas - a velha e a nova - e produziu uma obra que fala das duas cidades do ponto de vista do visitante, tratando da experiência da peregrinação. Escrito em 2014, *Mecca: The Sacred City* também fala da cidade a partir dos pontos de vista do historiador (com o mais detalhado relato possível da cronologia de Meca, desde os anos pré-Maomé

até os dias de hoje) e do planejador urbano. Sardar integrou nos anos 1970 o Centro de Estudos do *Hajj*, entidade dedicada a mensurar o crescimento da Grande Peregrinação e estabelecer estratégias para que a cidade pudesse comportá-la sem perder aquilo que a fazia única. Ligado a uma universidade controlada pelo governo saudita, o centro teve (como sugere o estado atual de Meca) vida curta e pouquíssimo impacto efetivo. Sardar e seus colegas logo foram vistos como empecilhos para a realização da cidade imaginada pelos monarcas da dinastia Saud. Sua missão, afinal, era conter a desmesura, a destruição do patrimônio – ou seja, conter a mania de construir. Dessa maneira, ele está diretamente ligado ao tema central deste texto e, como não poderia deixar de ser, se converte em um operador importante deste trabalho; o terceiro até aqui (juntamente com Alberti e Grabar). Tanto Sardar como os demais membros de destaque da organização seguem na ativa, zelando pela cidade, ainda que de uma distância segura.

Isso posto, resta ainda nesse primeiro momento discutir a definição do termo que baliza minha hipótese, o que pretendo fazer a seguir.

1.3. DEFINIÇÃO

A questão central apontada acima se apoia em um termo muito particular - a “mania de construir” (e seus complementares). Antes de mais nada, portanto, é fundamental que seu significado seja propriamente discutido e definido. Chamo de particular porque, ainda que alicerçado em diversos autores que escreveram sobre o tema, quero aqui fazer minhas próprias especulações sobre o que exatamente é a “mania de construir” e fazer minhas contribuições pessoais para a definição da expressão.

Alberti, como já dito, foi pioneiro na identificação do problema. Para o autor renascentista, construir seria, grosso modo, a maneira encontrada pelo homem para estabelecer uma determinada ordem ao mundo, a *concinnitas*. O acaso, as intempéries e o assalto do tempo - conjunto de fatores que ele denomina de *fortuna*³

³ A *fortuna* tem a *virtù* como seu contraponto. A *virtù* é definida pela ação deliberada, maturada, ponderada. A primeira é associada à cupidez que dá origem à *libidine aedificandi*. A segunda, à parcimônia que deve ser empregada em seu combate. “A *virtù* combate a própria natureza humana, dirige-se contra nosso estado natural onde impera a *fortuna*. É o imenso poderio desta que exige a

- tendem a reconduzir tudo ao caos e à desagregação. É preciso, então, construir edifícios e cidades que resistam o quanto puderem a essa recondução. O problema, segundo ele, é que o homem possui uma propensão à desmesura. Rendido a essa “mania”, obcecado por criar coisas inéditas (*immoderata rerum novandorum cupiditas*), ele acelera, em vez de retardar, este retorno à desordem. O ato de edificar, que tem como função primeira proteger o homem da *fortuna*, torna-se um dos agentes de sua promoção – a mania de construir, afinal de contas, é companheira inseparável da mania de destruir. Por esse motivo, o arquiteto deve se manter em constante vigilância para não enamorar-se por sua própria (pretensa) genialidade e superar essa propensão natural por projetar edifícios cada vez maiores, mais originais, mais espetaculares. Isso vale também para aquele que encomenda a obra e que vê em seu esplendor a representação material de seu poder, que vê sua magnitude refletida no tamanho da obra.

A pressa que caracteriza a transformação urbana de Meca não é um fenômeno separado ou algo que, por acaso, ocorre paralelamente à mania de construir - ela é parte do processo e condição indispensável a sua realização. O tempo, diz Alberti, é o principal aliado do arquiteto em sua missão de conter a desmesura, a vaidade, a tentação em expressar sua subjetividade. Quanto mais dilatado o momento de ideação, de planejamento, de projeto, menores as chances do edifício ficar condicionado aos impulsos naturais imediatos da subjetividade do homem e se tornar o mau resultado de decisões precipitadas. O tempo também permite o diálogo com os peritos e com aqueles que serão direta ou indiretamente afetados pela construção, resultando em edifícios cuja duração seja garantida pela qualidade da construção e por sua utilidade⁴. É preciso retardar as musas. “Construir não é obra do impulso ou da súbita inspiração, mas de uma reflexão medida, de prudência e de exercício.” (BRANDÃO, 2016, p. 79). Em Meca, o atropelo é tanto e o tempo de ideação é tão curto que é muito comum vermos projetos que vão sendo radicalmente alterados enquanto o edifício vai sendo construído. E tão rápido quanto é construído, o fruto da mania de construir torna-se obsoleto ou deixa de atender

incessante pedagogia albertiana do exercício contra o ócio: qualquer descuido pode ser fatal.” (BRANDÃO, 2000, p. 144).

⁴ Na visão albertiana, a *firmitas* e a *utilitas* vitruvianas são, portanto, interdependentes. Um edifício precisa se manter útil para se manter de pé. A maior glória de um edifício é sua idade, já que sua duração é prova de que ele logrou êxito nas duas frentes.

satisfatoriamente às suas funções e é substituído. Essa urgência aponta para um projeto de permanência e indica uma cidade sem uma versão definitiva. A atual onda de transformação da cidade, tudo leva a crer, será sucedida por muitas outras. Este, enfim, é o papel da prensa na mania de construir. “Frágil, trágica, estética e narcísica”, a natureza humana precisa ser domesticada pela razão, pelo limite, pela promoção do bem comum sobre o interesse particular⁵, coisas que exigem maturação. Do contrário, o que se produz são “edifícios imensos, mas sem significado algum a não ser eles próprios” (BRANDÃO, 2016, p. 48).

A partir dessas aspas, retiradas do livro *Arquitetura, Humanismo e República: A Atualidade do De re aedificatoria*, do professor Carlos Antônio Leite Brandão (que orienta essa dissertação), permito-me fazer uma conexão com outro autor fundamental nesse exercício de definição do termo “mania de construir”: o holandês Rem Koolhaas. Em seu *S, M, L, XL* o arquiteto assim define o termo “automonumento”, de sua autoria:

A partir de uma determinada massa crítica, uma construção qualquer torna-se um monumento, ou pelo menos cria essa expectativa simplesmente pelo seu tamanho, mesmo que a natureza das atividades exercidas em suas dependências não mereça uma expressão monumental. Essa categoria de monumento apresenta uma quebra radical e traumática com as convenções do simbolismo: sua manifestação física não representa um ideal abstrato, uma instituição de importância excepcional, uma articulação tridimensional legível de uma hierarquia social, um memorial; ela simplesmente existe. Tão absurdo é seu volume que é inevitável que se torne um símbolo - um símbolo vazio, disponível para que seja imbuído de qualquer significado que seja, um outdoor pronto para receber uma peça publicitária. Um solipsismo que celebra tão somente a sua existência desproporcional, o descaramento de sua própria criação. Este monumento do século XX é o *automonumento*, e sua manifestação mais pura é o arranha-céu.⁶ (KOOLHAAS, 1997, p. XXVIII, tradução nossa)

⁵ A promoção do bem comum é chamada por Alberti de *bene beateque vivendum* - a arquitetura possibilita que os cidadãos vivam de forma melhor, mais feliz e mais justa.

⁶ Beyond a certain critical mass each structure becomes a monument, or at least raises that expectation through its size alone, even if the sum or the nature of the individual activities it accommodates does not deserve a monumental expression. This category of monument presents a radical, morally traumatic break with the conventions of symbolism: its physical manifestation does not represent an abstract ideal, an institution of exceptional importance, a three-dimensional, readable articulation of a social hierarchy, a memorial; it merely *is* itself and through sheer volume cannot avoid being a symbol - an empty one, available for meaning as a bill-board if for advertisement. It is a solipsism celebrating only the fact of its disproportionate existence, the shamelessness of its own process of creation. This monument of the twentieth-century is the automonument, and its purest manifestation is the skyscraper.

Ao contrário de Alberti, Koolhaas parece mais preocupado em diagnosticar uma característica da produção arquitetônica de seu tempo que em se posicionar favorável ou desfavoravelmente a essa nova categoria de edifício. Em sua condição de estrela da arquitetura contemporânea, nem poderia - ele é ator desse processo. Mas o holandês é o primeiro a alertar, na introdução deste livro dedicado à escala, para a contradição de seu próprio discurso. Sua definição de *automonumento* critica o descaramento da existência desses edifícios, mas deixa transparecer uma certa admiração pela autoconfiança que demonstram, sua falta de remorso em serem o que são. E Koolhaas soa um tanto fatalista em sua visão do porvir, parecendo acreditar na inevitabilidade desse acontecimento. O fato é que, separado de Alberti por meio milênio e concordando ou não com sua postura crítica, Koolhaas confirma a profecia albertiana sobre um possível futuro da arquitetura. E o faz de forma ainda mais contundente quando sugere a criação de outro termo: *Bigness* - assim, sempre iniciado em maiúscula - como que para deixar claro que ele está atribuindo um novo significado a essa palavra a princípio trivial.

O *Bigness* surge quando a arquitetura deixa de ser condicionada pelos sistemas construtivos tradicionais e coincide também com a invenção do elevador, que contribuiu para a viabilidade prática de estruturas cada vez mais altas. Sem um limite definido, limite esse que Alberti acreditava ser tão importante para a prática arquitetônica, a vaidade dos arquitetos os compeliu a experimentar até onde os edifícios poderiam chegar, sem que jamais ponderassem até onde eles deveriam chegar - e o experimento saiu de seu controle. Françoise Choay chama essas obras oportunamente de "altares singulares dedicados ao Deus da técnica". Assim nasceu essa nova categoria arquitetônica na qual o tamanho do edifício, e apenas seu tamanho, é seu programa ideológico.

A partir de um determinado ponto, diz Koolhaas, um edifício rompe com a ideia de escala, com as regras de composição arquitetônica, com a tradição, com a transparência (no sentido de que seu exterior não possui absolutamente nenhuma relação com o interior e sua fachada não é mais capaz de revelar o seu uso) e com a ética do construir. O gigantismo, segundo ele, é amoral (ele apenas existe, é o que é) e o impacto dos edifícios caracterizados pelo gigantismo independe de sua qualidade arquitetônica.

A propósito do *Bigness* de Koolhaas, permito-me um parêntese para explicar outro termo albertiano que se encaixa perfeitamente nessa discussão: a *concinnitas*, uma expressão que pode ser descrita por uma analogia com um coquetel bem equilibrado em que cada ingrediente é igualmente importante para que a bebida seja saborosa. Mais do que isso, a proporção desses ingredientes deve ser respeitada para que se obtenha um bom resultado. Da mesma maneira, cada detalhe possui igual importância na composição de uma fachada, por exemplo, e a harmonia entre os diferentes detalhes é o que faz o todo - desde que cada elemento seja empregado na medida correta. No fim das contas, nenhum detalhe é percebido, apenas o todo, pois nada é acessório. Em outras palavras, não há nada sobrando. Essa mesma relação entre parte e totalidade pode ser extrapolada para a simbiose pretendida entre os edifícios e as cidades, no sentido em que cada construção precisa conhecer seu lugar e seu papel no todo do espaço urbano, respeitar seu entorno e sua posição hierárquica no contexto da cidade. Edifícios de caráter público ou religioso, por exemplo, estão imbuídos de significado, servem à coletividade, e dessa maneira merecem mais proeminência que residências particulares.

Pois para Koolhaas, a proporção e a proeminência (enfim, a *concinnitas*) simplesmente não existem dentro do *Bigness*. De modo nada acadêmico, ele descreve a relação entre o *Bigness* e o entorno com uma frase curta: *fuck context*. O gigantismo tal como descrito pelo arquiteto holandês é, no meu modo de ver, resultado da imoderação, da extinção do limite e antítese da *concinnitas* - exatamente o que Alberti descreve como a *libidine aedificandi*. O edifício que pertence a essa categoria nem ao menos tem a intenção de antagonizar com a *concinnitas* (de si mesmo e da cidade), causando esse desequilíbrio - afinal, o *Bigness* é definido pela ausência de intenção. Mas ele simplesmente não consegue se furtar de ser o que é. Aí reside, para mim, sua maior perversidade: na amoralidade de sua existência, o *Bigness* é isento de responsabilidade, fruto das circunstâncias. A partir desse ponto, o arquiteto e a arquitetura abdicam de sua discussão moral.

Finalizando, quero deixar como contribuição pessoal para a definição do termo uma observação que considero importante. Quando verificamos tudo aquilo que foi escrito por esses autores a respeito da arquitetura da quantidade, pode ficar a princípio a impressão de que só os edifícios sem função podem ser categorizados

como resultado da mania de construir. Não é o caso. Nunca, na história da arquitetura, logrou-se construir absolutamente nada, por mais singelo, que simplesmente não atendesse a nenhum propósito. A pirâmide de Quéops pode parecer um delírio, um desperdício de recursos financeiros, humanos e naturais em nome da vaidade de um único homem, mas é certo que a estrutura tinha uma função simbólica a cumprir. Além de todas as características já levantadas por outros autores e elencadas acima, a mania de construir depende, portanto, de outro aspecto primordial: ela só ocorre, na minha concepção, quando a vontade de construir precede a justificativa para a construção, quando o feito é mais importante que a necessidade atendida pelo edifício ou ainda quando a razão de ser do edifício não passa de um pretexto engendrado para que se justifique a sua construção. Pode-se argumentar que a transformação de Meca jamais poderia ser enquadrada como uma manifestação da *libidine aedificandi* - ora, a cidade encontra-se em uma situação singular e enfrenta um problema cuja solução passa necessariamente pela construção de novos hotéis, rodovias e equipamentos urbanos. Onde estaria, então a mania de construir, se o processo é fruto da necessidade? A questão, todavia, é investigar se a realização toma a dianteira da função. O que é mais importante: ser (auto) monumental ou ser útil à comunidade islâmica? Mais do que isso - seria possível, mesmo diante desse cenário tão desafiador, uma transformação mais equilibrada, mais respeitosa com a cidade? E por fim, até que ponto a justificativa religiosa é atropelada pelo interesse econômico, um ganho financeiro que só beneficiaria a família real, colocando a cidade sagrada do Islã a serviço de um interesse pessoal em prejuízo de uma comunidade internacional de bilhões de pessoas? Outras cidades igualmente pressionadas pela afluência de visitantes em situações tão ou mais desafiadoras (Veneza, por exemplo) conseguiram conciliar estrutura e conservação, entendendo que preservar o que as faz únicas não é uma discussão apenas de patrimônio, mas de manutenção de sua viabilidade econômica.

1.4. METODOLOGIA DE PESQUISA

O estudo da arte e arquitetura islâmicas no Ocidente não é recente, mas até o século XIX esse interesse tinha um caráter de mera curiosidade e a atividade ficava restrita a um pequeno grupo de americanos e europeus fascinados pelo exotismo de

um mundo distante. A postura era condescendente e possuía um forte viés imperialista, de conhecer para dominar. Essa visão orientalista excessivamente romantizada foi substituída no século XX por um interesse legítimo por outras culturas, e a qualidade do material disponível em línguas ocidentais sobre a arquitetura islâmica melhorou sensivelmente.

Tão importante quanto essa mudança de postura foi a mudança na maneira de se encarar esse tipo de estudo, digamos assim, à distância. Hoje não mais se questiona a validade da análise de uma cultura vista através da lente de outra. O esforço de compreensão daquilo que é estrangeiro já não é tratado no meio acadêmico como um exercício impossível ou como uma metodologia equivocada, mas como uma abordagem tão legítima quanto qualquer outra. Cito, a propósito dessa observação, um trecho do prefácio do livro *The Art and Architecture of Islam 1250-1800*, da canadense Sheila Blair e do americano Jonathan Bloom:

Ao contrário de alguns críticos que enxergam um vestígio de colonialismo e uma tentativa de dominação nos orientalistas europeus e americanos, nós não questionamos a validade da tentativa de uma cultura de explicar a outra, mesmo que inadequadamente. Sabemos, no entanto, que esta posição, este método particular, é apenas mais um dentre vários possíveis⁷ (BLAIR, 1994, p. VI, tradução nossa).

É nessa legitimação que se ancora essa pesquisa. É também nessa aceitação do observador externo que defendo minha escolha pelas obras de Alberti e Oleg Grabar (de quem Blair e Bloom foram alunos) como arcabouço teórico para minha crítica. Autores muçulmanos como Ziauddin Sardar, claro, ainda são indispensáveis, e servem para confirmar ou contrariar hipóteses.

A escolha por Grabar já se justificaria unicamente por seu domínio do assunto, mas o reconhecimento alcançado por ele a despeito de sua origem não-muçulmana serve também para respaldar meu percurso até o tema. Filho de André Grabar, um búlgaro que se destacou como um dos maiores especialistas em Império Bizantino do mundo, Oleg não possuía nenhum vínculo sanguíneo ou religioso com

⁷ Unlike some critics who see any approach by European and American “Orientalists” as a vestige of nineteenth-century colonialism and an attempt at domination, we do not question the validity of one culture trying, however inadequately, to “understand” or “explain” the other. We do, however, realize that our position and method are relative and take note that ours is but one possible approach of many.

o Islã, mas isso não impediu que ele se dedicasse ao assunto com afinco. Assim como seus discípulos, ele também escreveu a respeito do olhar “estrangeiro”:

É claro que um observador totalmente mergulhado nas culturas japonesa ou centro-africana irá se identificar com a pintura do Japão ou a escultura do Benin de uma maneira simplesmente inalcançável para outras pessoas, mas isso não invalida o entendimento e a empatia que outros indivíduos possam vir a ter dessas manifestações. Muito se argumenta que a experiência visual de interpretação do “estrangeiro” dificilmente é aceita pelo “nativo” à cultura; mas essa rejeição, seja ela lógica ou intempestiva, não torna essa experiência equivocada ou menos verdadeira. Por essa razão, o conhecimento e o reconhecimento dos monumentos de uma tradição artística (a tradição do período clássico do Islã, neste caso) podem perfeitamente levar a considerações e reflexões aplicáveis a outros tempos e lugares⁸ (GRABAR, 1992, p. 4, tradução nossa).

A aplicabilidade do estudo de uma cultura a outros períodos e tradições, defendida por Grabar no trecho acima, é base também do pensamento albertiano, que costumava “dialogar” com Vitruvius, Plínio e Cícero (que estavam, cronologicamente, bem mais distantes dele que ele de nós). Com isso, quero crer, os dois me autorizam a retirar de Meca lições para a arquitetura ocidental. Como Alberti, todo o conteúdo dessa dissertação vive em um diálogo em teoria impossível: o diálogo entre o lá e o cá, entre o Islã e eu, entre o passado e o presente. Meca só pode ser conhecida pelos seguidores de Alá e essa impossibilidade de visitá-la traz consigo diversos empecilhos, mas essa distância é também um afastamento que permite uma análise menos enviesada e uma crítica menos parcial dos processos que me propus a entender.

Definidos os operadores deste trabalho (Alberti, Grabar, Sardar), resta o desafio da coleta de dados específicos de Meca, de acesso bastante restrito. Obstáculos de ordem física, cultural, religiosa, política e linguística dificultam o trabalho de pesquisa sobre o tema. A internet, as fontes secundárias, as chamadas fontes indiciárias e outros meios não ortodoxos de obtenção de informação (as

⁸ It is, of course, true that a viewer fully immersed in Japanese or west central African culture is bound to be affected by and identify with Japanese painting or Benin sculpture in ways inaccessible to others, but this does not invalidate the understanding and empathy individuals without the same immersion may have of Japanese or West African art. Logically and often in the polemical practice of our time, it is possible to argue that interpretative visual experiences by “aliens” are difficult for “natives” to the culture to accept, but this rejection, logical or visceral, does not make the experience wrong or even untrue. Therefore, the knowledge and awareness of the monuments of one artistic tradition, that of classical Islamic times in this instance, can legitimately lead to considerations applicable to other times and other places.

vozes anônimas a que me referi anteriormente neste texto) são indispensáveis para o desenvolvimento desse trabalho e exigem uma metodologia de pesquisa muito particular. Aqui exponho as estratégias que foram criadas e a maneira como diferentes fontes foram cotejadas para verificar a veracidade das informações obtidas, mas não sem antes demonstrar a real dimensão desse desafio, listando e explicando exatamente quais são os diferentes obstáculos citados acima.

A Arábia Saudita mantém diálogo com o ocidente por razões estritamente econômicas. No que diz respeito aos aspectos culturais, é possivelmente um dos mais fechados países do Oriente Médio, avesso a influências ocidentais consideradas negativas e fiel às antigas tradições islâmicas. A base de seu sistema legal é a *shari'ah*, a rígida lei do Corão retirada de interpretações bastante questionáveis dos textos sagrados do Islã e freqüentemente utilizada como justificativa para violações dos direitos humanos (em especial os das mulheres⁹). Salafismo e wahhabismo, correntes de pensamento que têm a simpatia da família real¹⁰, enxergam ameaças ao Islã até mesmo nos gestos ocidentais mais frívolos, como o uso da língua inglesa, o que agrava a dificuldade imposta pela barreira linguística.

O turismo no país só foi regulamentado em 2015, quando foram emitidos os primeiros vistos para visitantes a passeio (e mesmo estes são liberados em número reduzido). A simples entrada no perímetro sagrado de Meca é, como já dito, expressamente proibida para aqueles que não seguem a religião, o que torna todo relato parcial por natureza (imagem 02). Para que uma pessoa possa visitar a cidade, é necessário que se requisite um visto religioso especial, emitido por um órgão do governo saudita e de difícil obtenção, que garante que apenas

⁹ Mulheres sauditas só passaram a poder ter uma carteira de habilitação em 2017, por exemplo. O acesso a lugares públicos como estádios de futebol era terminantemente proibido até 2018. Mesmo para realizar o *Hajj* (a peregrinação a Meca) elas precisam estar acompanhadas de um guardião do sexo masculino. Em uma passagem ocorrida em 2002, crianças de uma escola para meninas foram proibidas de deixar o edifício em chamas por não estarem adequadamente trajadas para serem vistas em público.

¹⁰ Muitas vezes descritos como seitas, wahhabismo e salafismo tiveram origem na Arábia Saudita e formam a “minoridade dominante” no país. Movimentos jihadistas em todo o mundo árabe declaram os preceitos estabelecidos por essas correntes de pensamento como base de sua ideologia - o caso mais recente é o ISIS (o Estado Islâmico do Iraque e do Levante), que teve seu campo de ação restrito a Iraque e Síria, mas que declarava a intenção de tornar-se a autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo.

muçulmanos¹¹ tenham acesso ao local de peregrinação. A preocupação é tamanha que, mesmo na chegada ao aeroporto de Jeddah (a cidade vizinha onde se localiza o aeroporto por onde chegam os peregrinos internacionais), com o visto em mãos, é possível que alguém seja barrado por não ser considerado “suficientemente muçulmano” (determinadas nacionalidades são menos aceitas que outras e o pouco domínio do árabe também pode determinar essa decisão).

A imprensa local sofre com cerceamento de liberdades - a maioria dos jornais é comandada pela iniciativa privada, mas todos recebem subsídios e são regulados pelo governo. Há uma lei no reino que dita que “o papel da mídia é promover a união nacional”, de modo que todos os periódicos acabam agindo como porta-vozes do Estado.

Imagem 02 - Acesso a Meca e a placa com os dizeres “Muslims Only”



Fonte: (MATER, 2014).

A auto-censura dos meios de comunicação é uma estratégia comum de prevenção de problemas com as autoridades. A cobertura dos acontecimentos é

¹¹ Há alguns casos bastante célebres de ocidentais - muçulmanos ou não - que realizaram a peregrinação, como o inglês Sir Richard Burton e o americano Malcolm X.

repleta de lacunas intencionais. As condições de trabalho dos operários da construção civil que erguem as imensas estruturas da nova Meca nunca é discutida, por exemplo. Em sua maioria imigrantes de outros países muçulmanos mais pobres que a Arábia Saudita, como o Paquistão ou Bangladesh, estes trabalhadores são submetidos a condições análogas à escravidão e têm seus passaportes apreendidos para que não retornem a seus países de origem (imagem 03). Uma questão tão delicada para o governo local jamais será abertamente discutida por um periódico saudita. A imprensa internacional, embora livre dessas amarras, tem sua eficiência como fonte prejudicada por outros fatores. O fascínio do Ocidente com as extravagâncias dos monarcas vizinhos (como os Emirados Árabes) relega ao segundo plano a cobertura daquilo que acontece no reino saudita.

Imagem 03 - Alojamento para trabalhadores da construção civil em Meca.



Fonte: (MATER, 2016).

Neste aspecto, a exceção é o Reino Unido, que mantém estreita relação com os países da região desde que exerceu papel fundamental no reconhecimento do Estado saudita ao fim da primeira grande guerra. Os principais jornais ingleses cobrem com relativa periodicidade os acontecimentos da península arábica e

geralmente adotam postura crítica à maneira como suas autoridades lidam com o planejamento urbano e a preservação do patrimônio de Meca. Mas um país como a Arábia Saudita gera tamanha polarização e é cercado de tanta polêmica que nenhum relato sobre o que acontece no país escapa de um determinado viés ideológico. Em teoria imparcial, principalmente se comparada à imprensa local, a mídia ocidental acaba carregando nas tintas quando escreve sobre o tema, seja por questões políticas, por falta de compreensão do contexto cultural, por preconceito ou até mesmo por lançar um olhar de superioridade, uma visão de um dito mundo civilizado sobre a barbárie do Oriente Médio (a mesma visão orientalista que prejudicava o estudo da arquitetura islâmica no século XIX). Some-se a isso a dificuldade de profissionais contratados por órgãos de imprensa internacionais de exercerem sua profissão em território saudita, e a confiabilidade das fontes fica ainda mais comprometida. Dito isso, é na Inglaterra que muitos jornalistas sauditas e de outros países muçulmanos encontram um canal para expressar suas insatisfações a respeito da gestão da cidade sagrada (Ziauddin Sardar, por exemplo, escreveu colunas dedicadas ao tema para o *The Guardian*). Publicações americanas como o *The New York Times* e a revista *New Yorker* também costumam publicar matérias assinadas por *Hajjis*, oferecendo relatos em primeira mão do que acontece na cidade. Esse material produzido por seguidores do Islã, disponível em inglês e facilmente acessível é de tamanha importância que lhe dedico, com fins de preservação, um anexo desta dissertação com transcrições destas notícias. A internet, como se sabe, não é um repositório seguro de informações - páginas são constantemente apagadas e o acesso às notícias pode ser restrito a assinantes.

Salvo algumas exceções, como as citadas acima, a imprensa americana parece ser excessivamente condescendente com o país árabe. Velha parceira política e comercial dos Estados Unidos, a Arábia Saudita goza de um salvo-conduto dos americanos nas questões de violações dos direitos humanos e relações diplomáticas com vizinhos como o Irã. A preocupação, tanto do governo quanto de boa parte da imprensa, é de não contrariar os interesses de seus únicos aliados nessa região tão estratégica. Um exemplo contundente é a recente instauração de uma lista negra de países muçulmanos cujos cidadãos não podem entrar, em nenhuma hipótese, no território americano. A alegação é o combate ao terrorismo - mas a Arábia Saudita não integra a lista, o que é bastante curioso: dos 19 homens

envolvidos nos atentados de 11 de Setembro de 2001, o mais sangrento da história, nada menos que 15 eram sauditas (3 deles naturais de Meca). A família de Osama bin Laden, mentor intelectual do ataque, é proprietária da empreiteira que toca as obras da cidade sagrada. Enfim, há uma relação de interdependência entre os países (os Estados Unidos precisam do petróleo da Arábia Saudita, que por sua vez precisa dos dólares americanos) que implica em uma certa desconfiança com a utilização da imprensa americana como meio de obtenção de informações sobre o tema.

Uma fonte de extrema importância para pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo, os mapas aqui também não estão totalmente isentos de problemas. Na realidade, um mapa sempre pressupõe a redução de aspectos da realidade. As escolhas do que representar ou quais informações omitir sempre são deliberadas e são carregadas de historicidade, subjetividade e força simbólica. O mapa, enfim, espacializa intenções. No caso de Meca, essa espacialização de intenções é levada ao extremo - porções significativas da cidade, densamente povoadas e cobrindo áreas imensas, simplesmente não são representadas se estiverem no caminho das desapropriações necessárias às obras empreendidas pelo governo. Além disso as informações (as que efetivamente aparecem) estão descritas em árabe e não possuem tradução para o inglês ou outro idioma ocidental.

Infinidamente mais neutras que os mapas são as fotos de satélite. A comparação entre fotos aéreas anteriores à implementação desse grande plano urbano e as imagens mais recentes exhibe a cronologia deste processo de maneira absolutamente imparcial, sem omitir detalhes que possam ser interpretados como desfavoráveis (imagem 04). O acesso a estas fotografias permite a compreensão deste processo de maneira mais eficiente, em certa medida, que a visita ao local. A forma agressiva como um arranha-céu se insere na paisagem urbana e natural é muito mais impactante quando se está sob sua sombra, mas é só através desse acervo de imagens que se revela a existência anterior, naquele mesmo local, de uma colina sobre a qual repousava uma antiga fortaleza. Esta metodologia revelou-se, surpreendentemente, a maneira mais eficaz de se identificar e catalogar todas as obras em andamento, inclusive aquelas que não mereceram grande repercussão na forma de pronunciamentos oficiais ou notícias.

É preciso que se diga, no entanto, que as fotos de satélite revelam-se ineficientes sob um aspecto primordial: a compreensão da escala. A dimensão das edificações, obras viárias e espaços públicos é tamanha que as referências tradicionais, como a utilização de uma escala gráfica ou numérica, não são suficientes para a apreensão de sua verdadeira grandeza. Outro obstáculo imposto pelo governo a essa ferramenta é a ausência das imagens no nível da rua - o Google não tem autorização para implementar o seu serviço de *Street View* em nenhuma cidade saudita. Hoje uma parte indispensável do serviço de mapas e fotos de satélite, ele seria capaz de revelar a cidade de uma maneira muito mais íntima e seguramente resolveria o problema da apreensão da escala. Prova de que, mesmo quando se trata de fotografias, ainda resta saber o que é disponibilizado e o que não é. Chega a surpreender o fato de que ainda seja possível encontrar as antigas fotos de satélite que traçam de forma muito reveladora a transformação da cidade sagrada.

Imagem 04 - Imagem de satélite - A Grande Mesquita de Meca em 2004 e em 2012.



Fonte: Digital Globe (2004, 2012).

Finalizando esta extensa lista de fontes com diferentes potencialidades e deficiências, chegamos à mais importante e, paradoxalmente, aquela que ao menos em tese é a menos confiável de todas: o usuário anônimo da internet. Turistas, moradores, e seguidores da religião que ainda não tiveram a oportunidade de realizar a peregrinação deixam suas impressões nas caixas de comentários dos

portais de notícias, postam seus registros fotográficos, mantêm debates acalorados em fóruns de discussão e repercutem suas viagens a Meca em redes sociais. A população muçulmana no planeta é estimada em quase dois bilhões de pessoas, fiéis que via de regra são muito mais engajados com a prática religiosa que os cristãos, por exemplo. Todos se consideram “proprietários” do patrimônio histórico e religioso de Meca e Medina, a ponto dos reis da Arábia Saudita receberem o título honorífico de “Guardião dos Lugares Santos” (deixando implícita essa condição de que estas cidades pertencem a todos os muçulmanos e de que os monarcas são apenas as pessoas designadas a protegê-las). Com esse forte sentimento de pertencimento, as pessoas reagem de maneira muito passional - seja contra ou a favor - a qualquer mudança que seja anunciada, o que faz com que as discussões nos já citados fóruns chegue a várias centenas de páginas para cada um dos empreendimentos, hotéis, avenidas e ampliações de templos que são divulgados. O caráter cosmopolita e a diversidade de idiomas dos seguidores é impressionante (Turquia, China, Índia, Paquistão, Egito e Irã, por exemplo, possuem grande número de seguidores da religião) e esse cosmopolitismo se reflete em opiniões díspares e informações desencontradas.

Com essas centenas de páginas de relatos sobre o assunto, fica evidente outro problema da utilização da internet como fonte de pesquisa: o excesso de informação. Filtrar esse volume de dados e transformá-lo em algo realmente relevante para a pesquisa é um desafio tão importante quanto a verificação da veracidade dos textos¹². Cada postagem vem associada com uma série de informações indiciárias que revelam muito mais do que o que está escrito na discussão. O país de origem do autor, a vertente religiosa do país e sua relação política/diplomática com a Arábia Saudita dizem muito sobre a opinião de cada um;¹³

¹² No *Skyscrapercity*, fórum de discussões de arquitetura em inglês amplamente utilizado pela comunidade islâmica, apenas a discussão sobre as obras no pátio interno da Grande Mesquita - uma intervenção bem específica - já conta com exatamente 8300 comentários e já foi visualizada mais de 4 milhões de vezes.

¹³ Os casos de Irã e Turquia são emblemáticos. O primeiro é um país muito próximo das fronteiras da Arábia Saudita e representa o grande centro do xiismo (a Arábia Saudita é sunita), o que coloca os dois países em uma posição de confronto e condiciona negativamente qualquer avaliação que um iraniano fizer sobre as transformações em Meca. O segundo rivaliza com os sauditas (e também com os iranianos) na disputa pelo posto de mais importante país muçulmano do mundo. Meca inclusive chegou a ser conquistada pelos otomanos (o Império Otomano ficava na atual Turquia) e várias das estruturas históricas que vêm sendo demolidas pelos árabes datam desse período de dominação

a concordância ou não com os demais relatos, com as informações oficiais e com as notícias da imprensa ocidental deve ser verificada e todas essas devem ainda ser comparadas às fontes visuais (imagens de satélite e fotografias). É nesse sentido que a obtenção de informações se aproxima do trabalho de um detetive. Além do panorama geral, se observarmos os pequenos detalhes que compõem a realidade veremos uma profundidade de dados muito maior e poderemos inferir uma série de hipóteses (que serão confirmadas ou não através do confronto com outras pistas que temos em mãos). Segundo o historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la”. São estes sinais que viabilizam este trabalho.

A propósito das imagens de satélite, voltemos ao problema da apreensão da escala quando se tem uma visão tão deslocada da visão humana. Sem o *Street View* para nos ajudar a solucionar essa dificuldade, o que resta como último recurso é a comparação. A Grande Mesquita e sua colossal ampliação, se colocadas ao lado de uma edificação que nos é familiar (e conhecida por seu tamanho), tornam-se imediatamente mais fáceis de serem compreendidas em sua monumentalidade - e mais impressionantes. As referências de escala urbana de uma grande cidade brasileira (o Parque Municipal ou a Avenida do Contorno, em Belo Horizonte, por exemplo) dão a dimensão das desapropriações e demolições que foram necessárias para abrir espaço para novos projetos. Os números são importantes, mas esse trabalho de justaposição transmite a idéia de forma mais contundente. Em uma pesquisa tão preocupada com a “arquitetura da quantidade” ou a “mania de construir”, esta etapa de comparação com a escala conhecida é das mais importantes.

As fontes indiciárias e a internet não podem ser tratadas como as fontes mais tradicionais e exigem metodologias muito próprias, mas cotejadas com outras informações e com o conhecimento do universo do Islã elas constituem o mais rico acervo de informações a respeito do tema. Recapitulando, podemos identificar quatro principais fontes de informação para nosso caso: informações oficiais, a imprensa ocidental, os relatos de anônimos e as fotos e imagens de satélite.

turca. Tanto Irã quanto Turquia têm ainda a questão étnica que acirra essa rivalidade, já que nem iranianos nem turcos são árabes.

Separadamente, nenhuma delas é suficientemente sólida mas, quando comparadas umas às outras e investigadas como evidências de um acontecimento ou peças de um quebra-cabeças, a realidade dos fatos aparece. A distância física e a impossibilidade de se visitar a cidade podem ser encarados a princípio como barreiras intransponíveis, mas de certa maneira elas podem ser usadas como um fator positivo na busca pelo máximo possível de isenção. Em uma analogia com a pesquisa histórica, essa distância não parece um impedimento ao bom andamento da pesquisa. Da mesma maneira que um pesquisador pode estudar a formação da rede urbana brasileira sem jamais ter visitado uma cidade no início de seu crescimento, lançando mão dos relatos daqueles que realmente estavam lá, é possível que hoje se estude Meca, Medina, a Arábia Saudita ou qualquer outro lugar no planeta sem que se ponha os pés no objeto de estudo. É a internet que, apesar de todas as suas deficiências, nos oferece essa possibilidade.

E é também a internet que, além de todas as fontes citadas nesse texto, facilita o acesso aos bancos de dados digitalizados de grandes bibliotecas e arquivos públicos mundo afora, as fontes mais tradicionais de pesquisa. Apenas no site da Biblioteca do Congresso norte-americano é possível encontrar mais de duzentas publicações sobre este tema especificamente. O site Archnet é uma iniciativa criada pelo *Aga Khan Trust for Culture*¹⁴, pela Universidade de Harvard e pelo MIT para ser um repositório focado em arquitetura, urbanismo, meio-ambiente, paisagismo, artes visuais e questões de preservação de patrimônio relacionados ao mundo islâmico. A quantidade de fotografias e artigos disponível apenas nesse banco de dados já seria em si suficiente para o desenvolvimento de uma dissertação sobre este caso.

Cito ainda, como peça final deste apanhado de fontes de pesquisa, a extensa bibliografia escrita na Europa no século XIX - não pela sua confiabilidade, mas justamente para não incorrer nos mesmos erros desta literatura que já chamamos aqui (pejorativamente) de “orientalista”. O inglês Sir Richard Francis Burton - explorador, geógrafo, tradutor, escritor, militar, orientalista, cartógrafo, etnólogo, espião, linguista, poeta, esgrimista e diplomata - permanece como um dos únicos

¹⁴ A instituição organiza um prêmio anual, entregue a uma personalidade de destaque por suas contribuições para o estudo, preservação e difusão da arquitetura islâmica pelo mundo. Apenas um dos agraciados com este prêmio não é nem arquiteto, nem muçulmano: Oleg Grabar.

ocidentais não-muçulmanos a terem visitado a cidade (ao que se sabe, em toda a história o total de homens a realizar esta façanha foi de 16). Disfarçado como um dervixe afegão e munido de seu árabe sem sotaque, ele realizou a peregrinação em 1855 e registrou a experiência em um livro. Seu *A Personal Narrative of a Pilgrimage to al-Madinah and Mecca* (1857) relata a cidade em outro tempo e através de um olhar muito particular.

O holandês Christiaan Snouck Hurgronje era um estudioso das culturas e línguas orientais e se converteu ao Islã, embora sem nenhuma convicção espiritual - seu único intuito era poder visitar a cidade, realizar a peregrinação e escrever um livro sobre a experiência. Inicialmente escrito em alemão, o tratado recebeu em sua tradução para o inglês o título de *Mekka in the Latter Part of the 19th Century*, e é focado não nos aspectos arquitetônicos e religiosos da cidade, mas no dia-a-dia da população residente (o autor viveu em Meca por anos e também publicou dois livros de fotografias da cidade, *Bilder aus Mecca* e *Bilderatlas zu Mekka*).

Christians at Mecca é uma coleção de narrativas que resume as viagens realizadas por diversos viajantes europeus para a cidade santa muçulmana, começando com Ludovico di Varthema, que visitou a cidade em 1503, e terminando com Jules Gervais-Courtellemont, cuja visita ocorreu em 1894. Trata-se de uma compilação que reúne em um só volume todos os 16 viajantes citados anteriormente, Burton e Hurgronje entre eles. Outros ocidentais (estes muçulmanos) também escreveram sobre a experiência, como foi o caso do ativista americano Malcolm X (que realizou a peregrinação em 1964), mas poucos descreveram a cidade com tanta minúcia quanto o inglês e o holandês. Ainda há o caso de Hafiz Ahmed Hassan, que não era ocidental mas, tendo nascido na Índia sob o jugo do Império Britânico, optou por realizar toda sua produção literária na língua do colonizador. Ele visitou tanto Meca quanto Medina no ano de 1870 e, ao final deste mesmo ano, publicou seu *Pilgrimage to the Caaba and Charing Cross*. Chama a atenção seu interesse pela descrição dos edifícios, dos arredores e do porto de Jeddah, a cidade vizinha que sempre foi a porta de entrada de Meca para os peregrinos internacionais (antes pelo porto, hoje pelo aeroporto internacional).

Escritores como Burton não devem, como já dito, ser utilizados como fonte de rigor científico, mas a verdade é que eles acabaram contribuindo com a pesquisa do tema simplesmente por terem despertado o interesse ocidental na cultura do Oriente

Médio, pavimentando o caminho percorrido posteriormente por historiadores menos afeitos a liberdades criativas¹⁵. Nesse sentido, o presente trabalho se deve também a esses autores.

¹⁵ É de Burton, inclusive, a mais importante tradução para o inglês do clássico *As Mil e uma Noites*, uma obra que já havia chegado à Europa um século antes por intermédio de outro orientalista, o francês Antoine Galland, e que mudou radicalmente a atitude européia para com o mundo islâmico.

2. BREVE HISTÓRIA DA MANIA DE CONSTRUIR NA ARQUITETURA ISLÂMICA

Expostas as estratégias utilizadas para a elaboração de uma completa descrição da configuração urbana e dos processos em curso na cidade de Meca - ou, pelo menos, da mais completa descrição possível, dadas as condições peculiares deste trabalho - resta ainda um último passo na etapa de pesquisa. Conhecer a cidade e suas transformações é, naturalmente, fundamental para que se possa criticá-la satisfatoriamente, mas essa crítica precisa também ser baseada em um conhecimento abrangente da arte e arquitetura islâmicas, da Península Ibérica à China, dos Omíadas aos Otomanos, do séc. VII aos dias de hoje. Sem este conhecimento, a barreira cultural que nos separa de Meca torna-se intransponível. Tomemos o exemplo do gigantismo, uma das grandes motivações deste estudo: sem uma investigação de toda a história da arquitetura islâmica, não há como afirmar com segurança se essa característica é uma anomalia da Meca contemporânea ou se ela encontra paralelos em outros locais e períodos. A hipótese tomada como ponto de partida é a de que a mania de construir não é a regra, mas um estudo focado nessa preocupação pode revelar que este é um dos aspectos definidores da arquitetura muçulmana.

A revisão a seguir deve muito, como já dito, aos estudiosos ocidentais do Islã. Além de Oleg Grabar, as principais fontes de informação são o alemão Richard Ettinghausen (nascido em 1906 e falecido em 1979) e o casal Sheila Blair e Jonathan Bloom, que seguem vivos e dando continuidade ao trabalho iniciado pelos dois primeiros. Destaco aqui os autores e suas idades não apenas para dá-los o crédito devido, mas para chamar atenção ao fato de que o estudo acadêmico, sistematizado e criterioso da arquitetura islâmica é recente. As obras que servem de apoio às linhas que se seguem foram publicadas a partir da segunda metade dos anos 1980 e não têm tradução para o português, o que vejo como justificativa adicional para a inclusão deste capítulo. Não pretendo, no entanto, me deter demasiadamente nesta etapa para não correr o risco de transformá-la em um apanhado de conhecimentos prévios, de informações que são importantes para mim por terem culminado neste trabalho, mas que não necessariamente devem fazer

parte dele. Em vez disso, minha preocupação se restringe a levantar os casos emblemáticos na história que dizem respeito diretamente ao tema da “mania de construir”, cidades e edifícios ou modos de pensar a arquitetura que indiquem claramente qual a relação do Islã com o gigantismo: em quais momentos históricos a arquitetura muçulmana demonstrou predileção por uma monumentalidade injustificada e, por outro lado, quando o Islã se recolheu à moderação, à parcimônia e à modéstia como demonstração de respeito perante o divino - é isso que me limitarei a explorar neste capítulo, discriminando os casos selecionados por região e período histórico.

Embora a preocupação aqui seja menos com os aspectos políticos e religiosos e mais com a arte e a arquitetura, essas categorias são mais imbricadas no Islã do que, creio eu, em qualquer outra religião. Existe também uma diferença de abordagem, explicada pelo fato do estudo do Islã ser recente, que contribui para isso. Abandonado o vício novecentista de se apresentar a historiografia da arquitetura por uma história de gramáticas visuais compartimentadas (método que foi utilizado para o estudo de toda a arquitetura ocidental) o estudo conduzido por esses historiadores é muito mais pautado pelos impérios ou, para utilizarmos o termo mais adequado a nosso caso, pelos califados. Os “ismos” são substituídos por termos como “Fatimida” ou “Timurida”, associados às famílias dominantes. Não é uma alternativa perfeita à história contada pelos estilos, mas o fato é que a história do Islã é sem dúvida uma história das dinastias. Dessa forma, os períodos históricos de maior pendor pelo colossal ou pelo delicado não serão discriminados por uma nomenclatura estilística. Em vez disso, serão definidos por quais eram os centros de poder e quais eram as dinastias dominantes no momento em que foram construídas determinadas estruturas.

2.1. ANTES DO ISLÃ

O território da atual Arábia Saudita não tinha muito o que oferecer em termos de tradição construtiva e arquitetônica antes de Maomé. A maioria da população vivia em tendas, não construía estruturas permanentes e seu estilo de vida nômade não tinha lugar para a figura do artesão. A *Ka'aba*, em Meca (que será exaustivamente citada nos capítulos subsequentes deste texto), santuário mais

sagrado da península, era uma edificação extremamente simples, encimada por uma cobertura plana sobre colunas de madeira que até apresentavam certo refinamento, mas foram construídas já no séc. VII por um cristão copta¹⁶, e não por um artífice local. Os afrescos (já perdidos) de seu interior datam do mesmo período e também são provavelmente o resultado de influências estrangeiras. Enfim, mesmo o mais importante e conhecido monumento de toda a Arábia, venerado por todas as tribos da região, não se tratava de nada impressionante do ponto de vista da arquitetura.

Curiosamente, os monumentos deixados pelo Império Palmirense e pelos Nabateus em suas espetaculares cidades de Palmira, na atual Síria, e Petra, Jordânia, não deixaram nenhuma marca na arquitetura islâmica primitiva. Mais importantes nessa formação foram os Lacmidas, ao Norte (no atual Iraque) e os lemenitas, ao Sul, famosos por seus grandes palácios cuja escala e beleza permaneceram no imaginário popular mesmo após o declínio ou desaparecimento dessas civilizações, presentes nos poemas e na tradição oral dos árabes. Os relatos - muitas vezes exagerados - de suas edificações luxuosas, com até vinte andares, repletas de cúpulas e obras de arte, alimentaram a imaginação dos primeiros muçulmanos e serviram de inspiração para sua própria arquitetura.

Eis aí a primeira manifestação da mania de construir na cultura islâmica: alimentados pela imagem idealizada de uma civilização supostamente responsável por grandes (em todos os sentidos) realizações arquitetônicas - realizações estas que, tudo indica, foram muito mais modestas na realidade - os primeiros muçulmanos inadvertidamente inseriram na carga genética de sua cultura um fascínio pelo grandioso que volta e meia insiste em emergir na forma da *libidine aedificandi*.

Como se vê, a contribuição dos antigos povos árabes e mesmo dos primeiros muçulmanos naquilo que posteriormente veio a se tornar a arquitetura islâmica é pouco significativa, restrita a conceitos e idealizações. A única edificação do período que causou impacto na produção arquitetônica posterior foi a casa do Profeta Maomé em Medina. O rápido desenvolvimento da nova religião transformou o que era apenas uma residência particular em um local de oração e encontro dos seguidores, de tal modo que sua planta se tornou um modelo para a tipologia básica

¹⁶ Os coptas são cristãos ortodoxos egípcios e constituem uma das comunidades mais antigas associadas ao cristianismo. Também estão presentes, em menor número, na Líbia e no Sudão.

do templo muçulmano. A Grande Mesquita de Meca precede a criação do Islã, assim como o próprio termo árabe para mesquita (*masjid*) - por essa razão, a casa do profeta pode ser considerada a primeira mesquita genuinamente muçulmana.

2.2. OS OMÍADAS E O DOMO DA ROCHA, EM JERUSALÉM

Quem se aproxima de Jerusalém a partir do Sul, como era o caso da maioria dos viajantes durante a Idade Média, tem como primeira imagem da cidade o dourado reluzente do Domo da Rocha, visto de uma grande distância. Depois de percorrer o labirinto de ruas da Cidade Velha, o visitante pode finalmente apreciar a edificação do séc. VII em toda sua glória ao chegar ao topo do Monte do Templo, em um enorme espaço aberto e plano conhecido como *al-Haram al-Sharif* - ou o Nobre Perímetro Sagrado. O local abriga diversas construções: a Mesquita de al-Aqsa, fontes e madraças. A plataforma data dos tempos de Herodes (séc. I d.C.) e foi terraplanado com a ajuda de grande muros de contenção para abrigar o Templo Judeu. O Domo da Rocha está assentado no centro deste espaço, sobre um patamar ainda mais alto (imagem 05).

Construído pelo Califa Omíada Abd al-Malik em 691, o domo é a mais antiga dentre as estruturas remanescentes no local. Seu propósito original é debatido até hoje pelos especialistas em arquitetura islâmica. O monte em que está assentado é um pedaço de terra de grande importância nas tradições judaica e cristã; antes de dar lugar ao segundo templo dos judeus (este citado acima), nele ficava o Templo de Salomão e, de acordo com a tradição judaico-cristã, foi onde Abraão levou seu filho Isaac para ser sacrificado. Diversas passagens da vida de Cristo também tiveram como palco esta elevação.

De acordo com a atual tradição islâmica, o Domo da Rocha foi erigido para celebrar a história da jornada do Profeta Maomé e sua ascensão aos céus. Acredita-se que, enquanto dormia, Maomé foi levado de sua casa em Meca pelo Arcanjo Gabriel, que o transportou em um lendário cavalo chamado al-Burak até o alto deste monte em Jerusalém, de onde ele subiu ao paraíso e finalmente pôde encontrar Alá sentado em seu trono.

A história data dos tempos do profeta, mas sua ligação com o Domo da Rocha só surgiu várias décadas após sua construção. Tudo indica, portanto, que o

verdadeiro propósito da estrutura seja a celebração da vitória do Islã sobre as demais religiões monoteístas (cristianismo o judaísmo).

Imagem 05 - Vista aérea do Domo da Rocha.



Fonte: Fine Arts Library, Harvard College Library, 1970.

Eis a importância do templo na narrativa da mania de construir na história do Islã. Embora não seja particularmente grande, o edifício é a primeira demonstração de algo que, assim como as histórias dos Lacmidas e dos lemenitas, constitui um elemento fundador do pensamento da religião muçulmana: no que diz respeito às duas civilizações pré-islâmicas, a crença de pertencer a uma tradição magnífica; no caso dos Omíadas, a ideia que a arquitetura pode e deve ser utilizada como demonstração de poder, de triunfo de uma religião sobre as outras. Por ser a mais recente dentre as três grandes religiões abraâmicas, o Islã demonstra em diversos momentos da história uma necessidade de afirmação que muitas vezes se manifesta, mais uma vez, pela *libidine aedificandi*.

2.3. OS ABÁSSIDAS E SAMARRA, NO IRAQUE

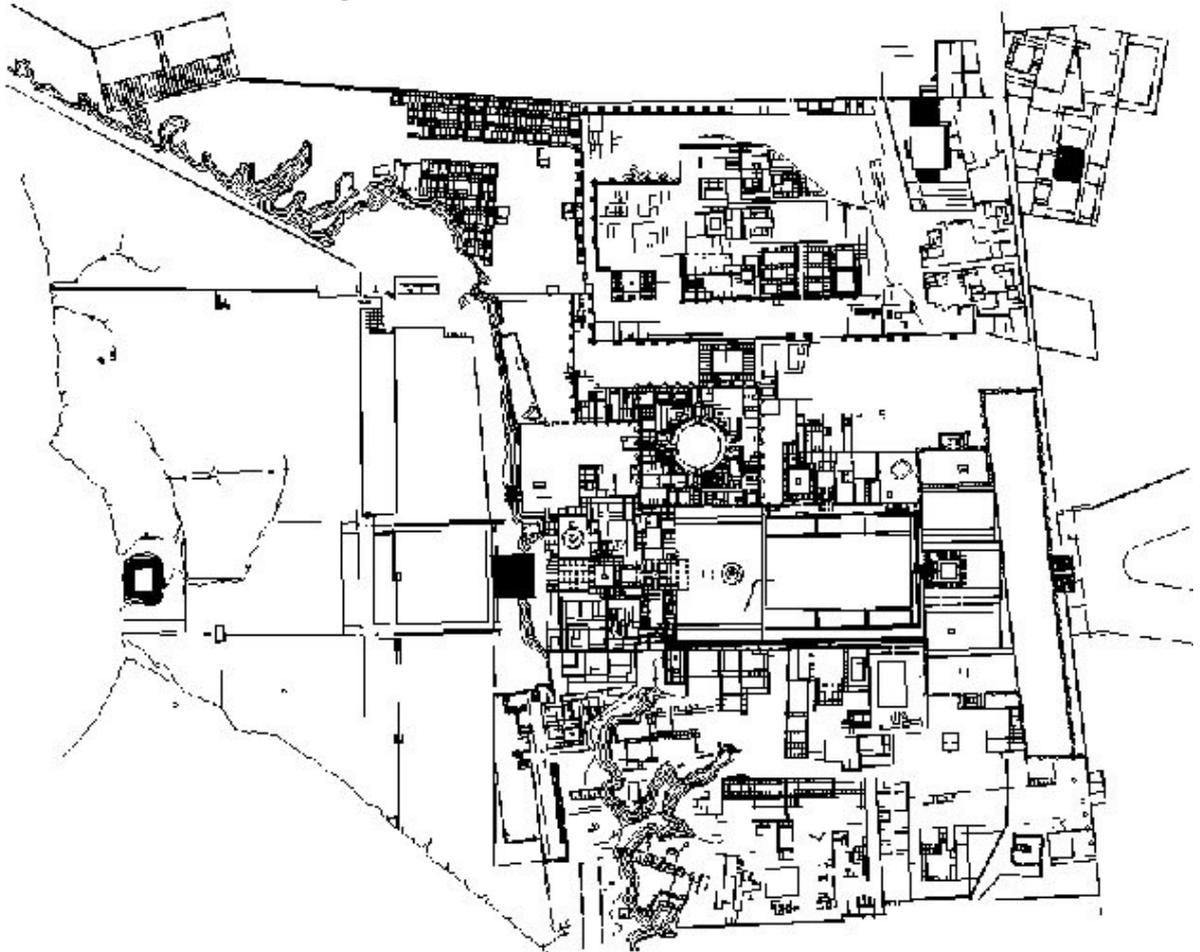
Durante o período Abássida, que durou de 750 a 950, o caso que mais contribui para esse estudo é o da cidade de Samarra, no que hoje é o Iraque. Para marcar o surgimento e celebrar a glória do novo califado, que sucedeu o período Omíada, os abássidas resolveram fundar uma nova capital a uma distância de apenas 100 quilômetros da ainda pujante Bagdá, centro administrativo, religioso e cultural da dinastia anterior. A condição de Samarra como capital do mundo islâmico durou menos de 50 anos (entre 836 e 883) mas, mesmo nesse curto período, diversos edifícios notáveis foram construídos. A cada vez que um novo califa assumia, ele tentava a todo custo superar as obras de seus antecessores.

Cada governante abássida construiu seu próprio palácio, e todos chamavam a atenção pela escala monumental - o tamanho era sempre a qualidade mais importante dessas construções. No geral, a tipologia era sempre muito semelhante: imensos complexos amuralhados com intermináveis sucessões de apartamentos, pátios, salas, corredores e grandes ambientes cujas funções são hoje desconhecidas (imagem 06). “De Bagdá, uma cidade em forma de palácio, o centro do mundo islâmico havia se transferido para um palácio do tamanho de uma cidade” (ETTINGHAUSEN; GRABAR, 1987, p. 86, tradução nossa)¹⁷.

Ainda mais relevantes para essa discussão que os palácios imperiais, Samarra abriga ainda hoje as ruínas de duas imensas mesquitas. São muito conhecidas pelos seus inusitados minaretes em espiral, que inspiraram a maior parte das representações medievais da Torre de Babel, mas o mais importante aqui mais uma vez é a escala das duas construções. A maior delas (conhecida apenas como Grande Mesquita, imagem 07) tem uma planta em retângulo com impressionantes 376 por 444 metros, delimitada por altas paredes de tijolos de barro reforçadas por imensos contrafortes semicirculares que contribuem para a sensação de escala do complexo. A segunda, chamada de Mesquita de Abu Dulaf, não fica muito atrás em tamanho - são 350 por 362 metros.

¹⁷ Their most striking feature is their size. All are huge walled compounds with endless successions of apartments, courts, rooms, halls and passageways, whose functions are not known. From a city in the shape of a palace, as Baghdad was, we have moved to a palace the size of a city (ETTINGHAUSEN, GRABAR, 1991, p. 83).

Imagem 06 - Palácio do Califa al Mu'tasim



Fonte: Samarra Archeological Survey, 1984

A suspeita de que as proporções exageradas dos dois templos sejam fruto da mania de construir levada a suas últimas consequências é facilmente confirmada pelo fato de que ambas foram construídas pelo mesmo califa, num curto intervalo de tempo e numa cidade cuja população não era suficiente para ocupar totalmente nem mesmo uma delas. Sua escala encontra justificativa exclusivamente na exigência que as estruturas religiosas da cidade fossem capazes de acompanhar a megalomania dos palácios e demais estruturas civis de Samarra¹⁸. Em respeito ao criador, as mesquitas não poderiam ficar pequenas em comparação àquilo que era o domínio de suas criaturas.

¹⁸ The inordinate size of these buildings is to be connected with the grandiose scale of all Samarra constructions and not with the need to house a sizeable population (ETTINGHAUSEN, GRABAR, 1991, p.92).

Imagem 07 - A Grande Mesquita de Samarra.



Fonte: Samarra Archeological Survey (1983).

2.4. OS FATÍMIDAS E A MESQUITA DE AL-HAKIM, NO CAIRO

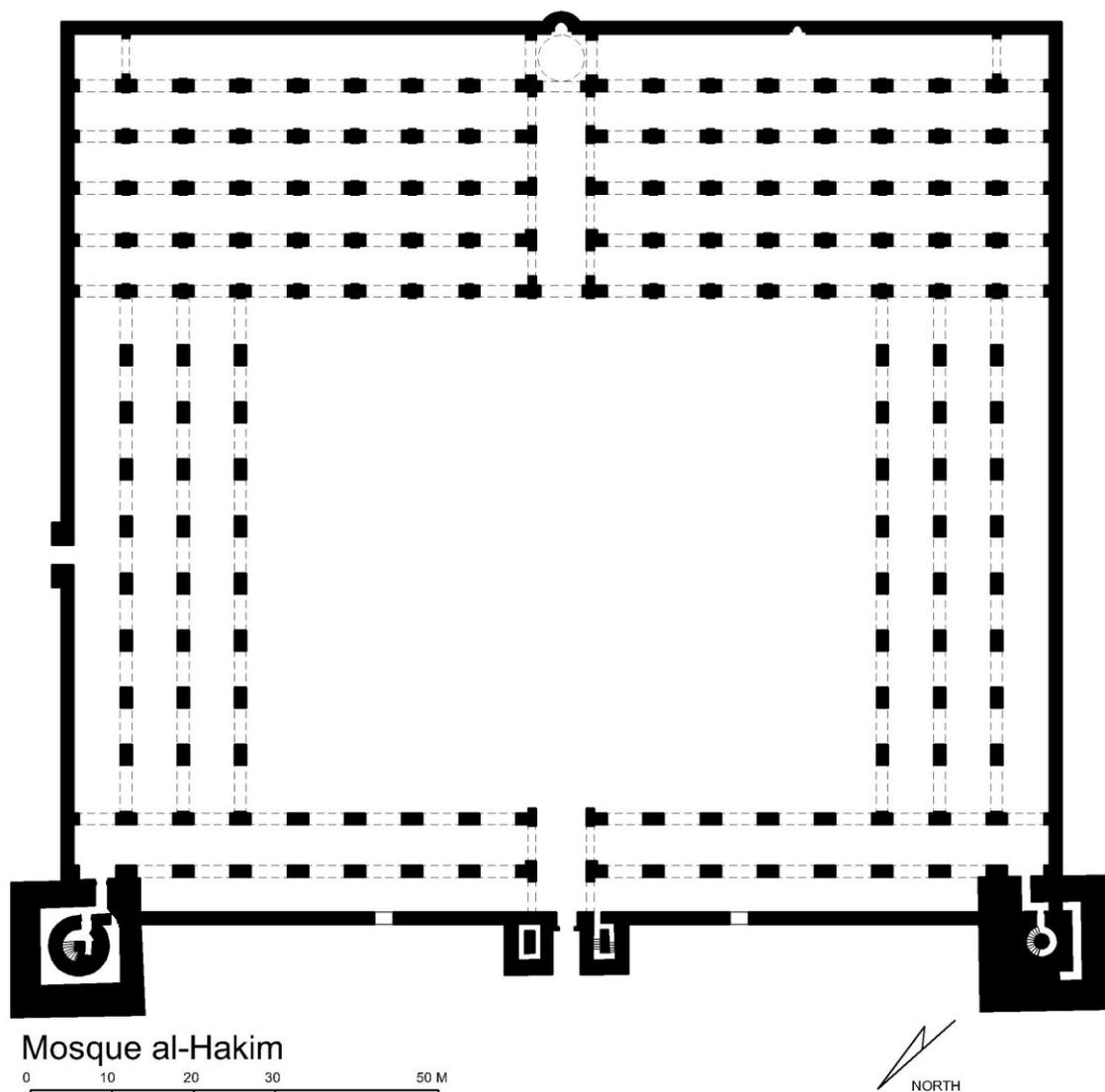
O Califado Fatímida (910 a 1171) transferiu o centro do poder da comunidade islâmica internacional para o Norte da África e fundou capitais primeiramente no atual território da Tunísia e, pouco mais tarde, no Egito. Dentre as dinastias do período clássico do Islã é aquela que apresentava mais gosto pela pompa imperial. O centro do mundo Fatímida era a cidade de al-Qahira, que em árabe quer dizer “a triunfante”, o atual Cairo. Sem paralelo no planeta em quantidade e variedade estilística de mesquitas, é no Cairo que está localizada mais uma edificação emblemática para a *libidine aedificandi* no Islã: a Mesquita de al-Hakim (construída entre 990 e 1013).

Medindo 121 por 131 metros (imagem 08), o templo não figurava entre os maiores da história da religião até aquele momento mas, por outro lado, a Mesquita de al-Hakim não era uma mesquita congregacional¹⁹. Hoje ela está em um contexto

¹⁹ A mesquita da congregação, conhecida como *jama masjid*, mesquita de sexta-feira ou mesquita catedral é a principal ou uma das principais mesquitas de uma determinada cidade, único tipo de

urbano de grande densidade populacional, mas quando foi construída a mesquita ficava fora dos muros da cidade e a uma distância considerável de seu centro, em uma área praticamente inabitada, o que de modo algum justificava uma construção de grandes dimensões como essa.

Imagem 08 - Planta da Mesquita de al-Hakim



Fonte: Nasser Rabbat / Aga Khan Program for Islamic Architecture, MIT, 2003

O entendimento dos historiadores contemporâneos é de que esta era a mesquita imperial. Sua função primordial era de enfatizar o controle secular e religioso do califa sobre a comunidade. Al-Hakim era portanto um imenso santuário

edificação capaz de abrigar toda a comunidade religiosa para a mais importante oração da semana islâmica, que idealmente deve ser realizada em conjunto: a oração do meio-dia de sexta-feira.

real, isolado da cidade e próximo dos mausoléus dos fatímidas²⁰. A mesquita congregacional da capital (conhecida como al-Azhar), aquela que realmente servia à coletividade, era consideravelmente menor; suas dimensões eram de apenas 85 por 69 metros.

A segunda metade do Califado Fatímida é marcada pela escala reduzida das mesquitas. A partir de 1060 nenhuma nova mesquita congregacional é construída. A preferência passa a ser por edifícios bastante modestos em tamanho (com fachadas que não alcançavam os 20 metros), de caráter local, construídas por um único patrocinador em benefício de uma pequena comunidade. Comumente instaladas em locais bastante povoados para atender a populações sem acesso a mesquitas maiores, essas edificações se colocavam no tecido urbano já consolidado como podiam, respeitando as residências em seu entorno e o traçado irregular das ruas do Cairo, o que resultava em plantas bastante irregulares e peculiares, únicas na história da arquitetura islâmica. Essas mesquitas, perfeita materialização da *concinnitas* albertiana, representam em todos os sentidos o extremo oposto da mania de construir da grande al-Hakim, um arroubo da mania de construir de um califa.

2.5. O ENGENHO DA ARQUITETURA DO IRÃ NOS SÉCULOS XI E XII

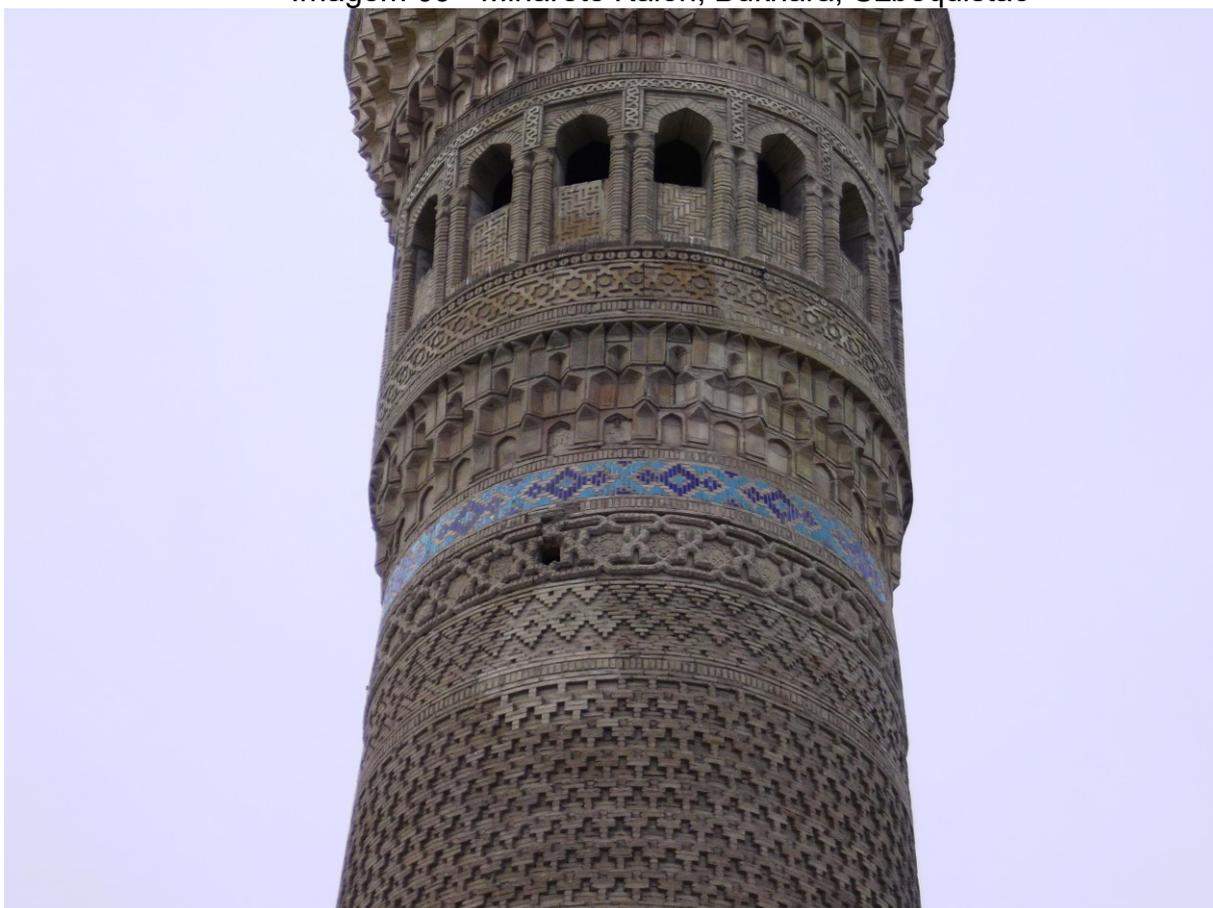
Os séculos XI e XII no Irã e na Ásia Central foram um período de grande amadurecimento para a arquitetura muçulmana, o momento em que o Islã definitivamente estabelece vernáculo, tipologia, tradição decorativa e elementos arquitetônicos particulares. Inovações como o *pishtaq*, o minarete independente da mesquita e de planta circular, o *caravanserai* e a mesquita de quatro *iwans* (tipologia que mais tarde foi adotada como regra em todo o mundo islâmico), além de uma grande evolução na arquitetura funerária, são algumas das principais contribuições

²⁰ Os fatímidas davam especial atenção a seus mausoléus, fato que não era exclusividade da realeza. Um belo túmulo era um bem de consumo. Embora fossem construções relativamente simples, eram monumentos de escala considerável e quase sempre contavam com cúpulas elaboradas. As demonstrações de poder e riqueza na forma de grandes edificações funerárias eram uma prática contrária aos preceitos religiosos, o que provavelmente explica a escolha por uma tipologia bastante aberta, arejada, semelhante à de um arco triunfal de quatro lados: o cidadão que construísse para si este tipo de monumento poderia justificar sua pulsão ao dizer que a estrutura não se tratava propriamente de um edifício, e que portanto não contrariava a religião. A mania de construir sempre vem acompanhada de uma bem-tramada explicação.

dos iranianos para a posteridade. Mais importantes que todas essas realizações, porém, aqui me interessa principalmente a maneira como foram realizadas. O refinamento da linguagem arquitetônica, a riqueza da região e a escala ambiciosa de algumas das construções dessa era, como a Grande Mesquita de Isfahan, sugerem uma arquitetura rica, majestosa, opulenta, áulica, que demonstre materialmente o poder dessas cidades através do emprego do mármore e do ouro em sua decoração. Ao contrário, a arquitetura da Idade Média no Irã e na Ásia Central é o apogeu do tijolo.

O tijolo é material onipresente nas paredes, nas estruturas, nas abóbadas, nas cúpulas e na decoração. O tijolo empregado na decoração é o mesmo tijolo da própria alvenaria, aquele que suporta as edificações. Para criar os elementos decorativos, eles apenas são dispostos em padrões geométricos em vez de serem empilhados horizontalmente em fileiras (imagem 09).

Imagem 09 - Minarete Kalon, Bukhara, Uzbequistão



Fonte: Fotografia do autor (2012).

Além desta, a única técnica empregada na ornamentação das mesquitas é o estuque, igualmente acessível. A riqueza dessa arquitetura não está no material empregado em sua construção, mas no engenho dos arquitetos e construtores. É um período marcado pela “constante procura por meios baratos de se obter grandes efeitos visuais” (ETTINGHAUSEN; GRABAR, 1987, p. 278, tradução nossa).

Os séculos posteriores viram a crescente adoção do azulejo na arquitetura. Os iranianos começaram a usá-lo timidamente, como forma de destacar elementos importantes da composição, como a cúpula ou o *pishtaq*, mas com o passar do tempo e a evolução das técnicas de vitrificação o azulejo passou a revestir toda a superfície das edificações, tanto interna quanto externamente. Embora mais sofisticado e dispendioso que o tijolo, o azulejo ainda se encaixava na filosofia de buscar um efeito visual impressionante com o emprego de materiais simples e acessíveis. O único investimento significativo era o trabalho do artesão - um investimento decoroso por seu aspecto devocional²¹.

Este período de grande inventividade na arquitetura iniciado no séc. XI foi interrompido pela invasão Mongol no fim do séc. XIII. O maior império contíguo da história da humanidade interrompeu a evolução arquitetônica do Islã, que só seria retomada nos últimos dias do séc XIV, com a ascensão de Timur (uma figura histórica que ficou conhecida no Ocidente pelo nome de Tamerlão).

2.6. A AMBIÇÃO IMPERIAL DOS TIMURIDAS

Timur nasceu na Ásia Central em um território que, com o fim do Império Mongol, havia voltado ao sistema tribal. Com grandes aspirações, alimentadas pela crença de que descendia do grande Genghis Khan, Timur se aproveitou deste cenário favorável e rapidamente conquistou o seu próprio império. O território sob seu domínio ia do Irã ao Turquestão (região na Ásia Central composta por diversas ex-repúblicas soviéticas), passando por Anatólia (na atual Turquia) e Mesopotâmia. Timur fundou diversas capitais ao longo de sua vida - Bukhara, Herat, Samarkand,

²¹ O ornamento com grande riqueza de detalhes mas elaborado com materiais simples e baratos tornou-se uma marca registrada da arquitetura islâmica, com diversos outros exemplos em diferentes épocas e lugares, além destes citados acima. O Alhambra, palácio imperial construído pelos Nasridas em Granada, na Espanha (a maior parte no séc. XIV), é o exemplo mais emblemático dessa filosofia. As *muqarnas* e as fachadas ornamentadas com intrincados motivos geométricos foram inteiramente realizadas com materiais como estuque e gesso.

Shahr-i Sabz - e todas tinham algo em comum: elas correspondiam, tanto em escala quanto em esplendor, à grandeza do poder Timurida.

Em Samarkand, Timur construiu uma mesquita tão grande em honra de sua esposa que ela acabou se tornando o templo congregacional da cidade. Mestres de cantaria, artesãos e construtores, vindos principalmente do Irã e da Índia, foram levados até a capital para erigir e decorar o enorme edifício. Também em Samarkand, deu início à construção de um esplendoroso complexo funerário que mais tarde foi seguidamente ampliado por seus sucessores. O pendor pela monumentalidade inaugurado por Timur foi herdado principalmente pelo filho Shahrukh e pelo neto Ulughbeg. Este último construiu, ainda em Samarkand, uma *madrassa* de tamanho nunca antes visto na história - seu *pishtaq* tinha uma altura de mais de 35 metros. A praça em que se localizava, conhecida como *Registan*, era igualmente monumental. O conjunto, feito para impressionar, atinge seu objetivo ainda hoje.

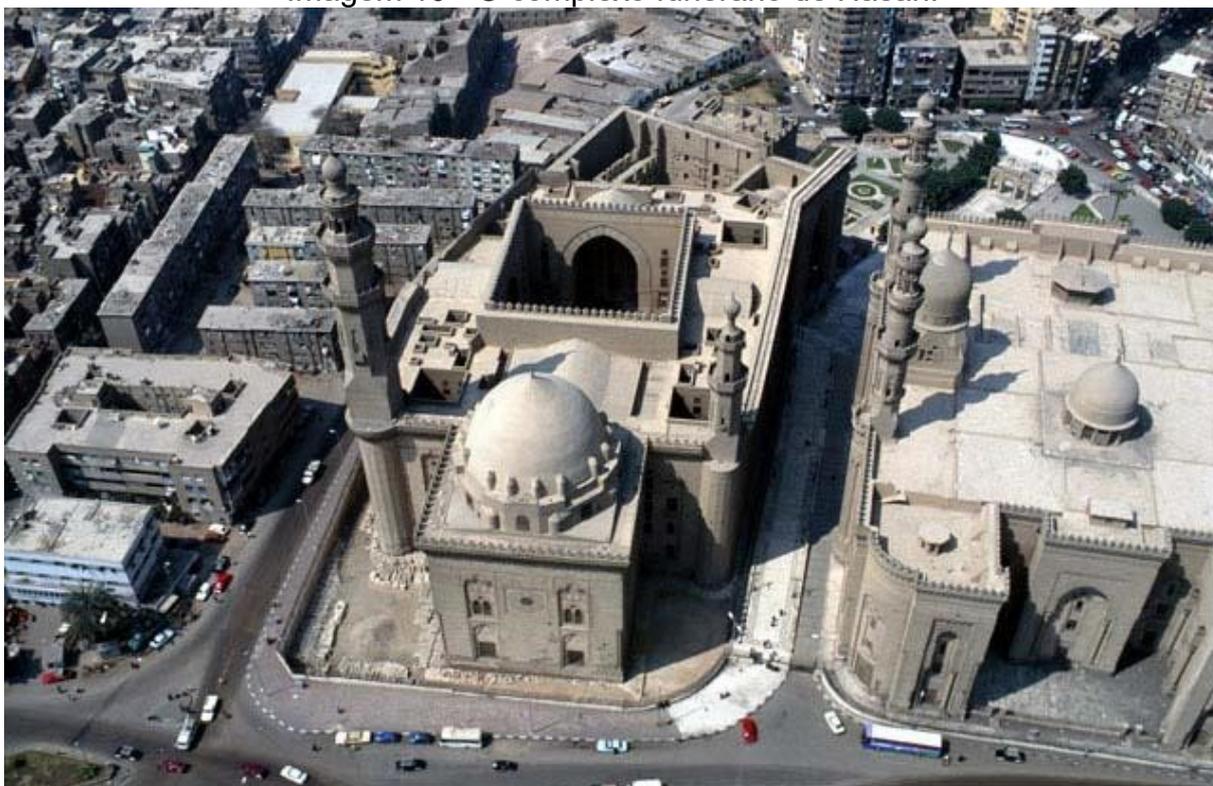
2.7. OS MAMELUCOS E O COMPLEXO FUNERÁRIO DE HASAN, NO CAIRO

O Sultanato Mameluco governou o Egito, a Síria e parte do território da Península Arábica (Meca, inclusive) do séc. XIII até o ano de 1517. Com sede no Cairo, então uma cidade já densamente povoada, desenvolveu uma arquitetura que se caracterizava pela adaptação respeitosa ao tecido urbano e ao terreno natural, a exemplo do que já havia ocorrido com os Fatímidas, também na metrópole egípcia. Os edifícios de caráter público costumavam ter múltiplas funções, uma solução inteligente para o desafio da falta de espaço na cidade. Por essa habilidade face uma situação desfavorável e pela prática de uma arquitetura moderada e visivelmente preocupada com o interstício, chama a atenção um ponto fora da curva: o mausoléu de Hasan, de 1356 (imagem 10).

O complexo idealizado pelo sultão ocupa uma área de mais de 8 mil metros quadrados e inclui uma mesquita congregacional, quatro *madrassas*, um orfanato, um hospital, um bazar coberto, um reservatório de água, termas e cozinhas, além do mausoléu de escala imperial. Em um dos *iwans* de seu pátio principal, apenas a estrutura temporária de madeira usada na construção do arco custou cem mil dirhams, dinheiro que à época era suficiente para construir um mesquita média. É

uma das obras mais exemplares da *libidine aedificandi* e de suas consequências em toda a história do Islã: a popularidade de Hasan caía à medida que mais e mais dinheiro do erário era tirado de serviços essenciais e direcionado à construção de seu monumento, o que culminou com a deposição do sultão. Um dos minaretes que repousavam sobre a entrada principal ruiu devido a seu tamanho exagerado e matou trezentas pessoas com sua queda. A paciência da população e os recursos financeiros minguaram, o que resultou na interrupção dos trabalhos (o complexo permanece inacabado até hoje); e, na consequência mais carregada de ironia da cupidez de Hasan, o governante foi assassinado aos 27 anos por um de seus mais próximos conselheiros e seu corpo foi enterrado em local desconhecido, longe do monumento que leva seu nome.

Imagem 10 - O complexo funerário de Hasan.



Fonte: Aga Khan Award for Architecture (2000).

2.8. OS SAFÁVIDAS E O PLANO URBANO DE ISFAHAN

Os Safávidas, uma dinastia que dominou o Irã no séc. XVI, sabiam despistar a simplicidade formal e estrutural de suas edificações através do uso magistral do

azulejo. Buscavam, portanto, o máximo efeito visual como o mínimo emprego de recursos, como tantos outros já haviam feito. O forte dos Safávidas estava em outro campo: o planejamento e a construção de grandes conjuntos urbanos bem articulados, integrando funções religiosas, comerciais e políticas em composições harmoniosas. Abas I, que ocupou o posto de Xá de 1588 a 1629, foi o grande responsável pela mais importante obra do urbanismo Safávida. Ao mudar a capital para Isfahan, ele transferiu o centro da cidade para uma nova praça (imagem 11), um largo de 512 por 159 metros (muito maior que qualquer praça contemporânea na Europa). O *maidan* (como são chamados os espaços públicos no Irã) é delimitado por uma espécie de bazar coberto de dois andares que percorre todo seu perímetro e proporciona unidade arquitetônica, abrigo e vida urbana. Os mais importantes edifícios públicos da cidade são interligados pela *Naqsh-e Jahan* (nome oficial da praça). As duas principais mesquitas possuem *pishtaq*s perfeitamente integrados ao edifício do bazar, abrindo-as para a cidade. O palácio imperial tem uma tribuna voltada para a praça, igualmente incorporada à grande galeria perimetral.

Imagem 11 - *Naqsh-e Jahan*, Isfahan.



Fonte: Biblioteca do MIT/ Aga Khan Documentation Center (1999).

O plano urbano de Isfahan, capaz de integrar e hierarquizar as funções da cidade numa simbiose que é a perfeita materialização da *concinnitas* urbana, demonstra que o monumental nem sempre é domínio da *libidine aedificandi*. A praça é uma das maiores do mundo, mas a grandeza não era pré-requisito. A idéia que presidiu sua concepção foi a de que era preciso pegar seus monumentos e edifícios de caráter coletivo e integrá-los ao fervilhante comércio local de forma bela e homogênea, promovendo a ocupação do espaço, o encontro e o senso de comunidade. Os monumentos do período Abássida, como a Grande Mesquita, foram inteiramente preservados e respeitosamente conectados ao novo tecido urbano. Fosse o projeto de Abas um produto da mania de construir, eles seriam demolidos.

2.9. OS OTOMANOS E A HAGIA SOPHIA, EM ISTAMBUL

Os Otomanos tomaram a cidade de Constantinopla em 29 de Maio de 1453. No dia seguinte, triunfante, Mehmed II percorreu a capital bizantina e visitou seus principais pontos de interesse. O passeio terminou na Igreja de Hagia Sophia. Lá, o sultão declarou que a partir daquele momento a construção havia se tornado a mesquita congregacional da cidade e que a própria cidade havia se tornado sua capital. Como resultado, o monumento construído em 537 pelo Imperador Justiniano tornou-se o modelo para a tipologia da mesquita otomana. As novas construções precisavam atender a duas expectativas: adotar o estilo da Hagia Sophia (com seu volume cúbico encimado por uma grande cúpula semiesférica e seus quatro minaretes nas extremidades da planta) e rivalizar em tamanho com a colossal obra bizantina. De modo semelhante ao que havia ocorrido com os Omíadas no caso do Domo da Rocha, os Otomanos queriam demonstrar que os muçulmanos eram capazes fazer frente às grandes realizações arquitetônicas do cristianismo.

Nem regra nem exceção, a frequência com que a *libidine aedificandi* se manifesta na história da arquitetura islâmica confirma a hipótese albertiana de que ela é um desejo latente da natureza humana, pronto para se concretizar sempre que as condições o favoreçam. A mania de construir não escolhe povo nem cultura. O combate entre a *virtù* e a *fortuna* é marca universal da arquitetura.

3. ORIENTE E OCIDENTE: O SENTIDO DE EDIFICAR

Tentar separar a arquitetura islâmica de suas idiossincrasias religiosas é um exercício inútil. O termo “islâmico”, ao contrário de “cristão”, designa não apenas uma fé, mas toda uma cultura. Não existe no Islã, ao menos em teoria, a separação entre aquilo que é o domínio de Deus e o que é domínio do homem. Diferente também do que ocorreu no cristianismo, a religião muçulmana não nasceu como uma fé restrita a uma minoria, vivendo sob a sombra de um Estado que a perseguia, lentamente ganhando novos seguidores e desenvolvendo traços artísticos e culturais característicos, para só dali a alguns séculos estabelecer um império com arte, filosofia e doutrina social próprias. No Islã este processo se deu em uma velocidade assustadora, estendendo-se por apenas algumas poucas décadas entre os séculos VII e VIII. Em 622, ano da *hégira*, contava-se nos dedos o número de seguidores da religião, todos vindos das cidades mercantis do deserto saudita. 128 anos depois, em 750, os exércitos muçulmanos já haviam chegado ao sul da França, de um lado, e à fronteira ocidental da Índia, do outro. A primeira grande dinastia islâmica, a Omíada, já tinha surgido, crescido e desaparecido. Cidades inteiras já haviam sido erigidas em lugares como o norte da África e o Iraque. O Domo da Rocha, monumento de notável amadurecimento estilístico, já havia sido construído em Jerusalém. Além dela, cidades como Damasco e Medina já ostentavam suas grandes mesquitas, que serviam não apenas como locais de oração mas também como equipamentos a serviço do fortalecimento político e dos laços sociais que faziam do Islã uma grande comunidade.

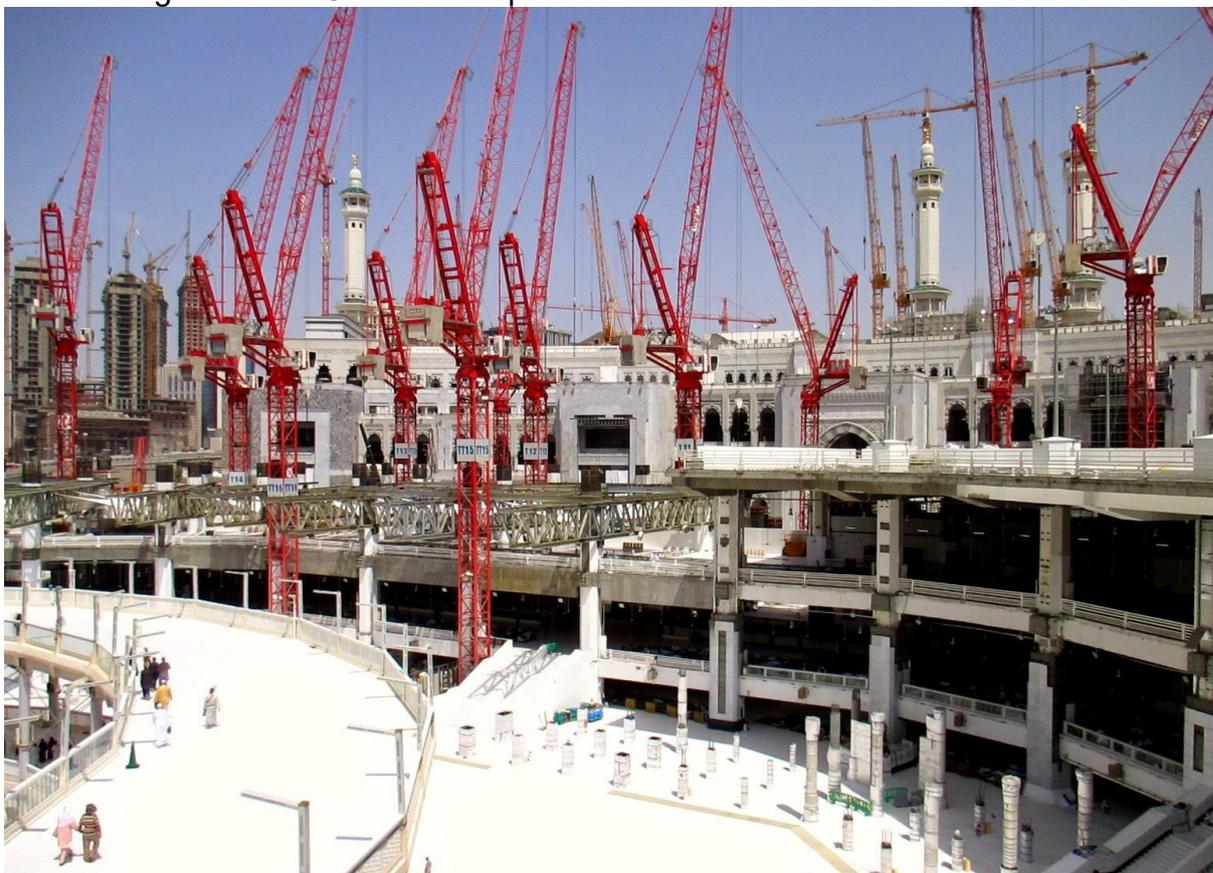
Em outras palavras, a arte islâmica não é resultado de uma absorção vagarosa de tradições pré-existentes nos territórios conquistados pela nova fé; ao contrário, ela já surge com identidade própria e de modo tão abrupto quanto essa nova fé. Claro, algumas influências foram absorvidas nesse processo, tanto dos costumes e manifestações artísticas dos árabes pré-islâmicos quanto dos povos e territórios tomados pelos muçulmanos nessa rápida expansão. Mas desde os primeiros monumentos, sua principal característica já residia no fato de terem sido construídos por muçulmanos, para muçulmanos e para atender a finalidades que não existiam antes do Islã.

Além do Corão, o livro sagrado do Islã, existe um outro conjunto de textos de enorme importância para os muçulmanos, uma espécie de bússola moral para a vida e guia para interpretação dos textos divinos: o Hadiz (ou *hadith*). Transmitido inicialmente pela tradição oral e posteriormente compilado em forma escrita, trata-se de um conjunto de leis, ensinamentos e relatos que descrevem os feitos e as ações do profeta Maomé. Num desses ensinamentos está uma frase simples que ajuda a explicar o significado do ornamento na arquitetura islâmica, seu aspecto sacro e a diferença entre o papel do elemento decorativo no Ocidente e no Oriente: “Deus é belo e ama a beleza.”

Essa preocupação com a beleza, é claro, se estende para os edifícios religiosos e, no caso de uma cidade como Meca, para a totalidade do conjunto urbano. Embora a crítica de arquitetura ocidental frequentemente evite fazer julgamentos baseados em critérios puramente estéticos de uma construção ou de uma cidade, procurando apenas discutir a qualidade arquitetônica em termos mais ligados ao uso ou à experiência do espaço (que é tão pessoal ou subjetiva quanto a quantificação da beleza), essa condição específica do Islã exige que o belo seja aqui colocado em pauta. O decoro - mais um termo retirado de Alberti - é um dos aspectos que devem ser observados com mais atenção pelo arquiteto que deseja produzir uma boa arquitetura. Este decoro, segundo o autor renascentista, pode ser definido como tudo aquilo que é adequado para um determinado contexto urbano, cultural, histórico, religioso. Respeitar o decoro é respeitar o vernáculo particular do local onde uma edificação é construída e respeitar as expectativas de todos os envolvidos e afetados por determinada construção. No caso de Meca, diz o ensinamento do Profeta, é fundamental que a cidade e seus monumentos de destaque sejam belos para que sejam, enfim, decorosos. A mania de construir, devo lembrar, não tem tempo nem tem interesse em ser decorosa (imagem 12). Discutir o decoro (ou a falta de decoro, mais especificamente) não representa portanto um desvio do tema, mas apenas mais um desdobramento da *libidine aedificandi*. Não me atrevo aqui a ser juiz da beleza da Grande Mesquita ou de qualquer outra nova construção emblemática de Meca, mas a seu tempo irei recorrer ao conhecimento de causa de autores muçulmanos como Ziauddin Sardar, autores que conhecem a cidade pessoalmente e para os quais essa beleza e esse decoro são tão importantes, dada sua condição de seguidores da religião do profeta. Esses autores

farão essa avaliação por mim, avaliação que irei utilizar para confirmar ou descartar uma possível violação do decoro como consequência direta da mania de construir.

Imagem 12 - A Grande Mesquita de Meca: decoro e mania de construir.

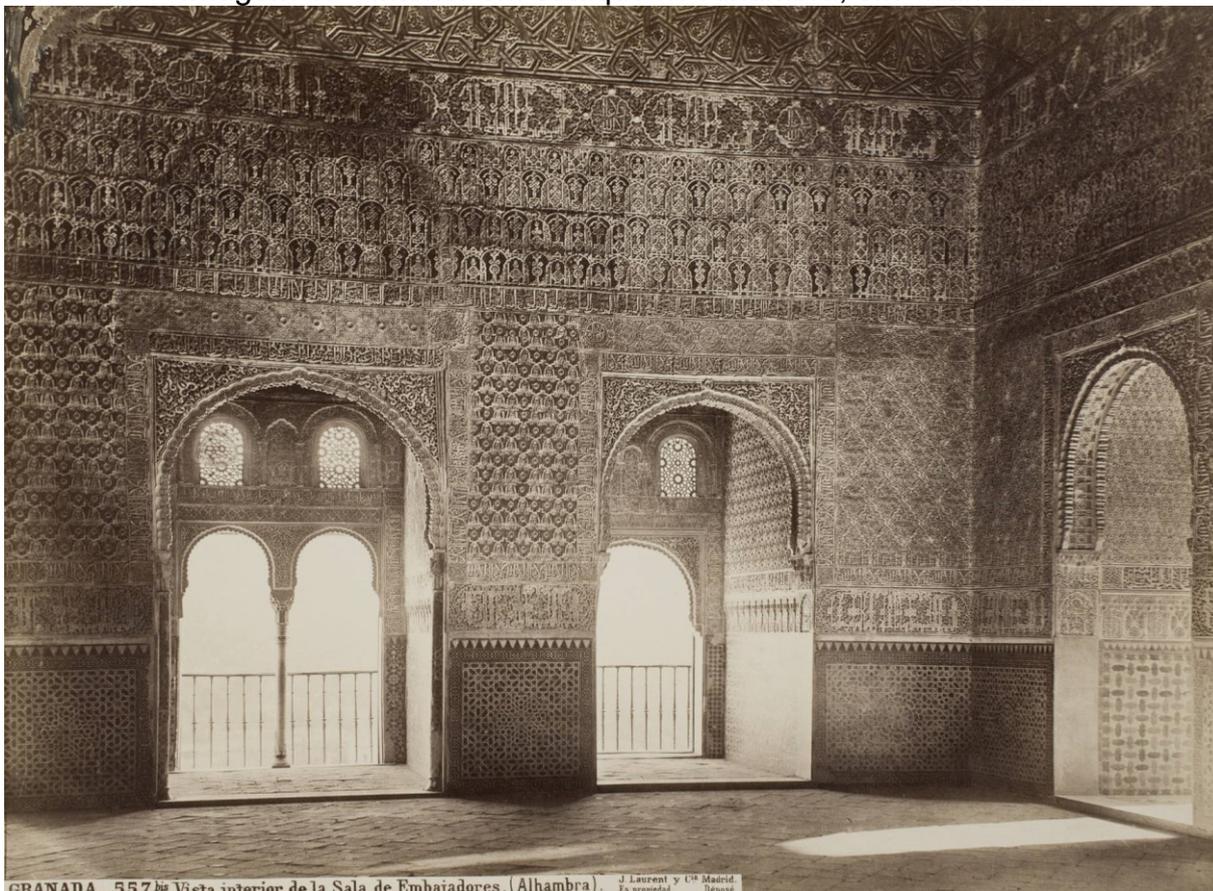


Fonte: (HANIF, 2014).

A busca por essa beleza sacra na arquitetura é uma tarefa que o Islã deixa mais a cargo do ornamento do que da edificação ou da estrutura em si (como demonstrado por diversos exemplos citados no capítulo anterior). Enquanto na visão ocidental o elemento decorativo é apenas um complemento da forma e serve apenas para enquadrar, preencher ou ligar os elementos arquitetônicos de fato (a cúpula, o arco, a abóbada, a coluna, o frontão), na arquitetura muçulmana ele frequentemente toma a dianteira. As formas e estruturas costumam ser mais simples e o ornamento, mais elaborado. Em vez de complemento da edificação, a decoração é peça-chave. A edificação torna-se suporte do ornamento. Para compreender essa diferença, cito o caso da Capela Sistina, raro exemplo ocidental dessa visão islâmica. Eis uma construção que existe para servir de tela para o ornamento. Os afrescos não apenas preenchem os vazios. Eles ocupam todas as superfícies e transformam uma

arquitetura relativamente simplória em algo verdadeiramente espetacular - exatamente como ocorre nas paredes revestidas de estuque do Alhambra (imagem 13) ou na azulejaria da Isfahan Safávida.

Imagem 13 - Interior em estuque no Alhambra, em Granada.



GRANADA. 557. Vista interior de la Sala de Embajadores. (Alhambra). J. Laurent y C^{ia} Madrid. Es propiedad. Dépôt.

Fonte: Juan Laurent - Biblioteca de Harvard (1875).

O ornamento, portanto, é o principal responsável pela beleza do edifício. A beleza, por sua vez, é atributo de tamanha importância que o ornamento não precisa ter nenhum outro sentido ou função. Ele até pode ser mais do que isso (a tradição decorativa islâmica inclui a utilização da caligrafia com versos do Corão, o nome de Alá e outros elementos com óbvio significado adicional), mas ele pode ser apenas califórico - dotado de beleza - e terpnopiético - capaz de provocar deleite (tanto para o artesão que cria o elemento decorativo quanto para quem o observa). O que pode ser superficial aos olhos de um ocidental, inclusive no sentido literal (uma arquitetura cuja riqueza está na superfície), é de extrema importância no Islã. Que fique claro, no entanto, que isso não significa em hipótese alguma que este

ornamento seja dissociado do edifício. A relação entre edifício e ornamento permanece e a *concinnitas* também precisa ser observada (nada pode ser acessório). O que muda é apenas a relação hierárquica entre essas partes.

4. MECA, A GRANDE MESQUITA E A PEREGRINAÇÃO

4.1. A PEREGRINAÇÃO

Já disse, em um capítulo anterior deste texto, que aqui me preocupo mais com as manifestações artísticas e arquitetônicas produzidas em nome da religião do que com a religião em si, esquivando-me o quanto for possível dos aspectos de ordem teológica. A Grande Peregrinação, todavia, é um tema estritamente religioso que preciso conhecer em minúcia para contextualizar a grande transformação de Meca, já que ela é em última instância a razão de ser dessa transformação. Cada ritual deste grande acontecimento está diretamente associado a um lugar e cada um deles ganhou, por assim dizer, sua própria obra de proporções faraônicas. Peço licença para, a seguir, descrevê-los um a um.

Terra natal do profeta Maomé, Meca é, segundo a tradição islâmica, o local onde lhe foi revelado o Corão²². É considerada a mais sagrada das cidades do Islã. Realizar ao menos uma vez a peregrinação à cidade, conhecida como *Hajj*, é obrigação de todo muçulmano em condições financeiras e de saúde para empreendê-la. Em Meca está localizada a *Ka'aba*, a edificação mais importante da religião e o ponto para qual todo seu seguidor - em qualquer lugar do planeta - deve se virar ao dedicar suas cinco orações diárias a Alá. Foi governada por anos pelos descendentes de Maomé, passou às mãos do Império Otomano e encontra-se desde 1925 na atual Arábia Saudita. Desde meados do séc. XX, a cidade experimentou rápido crescimento de sua população, infraestrutura e número de visitantes, em uma transformação motivada pelo crescimento da religião muçulmana, do poder aquisitivo de seus seguidores e dos recursos econômicos de que dispõe a Arábia Saudita em virtude da exploração petrolífera.

O número de turistas que a cidade recebe anualmente aproxima-se dos 15 milhões. Uma parcela significativa desses visitantes - cerca de 4 milhões - vão a

²² De acordo com a fé muçulmana, o Corão foi revelado por Alá a Maomé - por intermédio do Arcanjo Gabriel (*Jibri*, em árabe) - durante um período de 23 anos de isolamento espiritual do profeta (entre 609 e 632) em uma caverna nos arredores da cidade.

Meca para as celebrações do *Hajj*²³. A Grande Peregrinação ou Peregrinação Maior, como é conhecida, ocorre num período de cinco dias, entre o oitavo e o décimo-segundo dias do último mês do calendário islâmico²⁴. Durante sua estada, os peregrinos devem realizar uma série de ritos simbólicos em dias e locais específicos, o que representa enorme desafio do ponto de vista do planejamento urbano.

Alguns desses ritos cerimoniais têm lugar em diferentes pontos da Grande Mesquita (*Masjid-Al-Haram*). Também conhecida como Mesquita Sagrada, construída pelo próprio Maomé²⁵, é a maior e mais importante estrutura deste tipo no mundo, e circunda a *Ka'aba*²⁶.

Na mesquita ocorrem os rituais preparatórios do *Hajj*, e o primeiro destes rituais é conhecido como *tawaf*. Ao chegar à cidade, já devidamente trajado com uma túnica branca²⁷, o peregrino deve se dirigir à Grande Mesquita e realizar sete voltas em torno da *Ka'aba*, em sentido anti-horário, enquanto dedica orações a Alá - o sete é número recorrente nessa tradição, como veremos (imagem 14). O simbolismo desse ato é motivo de discussão entre os teóricos do Islã, mas demonstra a unidade de todos os presentes na crença em um Deus único. Concluído o *tawaf*, deve-se realizar outro percurso - ainda na Grande Mesquita - denominado *sa'ay*. Ocorre em uma espécie de galeria anexa que une duas

²³ Este número poderia ser ainda mais expressivo não fosse a restrição imposta pelo governo saudita, que condiciona o acesso ao perímetro urbano de Meca à apresentação de uma espécie de visto religioso, concedido por um ministério voltado exclusivamente aos assuntos do *Hajj*. Além disso, estima-se que o turismo interno não contabilizado se aproxime do milhão de peregrinos/ano.

²⁴ Por se tratar de um calendário lunar, onze dias mais curto que o calendário solar adotado em todo o mundo, não há uma data gregoriana fixa correspondente ao início do *Hajj*.

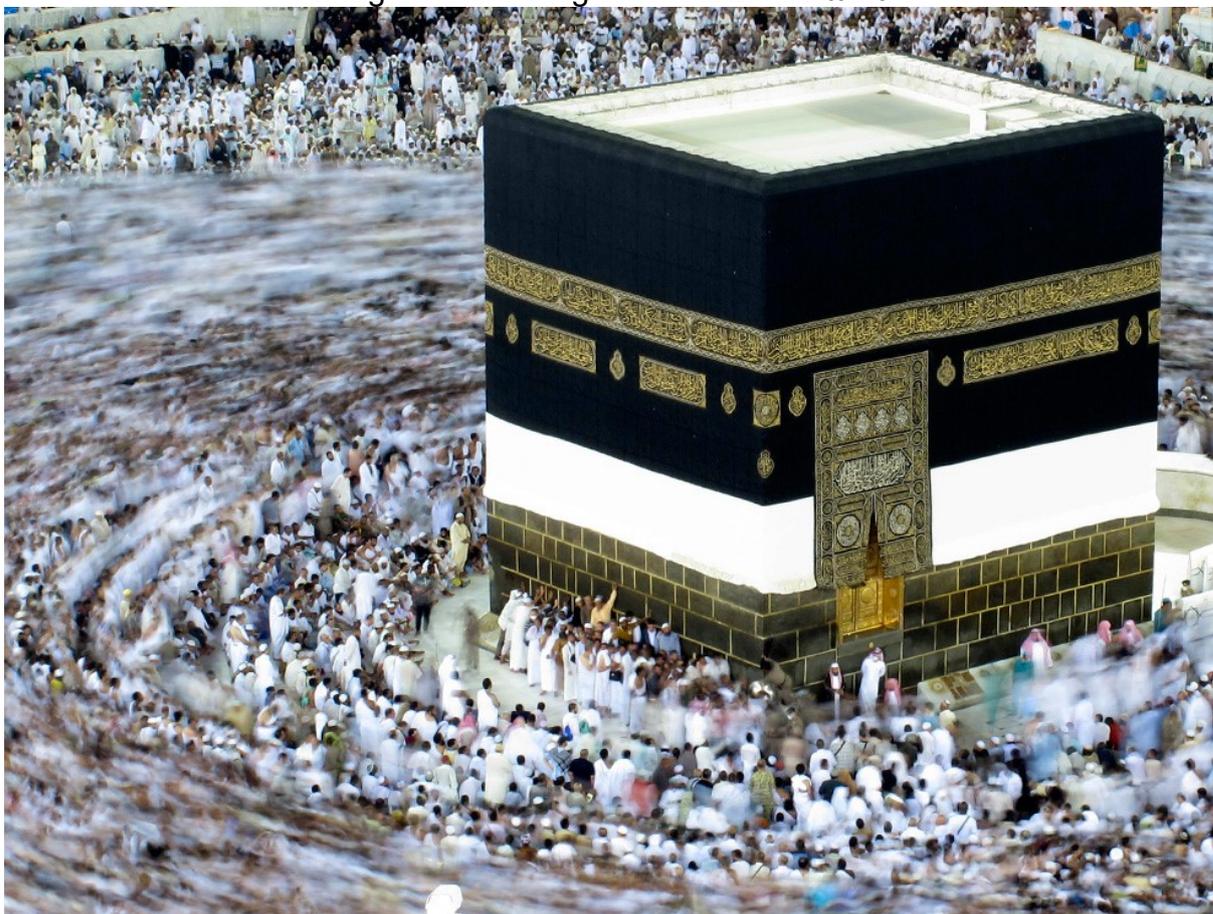
²⁵ Após receber sua revelação, o profeta encontrou em Meca enorme resistência à sua pregação e buscou exílio na cidade de Medina, onde deu início à fé muçulmana. Tempos depois, no ano de 630, Maomé retorna à cidade natal com um exército de seguidores, expulsa os pagãos que haviam se apoderado da *Ka'aba*, destrói seus ídolos e dá início à construção deste templo.

²⁶ O Corão aponta a *Ka'aba* como a primeira edificação na história dedicada à adoração de Alá, o que explica sua importância inestimável para o Islã. Acredita-se que tenha sido erigida por Abraão, figura histórica comum às tradições islâmica, judaica e cristã que teria sido ordenado por Deus a estabelecer a tradição do *Hajj*.

²⁷ A túnica deve ser trajada ainda fora do perímetro sagrado da cidade, conhecido como *haram*. Neste momento, entra-se no que se classifica como estado sagrado, ou *ihram*. Até o fim da peregrinação, o fiel abstém-se de relações sexuais, do uso de perfumes, de fazer mal a plantas ou animais, cortar as unhas e fazer a barba. A túnica, que deve ser usada indiscriminadamente por todos, independente de posição social, simboliza que ninguém é melhor do que ninguém aos olhos de Deus.

formações rochosas em suas extremidades (as colinas de *Safa* e *Marwah*), trajeto que o peregrino deve percorrer em sua totalidade num total de sete vezes.

Imagem 14 - Peregrinos realizam o *tawaf*.



Fonte: (AMMAR, 2014).

Finalizada a extenuante caminhada, a água sagrada do poço de *Zamzam*, que brota próximo à *Ka'aba*, mata a sede do fiel. Para entender o porquê dessa tradição, é necessário voltar a Abraão e uma passagem de sua vida relatada no Corão, a história de Agar e Ismael²⁸. Ao fim do dia de sua chegada a Meca, o

²⁸ Após seguidas tentativas frustradas de prover um herdeiro a Abraão, sua esposa Sara resigna-se com sua incapacidade para tal e oferece ao marido sua serva, a egípcia Agar. Quando Sara consegue finalmente carregar um filho legítimo de Abraão em seu ventre, ordena que Agar e seu filho, Ismael, sejam mortos. Incapaz de atender à exigência da esposa, Abraão os expulsa para morrerem de sede no deserto. Agar encontra abrigo para seu filho e vai em busca de água, subindo alternadamente no topo de duas colinas para procurar sinais da presença de água no vale abaixo. Quando retorna de sua busca infrutífera, Agar vê que sob os pés de Ismael havia brotado milagrosamente uma mina d'água. As colinas em questão são as formações rochosas de *Al-Safa* e *Al-Marwah*; a mina d'água é o poço de *Zamzam*. Ismael sobreviveu e tornou-se o Patriarca do Islã, antepassado do profeta Maomé (Isaac, o filho legítimo, é considerado o Patriarca do judaísmo).

peregrino tem sua cabeça raspada (o que explica a onipresença das barbearias no entorno da Grande Mesquita), marcando o início oficial do *Hajj*.

A celebração começa de fato, então, em Mina, a cinco quilômetros do centro de Meca. As orações são realizadas na cidade e os peregrinos passam a noite em uma das mais de cem mil tendas coletivas, climatizadas e resistentes às altas temperaturas do deserto, instaladas em caráter permanente no local pelo governo saudita. Após a oração na manhã do segundo dia, toma-se a direção de Arafat, uma planície árida quinze quilômetros a Leste. Este é o dia da vigília contemplativa, no qual os fiéis oferecem súplicas, arrependem-se e pedem o perdão por seus pecados; no topo do *Jabal-al-Rahmah* (o Monte da Compaixão), local do último sermão de Maomé, eles pedem a misericórdia de Alá. De manhã até o pôr-do-sol, aqueles em condições devem permanecer de pé, como se estivessem diante de Deus, em um ato que recebe o nome de *wuquf*. Antes da oração do fim da tarde deve-se deixar Arafat e tomar o caminho de volta, na direção Oeste, até Muzdalifa, entre a planície de Arafat e a cidade de Mina. Em Muzdalifa deve-se recolher as pedras para a cerimônia de apedrejamento do diabo, no dia seguinte, em Mina; a noite deve ser passada ao ar livre.

De volta a Mina, os peregrinos realizam o simbólico apedrejamento do diabo (*Ramy-al-Jamarat*) arremessando sete pedregulhos em cada um dos três pilares (*jamrah*) que representam o diabo e suas tentativas de tentar Abraão contra Alá.²⁹ Esta cerimônia, que se repete outras duas ou três vezes antes do fim do *Hajj*, é um dos momentos mais delicados de toda a peregrinação e exige uma complexa logística para que centenas de milhares de pessoas possam realizá-la simultaneamente, de forma ordenada e sem ocorrências graves. Por esse motivo, é aí que vemos uma das maiores obras de infraestrutura de Meca. Juntamente com as tendas permanentes que hoje definem a impressionante paisagem de Mina, esta

²⁹ Em uma passagem comum ao Velho Testamento e ao Corão, Deus ordena que Abraão sacrifique seu filho para provar sua obediência a Ele (no Corão, este filho é Ismael, enquanto na tradição judaico-cristã, trata-se de Isaac). Abraão empreende então uma jornada pelo deserto até uma montanha onde o sacrifício deveria ocorrer. No caminho, conta o Corão, Abraão hesitou em levar o sacrifício a cabo por três vezes, em momentos em que o diabo teria tentado demovê-lo da idéia. Nas três ocasiões, o arcanjo Gabriel apareceu a seu lado com uma pedra em mãos e mandou que Abraão atirasse no diabo a fim de afastá-lo.

grande intervenção representa uma das mais profundas transformações urbanas em curso na região.

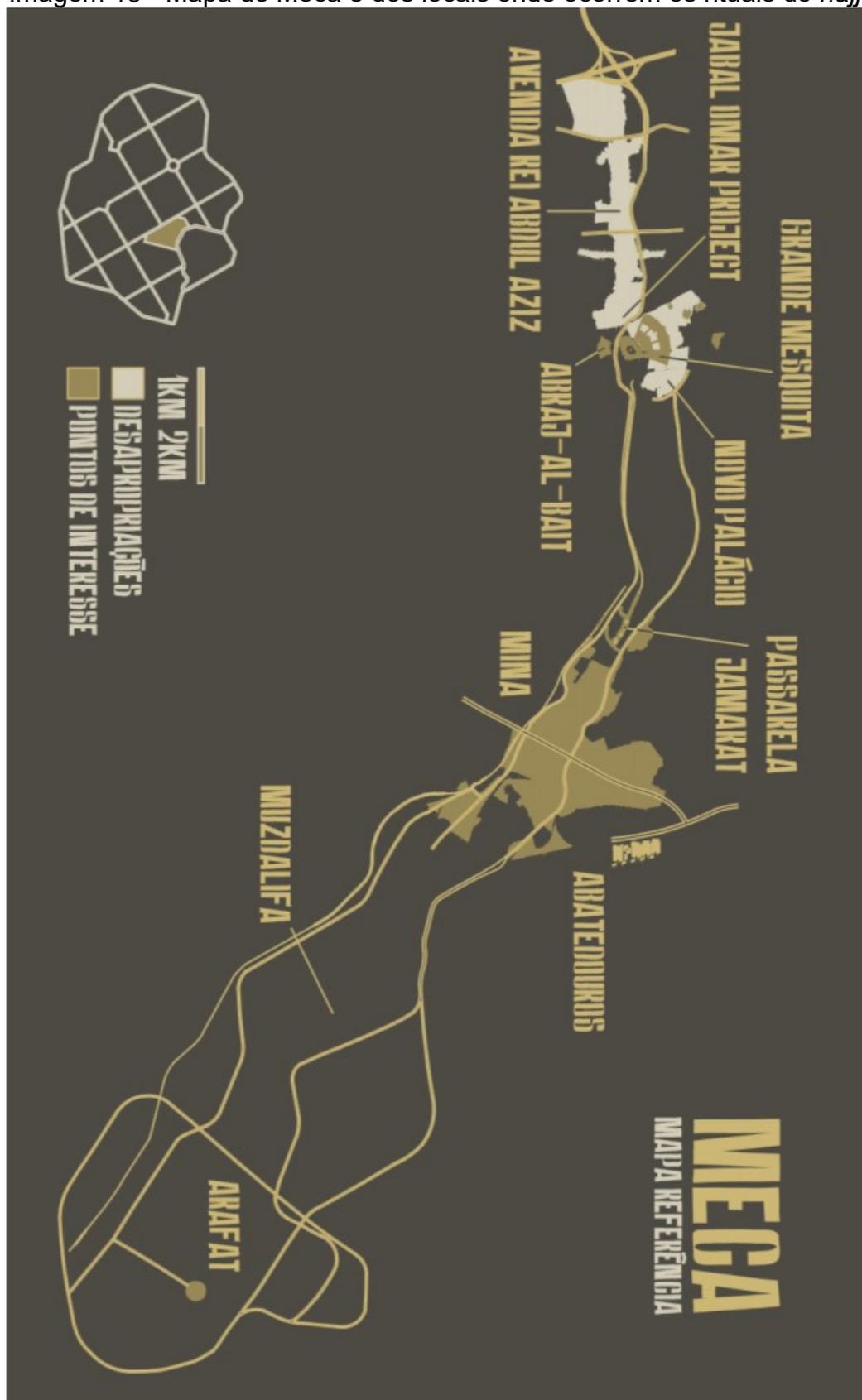
Ainda em Mina, após a cerimônia do apedrejamento, cada fiel deve abater um animal em celebração à história do sacrifício de Ismael³⁰. Tradicionalmente, cada fiel deveria matar um carneiro com suas próprias mãos, ou ao menos supervisionar o ato pessoalmente. Hoje pode-se adquirir um voucher, uma espécie de garantia de que um animal será sacrificado em seu nome em um dos imensos abatedouros instalados em galpões na cidade de Mina. Estes estabelecimentos modernos se responsabilizam pelo processamento da carne, que é doada como caridade a muçulmanos em todo o mundo. Neste dia, é tradição mesmo entre os fiéis que não estão realizando a peregrinação que se faça esse sacrifício.

Nos dois últimos dias do *Hajj* os peregrinos voltam a Meca para mais um *tawaf*, retornam a Mina para dois apedrejamentos completos (sete pedras em cada pilar) adicionais e mais uma vez vão à Grande Mesquita para uma espécie de *tawaf* de despedida. Está encerrada a jornada espiritual de cinco dias e os peregrinos podem dar por cumprida sua obrigação, o último dos cinco pilares do Islã³¹(na imagem 15, um mapa completo com todos os pontos de interesse do *hajj* descritos acima). Muitos seguem viagem para Medina, cidade do segundo local mais sagrado da religião, a mais antiga mesquita do mundo e local do último descanso do profeta.

³⁰ Quando Abraão finalmente chega à montanha onde deve sacrificar seu filho, Deus intervém e faz com que apareça um carneiro para que este possa ser oferecido em seu lugar. Tendo se convencido da obediência de Abraão, que se mostrou disposto a matar seu herdeiro por ordem divina, Deus o agracia com sua benção e uma vida próspera.

³¹ Professar e aceitar o credo; orar cinco vezes ao longo do dia; pagar dádivas rituais; observar as obrigações do Ramadã; fazer a peregrinação a Meca.

Imagem 15 - Mapa de Meca e dos locais onde ocorrem os rituais do *haji*.



Fonte: Imagem do autor (2014).

4.2. A CIDADE

A cidade mais sagrada da religião muçulmana está situada na província de Meca, da qual é capital, na região Oeste da Arábia Saudita. A capital do reino, Riad, encontra-se a pouco menos de 900 quilômetros de distância na direção Nordeste. Outros importantes centros do país são a também sagrada Medina, 450 quilômetros ao Norte, e Jedá, a menos de 100 quilômetros na direção Oeste. Banhada pelo Mar Vermelho, esta última abriga o Aeroporto Internacional Rei Abdul Aziz (KAIA), por onde chegam praticamente todos os turistas internacionais com destino a Meca. Mina, Muzdalifa e Arafat, paradas obrigatórias no roteiro do Hajj, encontram-se a curtas distâncias a Sudeste da Grande Mesquita.

Meca cresceu em um fundo de vale seco e nas ramificações deixadas pelos afluentes que alimentavam o extinto rio. Este terreno acidentado e as limitações impostas por suas características - solo e declividade muitas vezes desfavoráveis ao uso - sempre foram a grande força definidora de sua ocupação urbana. A percepção de sua paisagem como algo sagrado e intocável foi responsável por uma política de interferência mínima no terreno natural, o que sempre limitou ainda mais sua área habitável.

Uma cidade de história conturbada, Meca é também marcada por disputas por seu controle, guerras, destruição, grandes derramamentos de sangue, sujeição aos ventos de mudança no centro de poder da religião islâmica (que foi de Medina a Istambul, passando por Damasco, Cairo e tantas outras cidades no decorrer da cronologia do Islã), períodos de grandes dificuldades financeiras, ameaças trazidas pelos beduínos do deserto circundante, secas e enchentes de proporções cataclísmicas, obstáculos de toda ordem no caminho das caravanas de peregrinos (essenciais para a sobrevivência econômica da cidade), e pela constante pressão para albergar um número cada vez maior de visitantes. Tudo isso, claro, obrigou a cidade a se reconstruir e se reerguer diversas vezes ao longo dos séculos. Ainda assim, toda a destruição a que Meca foi submetida é facilmente superada pela transformação ocorrida naquele que (paradoxalmente) talvez seja seu único período de paz desde o tempo de Maomé: os 80 e poucos anos de dinastia Saud. O grande projeto iniciado pelo Rei Abdul Aziz, falecido em 1953, motivado em teoria por um retorno à tradição, está na realidade ligado ao wahhabismo.

Antes liderada por uma linha sucessória de *shariffs* que tinha suas origens em Maomé e possuía forte ligação com o Hijaz (a região ocidental da Península Arábica onde se situam as duas cidades sagradas, além de Jedá), Meca passou a integrar, após a Primeira Guerra Mundial, o recém-criado estado saudita, que unificou aquilo que antes era um sem-número de cidades independentes estruturadas em sistemas de governo tribais. Uma dessas tribos soberanas era a família Saud, estabelecida em uma pequena cidade na parte oriental da península³². Munida de força militar e agindo no vácuo de poder criado pela queda do Império Otomano, tudo que faltava à dinastia era uma doutrina religiosa que a legitimasse, um liderança espiritual que conferisse a ela o direito de comandar a mais sagrada das cidades, a extensão do Éden, Meca. Convenientemente, os Saud então encontraram um grupo de muçulmanos ultra-radicais instalados em sua região. Os wahhabistas, como eram chamados esses radicais, defendiam que Meca era uma cidade entregue aos prazeres mundanos e historicamente governada por *shariffs* hereges que não eram dignos da posição que ocupavam. Eles tinham como missão principal a retomada da cidade pelos verdadeiros muçulmanos. Para os dois lados, era o casamento perfeito, e os Saud então oportunamente adotaram o wahhabismo.

Guiado pela visão de mundo típica do wahhabismo, o Rei Abdul Aziz deu início a seu projeto para Meca ao destruir todos os mausoléus da cidade, incluindo aqueles que pertenciam à família do profeta Maomé, contrariando promessas de preservação feitas à comunidade islâmica internacional. Os santuários sufistas, uma corrente do Islã particularmente odiada pelos wahhabistas, também foram demolidos um a um. A descoberta do petróleo na Arábia Saudita, em 1938, foi o marco inicial de um grande programa de desenvolvimento no país, e Meca se beneficiou enormemente dessa súbita riqueza.

Abdul Aziz foi sucedido por seu filho, Saud, que ficou no poder de 1953 a 1964. Sem a habilidade política do pai, seu problemático governo ficou conhecido por um único acontecimento: a primeira das muitas ampliações da Grande Mesquita sob jugo saudita. De uma monumentalidade nunca antes testemunhada na cidade, ela não demoraria a ser engolida pelas intervenções subsequentes. Nesse momento, é verdade, o mundo passava por transformações que facilitaram

³² Chamada de Diriyah, o povoado mais tarde tornou-se a cidade de Riyadh, hoje capital da Arábia Saudita.

enormemente o acesso à cidade e o número de peregrinos chegou pela primeira vez a 200 mil por ano, superando com folga a população permanente, que de acordo com Sardar (2014) não passava de 150 mil pessoas. A maioria ainda chegava de navio, desembarcava na vizinha Jedá e chegava de ônibus a Meca. O crescimento da aviação comercial ainda estava por chegar, o que provocaria um crescimento exponencial destes números. Na segunda metade da década de 1950 tornou-se comum a viagem através de vôos fretados, o que deixou evidente a necessidade de ampliação da mesquita.

A idéia original de se ampliar a mesquita partiu do próprio Rei Abdul Aziz, que delegou ao filho Faisal a tarefa de supervisionar o projeto. Iniciada em 1956, a obra foi dividida em quatro fases. Durante o estágio inicial o trabalho se concentrou nas colinas de *Safa* e *Marwah*. As casas do entorno foram demolidas, o trecho percorrido pelos peregrinos entre os pontos culminantes foi pavimentado e uma barreira foi erigida para separar os fluxos de pessoas em direções opostas. Um segundo pavimento foi edificado para que o número de peregrinos realizando o ritual concomitantemente fosse efetivamente dobrado. Novos acessos para o interior da Grande Mesquita foram adicionados: oito portões no pavimento térreo e outros dois próximos de cada uma das colinas. Foi neste momento que a mesquita recebeu, pela primeira vez, o piso em mármore branco que hoje lhe é tão característico.

Na segunda fase, que foi levada a cabo entre 1961 e 1969, foi construído um novo portão monumental, que incorporou três portões menores pré-existentes. Foi batizado com o nome do então monarca e ficou conhecido como Portão Rei Saud. Saud foi deposto por Faisal em 1964, logo após sua conclusão.

A terceira etapa da ampliação foi marcada pela demolição de diversas casas junto à extremidade ocidental da mesquita, que deram lugar a uma extensa colunata. Na fase final, a quarta, dois novos minaretes foram adicionados e todos os portões foram refeitos em um estilo semelhante para conferir unidade visual e estilística à construção, que com tantas modificações carecia de alguma coerência. Ao fim desta intervenção em quatro etapas, a área do Haram havia crescido seis vezes. A Grande Mesquita contava agora com um total de sete minaretes e a *Ka'aba* se via circundada por dois andares de passarelas elevadas.

Os peregrinos já podiam chegar à cidade muito mais rapidamente, graças à nova autoestrada de quatro pistas ligando Jedá a Meca. O caminho até as vizinhas

Mina e Arafat contava com novas avenidas e elevados. No *Jamarat*, uma passarela de dois andares foi construída para aumentar a capacidade do espaço e organizar o fluxo de peregrinos.

Foi em Abril de 1964 que a cidade recebeu para o *Hajj* um de seus peregrinos mais ilustres - ao menos no mundo ocidental. Malcolm X ficou impressionado com o que viu e escreveu sobre a experiência com muito otimismo. Falou sobre a bem-iluminada rodovia entre Jedá e Meca (que percorreu de carro em apenas duas horas), disse que a cidade lhe pareceu tão antiga quanto o próprio tempo, e declarou que a mesquita, que ainda passava pela ampliação descrita acima, superaria o Taj Mahal em beleza arquitetônica quando concluída.

A exemplo da mesquita, a cidade também começava a crescer. Novos bairros surgiram nas divisas Oeste, Leste e Sul, oferecendo hospedagem a baixo custo para os peregrinos. Ainda não havia arranha-céus de nenhuma natureza, em respeito à percepção dos habitantes de que edifícios altos constituiriam um desrespeito à Grande Mesquita. A legislação urbanística ainda garantia a preservação da santidade da cidade, proibindo a construção desse tipo de edificação. Qualquer nova residência precisava adotar estilo e método construtivo vernaculares, tamanha a preocupação com a herança cultural de Meca. Os novos edifícios ainda se caracterizavam pelas paredes caiadas e janelas de muxarabis que eram regra nos distritos históricos, o que conferia não só uma unidade ao tecido urbano, mas também privacidade e um relativo conforto ambiental.

O entorno da mesquita era território proibido a qualquer tipo de veículo motorizado. Havia planos para restauração de monumentos históricos, como antigas mesquitas, preservação dos distritos históricos e do tecido urbano (que contava com diversas praças e outros espaços abertos), e todo tipo de medida visando a manutenção da tradição. Meca era, nos anos 1960, uma metrópole que conciliava perfeitamente o antigo e o moderno e parecia preparada para crescer sem perder sua identidade. Não foi isso o que ocorreu nas décadas posteriores.

Esse futuro bastante promissor para Meca era resultado das políticas implementadas pelos governantes anteriores, mas essa concepção de cidade não condizia com as intenções do Rei Faisal. Sua ambição era modernizar tanto Meca quanto a Arábia Saudita, que ele via como centro do mundo muçulmano. Seu projeto para colocar o país no séc. XX começou de forma bastante positiva, com o decreto

que aboliu a escravidão em território saudita em 1962. O que se seguiu, no entanto, foi um período de pretensa modernização (acelerado na de seu sucessor, Khalid, nos anos 1970) que pode ser considerado o marco zero das grandes transformações que constituem o objeto deste estudo, um estopim para um processo que desde então foi se intensificando exponencialmente. As obras que representam esse momento são muitas, mas elegi seis pontos de especial importância, locais que são alvo de intervenções que explicam exemplarmente a mania de construir e a obsessão pela monumentalidade que definem a gestão saudita dos lugares sagrados do Islã. Eles serão elencados a seguir.

4.2.1. O NOVO PROJETO PARA A GRANDE MESQUITA

O ambicioso projeto em curso para a Grande Mesquita (iniciado pelo Rei Abdullah e assumido pelo Príncipe Mohammed bin Salman após sua morte, em 2015) precisa lidar com números de visitantes infinitamente superiores àqueles contabilizados em 1953 (quando o templo passou por sua primeira ampliação desde o séc. XVII) e uma cidade que cresceu em seu entorno, reduzindo sensivelmente o espaço para o templo continuar crescendo em tamanho. Outro aspecto a ser considerado neste caso é a topografia; o complexo religioso já ocupa todo o terreno plano disponível, enclausurado por paredes artificiais e naturais. Para aumentar sua capacidade em mais de 710.000 m², mais de 5.800 imóveis foram desapropriados e demolidos, num custo total de mais de 25 bilhões de dólares apenas para o pagamento de indenizações aos proprietários. O anexo também exigiu a terraplanagem parcial da montanha ao norte e da perfuração de quatro túneis apenas para ligá-lo a edificações de apoio localizadas no lado oposto deste acidente geográfico - subestação de energia, um edifício destinado apenas a abrigar a central de ar-condicionado, entre outros.

O novo edifício em forma de leque (imagem 16) subdivide-se em três espaços distintos: uma estrutura fechada (embora sua cúpula principal seja uma estrutura retrátil), uma extensão da mesquita na acepção da palavra; um pátio externo revestido em mármore que complementa a praça pública que circunda a edificação original; e uma ocupação escalonada, o trecho de maior escala da ampliação, uma série de terraços em diferentes níveis, apoiados sobre a montanha a Norte da

mesquita, destinados à oração e acessíveis através de escadas rolantes dispostas em intervalos regulares.

Imagem 16 - Maquete do projeto de ampliação da Grande Mesquita



Fonte: (LOCATELLI, 2016).

Quatro grandes passadiços elevados ligam o primeiro e terceiro espaços sem interromperem a continuidade do segundo. O pátio intermediário contará com coberturas retráteis em lona tensionada sustentadas por pilares que contam com sistema de iluminação noturna e aspersores de água fresca³³. Nas extremidades do leque, sobre a cota mais elevada da nova estrutura, dois minaretes de 420 metros

³³ O sistema de recolhimento das coberturas, que fazem alusão às folhas de uma palmeira, já foi adotado na grande esplanada que circunda a mesquita de Medina. Serão 32 coberturas de 600m² elevadas a uma altura de 28 metros e 8 coberturas de 2500m² e 53 metros de altura, as maiores estruturas deste tipo já concebidas.

de altura serão construídos³⁴. Já existe uma previsão para a construção de novos terraços na direção Leste, ainda restrita à fase de projeto.

A edificação pré-existente também passa por extenso remodelamento com o intuito de permitir que o *tawaf* e o *sa'ay* sejam realizados de maneira confortável - na medida do possível - por um número maior de pessoas.

A antiga galeria entre as colinas de *Al-Safa* e *Al-Marwah* foi inteiramente demolida e substituída por uma nova, com um número maior de pavimentos, ar climatizado e com uma separação formal entre os peregrinos em direções opostas (cada uma destas metades supera em largura o espaço existente anteriormente). A porção central do percurso é destinada a portadores de mobilidade reduzida e dispõe de espaço para cadeirantes e esteiras rolantes.

O corpo principal da construção original, que enclausura o *mataf* (o pátio que circunda a *Ka'aba*), vem sendo demolido em etapas, de forma a não inviabilizar a peregrinação durante o extenso período de obras³⁵. O objetivo é eliminar o desnível entre o pátio e a edificação, hoje ligados por uma escadaria, reduzir o número de pilares que possam obstruir a livre circulação de pessoas e a criação de uma espécie de mezanino, um balanço em estrutura metálica na cobertura, incrementando seu espaço disponível. Ocorre que o *tawaf* possui etapas a serem cumpridas que exigem que o fiel se aproxime e toque a *Ka'aba* - medidas como a ampliação do espaço da cobertura não valeriam de nada para aumentar a capacidade da mesquita no momento da realização deste importante ritual, não fosse a emissão de uma *fatwa*, um pronunciamento oficial dos acadêmicos do Islã moderando as exigências³⁶ e reduzindo o número de etapas necessárias à conclusão da circunambulação.

³⁴ O posto de minarete mais alto do planeta é ocupado atualmente (com larga margem sobre o segundo colocado) pela torre da Mesquita de Hasan II, em Casablanca, Marrocos. A impressionante estrutura de 210 metros tem exatamente a metade da altura dos novos minaretes da Grande Mesquita.

³⁵ Uma passarela circular com dois andares foi instalada provisoriamente em torno da *Ka'aba* de forma a não reduzir a capacidade da mesquita durante os trabalhos de demolição.

³⁶ Uma *fatwa* é um pronunciamento legal emitido por um especialista em lei religiosa sobre um assunto específico - neste caso, houve uma mudança na maneira como deve ser realizado o *tawaf*: a Pedra Negra, relíquia que remonta aos tempos de Adão e Eva colocada por Maomé em uma das arestas da *Ka'aba*, deveria ser tocada ao fim de cada uma das sete voltas em torno da estrutura. Para que os fiéis possam realizar o *tawaf* de qualquer ponto da mesquita, inclusive da cobertura, a nova recomendação exige que apenas se aponte em direção à pedra ao fim de cada ciclo.

4.2.2. OS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS

A ampliação da mesquita cria a necessidade de novos empreendimentos que substituam a rede hoteleira demolida para dar espaço ao novo e ambicioso projeto. Antecipando o déficit criado pelas desapropriações, a primeira iniciativa no sentido de se recuperar (e ampliar) a oferta de leitos em Meca partiu do governo saudita. O *Abraj-al-Bait* foi erigido com capital exclusivamente estatal e entregue à administração privada em regime de comodato até 2030. No momento de sua conclusão, ocupava os postos de segunda edificação mais alta do mundo (na imagem 17, um comparativo de altura com edificações emblemáticas) e maior edificação do mundo em área construída³⁷. O complexo impõe-se em sua absurda escala na vizinhança imediata da Grande Mesquita e abriga hotéis de diferentes redes e de diversos padrões de luxo, um centro comercial que ocupa vinte pavimentos, instalações voltadas para o entretenimento (como um boliche, por exemplo), restaurantes, um salão de orações para cem mil pessoas com vista para a *Ka'aba*, dois helipontos e um estacionamento para aproximadamente mil veículos. Os quatro relógios, um para cada fachada de sua torre principal, possuem um diâmetro de 43 metros, os maiores já fabricados³⁸. A agulha do coroamento esconde potentes sistema de som e canhões de luz que, com o auxílio de letreiros eletrônicos, chama os fiéis para a oração³⁹. Para que o edifício fosse erigido neste local privilegiado, com a mais ampla e irrestrita vista para a mesquita de toda a

³⁷ O crescente dourado, símbolo islâmico que encima a torre principal do complexo, encontra-se a uma altura de 601 metros. Suas sete torres somam 1.575.815 m². Para efeito de comparação, o famoso Burj Khalifa, edificação mais alta do planeta, localizada em Dubai, possui uma área construída total em seus 828 metros de altura de 309.473 m² - o que faz que sob um ponto de vista o Abraj-al-Bait seja mais de cinco vezes maior que a célebre torre.

³⁸ Os relógios da Elizabeth Tower, a torre das Casas do Parlamento britânico (conhecida pelo apelido de seu sino, o Big Ben) possuem 6,9 metros de diâmetro cada.

³⁹ A observância das cinco orações obrigatórias diárias em direção a Meca é garantida pela figura do muezim. Esse religioso é o encarregado de subir ao minarete para clamar os fiéis para a oração - é por esse motivo que nenhuma edificação no entorno da mesquita deve sobrepujar suas torres. Nos países mais afeitos à tradição, nem ao menos o uso de alto-falantes é permitido.

cidade, foi necessário que uma antiga fortificação otomana do séc. XVIII fosse demolida (a cidadela de Ajyad) e que a colina que lhe conferia posição estratégica fosse arrasada para dar lugar à imensa estrutura. A responsabilidade pela tarefa de erigir tamanho complexo em tão curto espaço de tempo foi delegada à maior empreiteira do país, o Saudi Binladin Group⁴⁰.

⁴⁰ Mohammed bin Awad bin Laden, imigrante iemenita e fundador do grupo, é também pai de Osama bin Laden. Sua companhia, fundada em 1930, cresceu graças a seu senso de negócios e fidelidade aos monarcas sauditas. Antes de falecer, conseguiu a assinatura de um contrato de exclusividade com o reino para que todas as obras religiosas da Arábia Saudita fossem executadas por ele. A maioria esmagadora dos projetos viários, a ampliação da mesquita e a construção dos edifícios públicos de Meca foram ou estão sendo empreendidas pelo grupo, através de seus sucessores.

Imagem 17 - *Abraj-al-Bait*, Chrysler Bldg., Empire State Bldg., Ed. Acaiaca, Big Ben



Fonte: Imagem do autor (2014).

Dois outros empreendimentos nos mesmos moldes do *Abraj-al-Bait* (projeto e execução bancados pelo erário) encontram-se em fase final de aprovação de projetos e desapropriações. O *Rawabi Abraj-al-Bait* funcionará como uma extensão imediatamente ao Sul do complexo hoteleiro recém concluído e contará com uma área construída próxima do milhão de metros quadrados. Os recursos (algo em torno de 2,5 bilhões de dólares) serão bancados parcialmente por investidores do Kuwait, um banco de investimentos do Sri Lanka e pela incorporadora ligada ao SBG (Saudi Binladin Group). Mais ao Sul, dando continuidade a este corredor de arranha-céus, o *Abraj Kudai* encontra-se em estágio avançado de preparação do terreno e movimentação de terra. Trata-se de um complexo de doze torres entre 29 e 44 andares, coroado por uma imensa cúpula, financiado exclusivamente pelo Estado. Terá shoppings, centro de convenções, sua própria estação de ônibus intermunicipal, hotéis de cinco estrelas e uso residencial.

De iniciativa privada, o *Jabal Omar Development Project* é mais um empreendimento em larga escala situado no entorno da mesquita, a Oeste de seus pátios externos. Encontra-se em estágio avançado de obras, na segunda de quatro fases de construção. Trata-se de um complexo de torres multiuso (38 no total). A diferença para os projetos previamente citados é a tipologia de ocupação: as torres concentradas em um espaço reduzido que dão a idéia de uma imensa edificação única (caso do *Abraj-al-Bait*) dão lugar a estruturas com afastamentos mais generosos dispostas de maneira a conformar um grande espaço público central, uma praça destinada à oração com capacidade para 200 mil fiéis.

4.2.3. A AVENIDA REI ABDUL AZIZ (PORTÃO OCIDENTAL)

A ampliação da mesquita e os empreendimentos imobiliários em curso são acompanhados de obras estruturantes, projetos viários que viabilizam o deslocamento de pessoas e são responsáveis por profundas modificações no tecido urbano e na tipologia de ocupação da antiga Meca. Dentre as iniciativas, nenhuma é capaz de rivalizar com a Avenida Abdul Aziz, seja em escala, seja em sua capacidade de transformação do espaço.

O turismo internacional responde pela maior parte dos visitantes a Meca e o Aeroporto Internacional que serve à cidade fica situado na vizinha Jedá, a Oeste. A

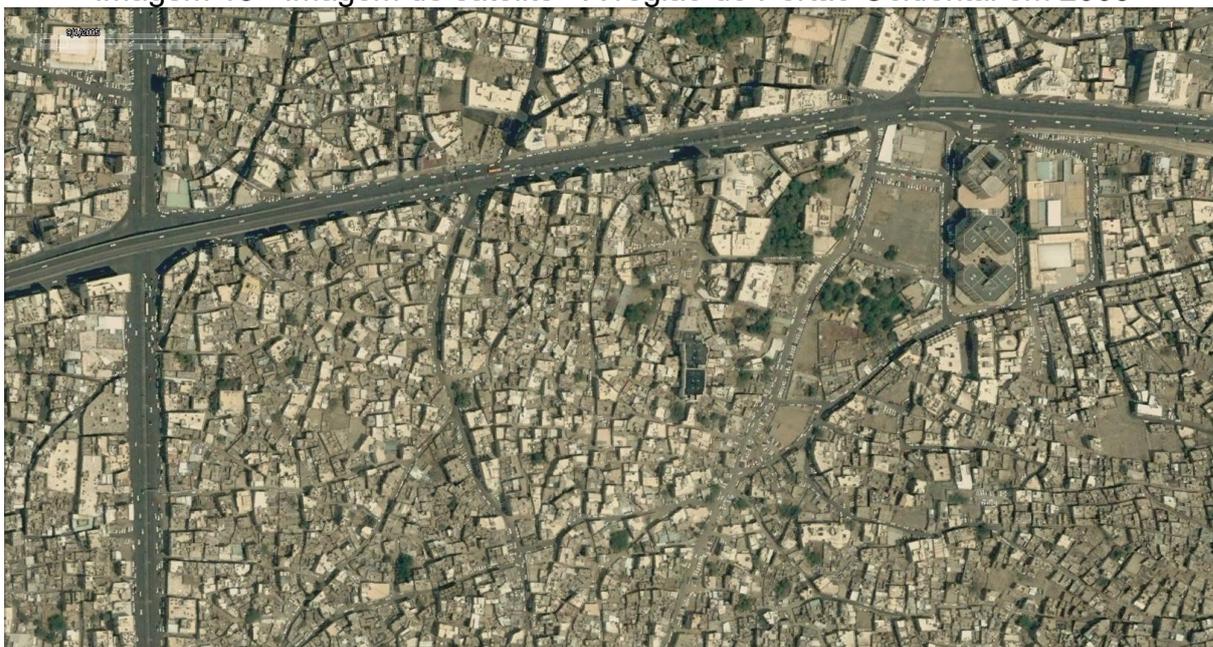
moderna autoestrada recém-inaugurada para fazer a ligação entre o aeroporto e o destino final dos peregrinos termina na última de três alças viárias que circundam a área da mesquita, a aproximadamente 3,65 quilômetros de distância do templo. O Portão Ocidental, como o projeto também é conhecido, prevê a construção de uma esplanada que auxilie o peregrino a vencer este trecho final de sua jornada. Por ser a primeira visão que a maioria dos visitantes terá da cidade, é nítida a preocupação de que se transmita ao mundo a idéia de uma cidade icônica e cosmopolita⁴¹.

Sua implantação em uma área de grande densidade populacional, caracterizada por um tecido urbano tradicional de ruas estreitas com acesso exclusivo para pedestres e traçado irregular (uma ocupação típica da velha Meca e de várias outras antigas cidades muçulmanas), exigiu a remoção de um total de 3.747 propriedades privadas, etapa já concluída (imagens 18 e 19). Atravessando cinco bairros, contará com uma avenida de 80 metros de largura, um boulevard central para pedestres de 60 metros ligado à grande praça central do Projeto Jabal Omar e um sistema de trem elevado com capacidade para transportar 40 mil pessoas por hora. Calcula-se que o boulevard, que corresponde a 23% da área total do empreendimento, seja capaz de dar vazão a um fluxo de 150 mil peregrinos por hora. Os visitantes poderão se deslocar com relativa tranquilidade, protegidos do sol por coberturas em lona tensionada. Áreas de descanso, restaurantes, shopping centers e opções de entretenimento serão distribuídos ao longo do trajeto.

O projeto prevê a construção de hotéis e torres residenciais, além das já mencionadas áreas comerciais e de recreação. A capacidade prevista é de 197 mil habitantes e mais 28 mil quartos disponíveis para hospedagem. No ponto central da grande esplanada, será erigida a Mesquita Rei Abdul Allah bin Aziz, uma alternativa à Grande Mesquita para as orações diárias e outras obrigações religiosas que não precisem ser cumpridas necessariamente na antiga edificação. Com uma área construída de 124.000m², terá capacidade para 40.000 fiéis.

⁴¹ O escritório de arquitetura francês AS Architecture-Studio (www.architecture-studio.fr), co-responsável pelo conhecido projeto da sede do Instituto do Mundo Árabe em Paris, ficou a cargo da concepção arquitetônico-urbanística da KAAR (sigla em inglês pela qual a Avenida Rei Abdul Aziz é conhecida). Em seu memorial descritivo, a empresa cita a Champs-Élysées, em Paris, a Quinta Avenida, em Nova Iorque e as Ramblas, em Barcelona, como referências utilizadas no seu desenvolvimento.

Imagem 18 - Imagem de satélite - A região do Portão Ocidental em 2005



Fonte: Digital Globe (2005).

Além da mesquita, a avenida contará com outro monumento: um imenso arco triunfal que torna evidente a inspiração na Champs-Élysées e no Arco do Triunfo, símbolos inequívocos do Ocidente.

Os recursos para a construção vêm de uma parceria público-privada. Com a anuência do Rei Abdullah e do Príncipe Faisal, prefeito de Meca, a Companhia de Desenvolvimento e Construção Umm Al Qura foi fundada como uma sociedade anônima especialmente para tornar possível a execução e gestão da obra. A companhia é assessorada por empresas de diversos países europeus com experiência em grandes empreendimentos. A presença de profissionais de arquitetura e urbanismo ocidentais no planejamento da cidade é algo que, como veremos, tem se tornado cada vez mais comum na nova Meca dos Saud. As justificativas para tanto, assim como os desdobramentos dessa mudança de postura, também serão devidamente discutidos mais à frente, quando falaremos do modelo de cidade ideal adotado pela família real saudita e o quanto essa cidade se aproxima ou se distancia da Meca ideal da maioria dos muçulmanos.

Imagem 19 - Imagem de satélite - A região do Portão Ocidental em 2014



Fonte: Digital Globe (2014).

4.2.4. O NOVO PALÁCIO REAL

O Palácio Real é um complexo de cinco edifícios verticais - uma tipologia pouco associada a esse tipo de edificação - implantado sobre uma colina imediatamente ao Sul da *Masjid-al-Haram*. Ele serve como residência do monarca e de seu estafe durante o período do *Hajj*. As seguidas extensões da praça no entorno da mesquita foram avançando em direção ao palácio até que não restasse espaço algum para que o edifício recebesse novas alas.

O Novo Palácio Real ocupará o topo do Monte Khandama, a Leste da mesquita, e terá sua ligação com o templo religioso facilitada pela sequência de terraços que compõem a etapa futura de sua ampliação. O novo complexo também abrange a residência oficial do *Imam*⁴² de Meca.

A proposta para a edificação escalonada abrange o local onde uma pequena biblioteca marca o antigo local de nascimento do profeta Maomé. Embora não seja a edificação original de sua primeira residência, funciona como única referência de sua localização exata.

⁴² A Grande Mesquita possui três *Imans*, mas existe uma hierarquia encabeçada por um líder; apenas a residência desta figura central será erigida no complexo.

4.2.5. A GRANDE MECA

Conforme estabelecido anteriormente, os ritos realizados pelos peregrinos em sua visita não se restringem a Meca e sua mesquita. Mina, onde ocorrem várias etapas a serem cumpridas pelos visitantes, possui mais espaço disponível - as transformações, aqui igualmente necessárias, mostram-se por esse motivo mais simples. Boa parte da infraestrutura exigida para a realização dos rituais que têm lugar fora da região central já foi concluída, muito embora o crescimento no contingente de pessoas seja constante e as obras precisem acompanhá-lo.

Mina encontra-se a cinco quilômetros de Meca, na direção Leste, localizada em terreno predominantemente plano e desocupado (no que diz respeito à existência de uma população residindo permanentemente no local e a construções na acepção da palavra); esta última característica - também observada em Muzdalifa e Arafat - é contingência daquilo que ocorre na região durante o *haji*. Como se sabe, acampar em Mina durante a primeira noite das celebrações do *haji* é obrigação de todo fiel. Por esse motivo, o governo saudita começou em 1998 a instalação de tendas padronizadas, brancas, de material resistente às altíssimas temperaturas do deserto e providas de ar condicionado, distribuídas de maneira organizada em um espaço de aproximadamente 20km² (na imagem 20, um comparativo entre a área do complexo e a Avenida do Contorno, em Belo Horizonte). A cada ano novas tendas são acrescentadas a um número que já ultrapassa as cem mil estruturas, cada uma delas sendo capaz de abrigar centenas de pessoas. A paisagem é marcada de tal forma pela multiplicação de coberturas idênticas e distribuídas de maneira regular, que o local foi batizado informalmente de cidade das tendas. Os abrigos foram instalados no local em caráter permanente e não são desmontados em nenhuma ocasião, nem mesmo fora do período da peregrinação.

Imagem 20 - A cidade das tendas de Mina e a Avenida do Contorno.



Fonte: Imagem do autor (2014).

Em Mina encontra-se também a passarela de pedestres do *Jamarat* - menor que a cidade das tendas, mas não menos impressionante. A cerimônia de apedrejamento do diabo, repetida seguidas vezes durante o Hajj, sempre representou o momento mais delicado da peregrinação e por esse motivo foi alvo de inúmeras intervenções que buscavam facilitar sua realização. Os três pilares eram, até a década de 1950, apenas três pequenos obeliscos de pedra perdidos na paisagem do deserto. Foram substituídos neste período por elementos maiores e acrescidos de uma espécie de concha sob suas bases para recolher as pedras que lhes eram atiradas. Mais à frente, na década de 1960 (concomitantemente à primeira grande ampliação saudita da mesquita) foi edificada uma passarela de concreto que mostrou-se bastante eficaz no direcionamento dos fiéis em uma espécie de fila. Nos últimos anos, porém, a grande passarela havia se tornado insuficiente para os milhões que passaram a realizar a peregrinação todos os anos. Os pilares haviam se tornado alvos difíceis de serem atingidos em meio à multidão e os casos de feridos por pedras atiradas por terceiros e mortes por pisoteamento cresciam a cada ano⁴³. O Rei Abdullah decidiu então pela demolição da antiga passarela, o que ocorreu ao fim do Hajj do ano de 2006. A antiga estrutura deu lugar a um imenso complexo (executado pelo grupo Binladin) de vários andares, provido de múltiplas saídas de emergência, heliportos para transporte de feridos e sistemas contra incêndios. Os pilares simbólicos foram substituídos por extensos paredões elípticos, alvos fáceis para as pedras arremessadas e revestidos de forma a evitar que estas ricocheteiem nos fiéis.

Ainda em Mina pode ser encontrado um terceiro novo elemento na paisagem, igualmente concluído: um conjunto de grandes galpões que abrigam os abatedouros que têm a autorização do Ministério do Hajj para comercializar os vouchers que garantem ao peregrino que um animal foi sacrificado em seu nome. É nestes abatedouros que também é realizado o processamento da carne e demais subprodutos obtidos dos animais. Como o número de cordeiros, cabras e outros animais domésticos abatidos todos os anos é de milhões de cabeças e o complexo

⁴³ Em 1994, a multidão em pânico pela superlotação pisoteou e matou ao menos 270 pessoas. Em 1998, o mesmo ocorreu, desta vez com 118 mortes. Os acidentes graves foram se repetindo, culminando com 597 mortos e 533 feridos se somadas as tragédias ocorridas em 2004 e 2006.

já prevê o crescimento exponencial da demanda nos próximos anos, a área ocupada corresponde a uma parcela bastante significativa da cidade.

Arafat e Muzdalifa não possuem desafios logísticos particulares e não têm a demanda por infra-estrutura hoteleira, por exemplo (a noite em Muzdalifa deve ser passada ao ar livre). Por essa razão, não foram alvo de transformações significativas - a montanha onde Maomé teria proferido seu último sermão é apenas uma pequena formação rochosa e ainda assim consegue se destacar na paisagem incrivelmente plana e árida das cidades, rivalizada apenas pela mesquita (de área significativa, porém marcadamente horizontal) de Arafat e pelo complexo universitário islâmico edificado entre as duas cidades.

O trajeto entre Meca, Mina, Muzdalifa e Arafat pode ser realizado de diversas maneiras. O maciço rochoso que separa as cidades é atravessado por túneis para veículos particulares e para o trem metropolitano que para em estações nos quatro locais. Para aqueles que preferem realizar os trajetos a pé (as distâncias são relativamente curtas e alguns optam pela caminhada como forma de sacrifício), novos túneis peatonais ligando o espaço público que circunda a mesquita à passarela do *Jamarat* foram inaugurados recentemente. Deste ponto até Arafat existe uma via de pedestres protegida do calor do deserto por coberturas em lona.

4.2.6. A JEDDAH TOWER

A Jeddah Tower (anteriormente conhecida como Kingdom Tower) é um arranha-céu em construção (imagem 21) situado em Jedá, a cidade vizinha a Meca que com seu aeroporto representa o principal acesso internacional à cidade sagrada.

Embora não esteja em Meca, sua existência se deve à proximidade com o local sagrado do Islã e sua inclusão nessa lista se justifica pela relação de interdependência entre as cidades, ligadas pelo cordão umbilical que é a autoestrada Jedá-Meca. Com entrega inicialmente prevista para 2016, a construção tem sofrido com oscilações econômicas e desafios de ordem técnica, chegando a ser paralisada em diversas ocasiões por conta de sucessivas desvalorizações no preço do barril de petróleo no mercado internacional. A nova estimativa do governo saudita é que a obra seja entregue em 2020, mas o ritmo de andamento dos

trabalhos e o histórico de imprevistos sugere que a entrega deva ser adiada novamente.

Imagem 21 - A obra da Jeddah Tower em 2017.



Fonte: CNN (2017).

O edifício foi inicialmente projetado para ser a primeira construção na história a superar a impressionante marca de uma milha de altura (ou 1600 metros), mas desde que a obra foi iniciada o ambicioso plano foi reduzido em escala. A meta, agora, é atingir um quilômetro (imagem 22). Mesmo com a significativa diminuição de sua altura final (os 600 metros de diferença correspondem aproximadamente à altura total da Torre Real do Relógio de Meca), a torre ainda será, caso concluída, a estrutura mais alta já realizada pelo homem, e com uma considerável folga para o segundo colocado: o edifício mais alto do mundo hoje é o Burj Khalifa, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, com aproximadamente 830 metros. Projetado pelo americano Adrian Smith⁴⁴, o mesmo do edifício de Jedá, o Burj Khalifa precisaria de

⁴⁴ Quando liderou a equipe responsável pelo projeto do Burj Khalifa, o arquiteto nascido em Chicago fazia parte do renomado escritório Skidmore, Owings & Merrill (conhecido também apenas pela sigla SOM), local onde ele trabalhou por mais de 40 anos. Surgido na década de 1930 com sedes em Chicago e Nova York, o SOM é um dos pioneiros mundiais na construção de arranha-céus e ainda hoje é uma das principais referências nesse tipo de construção no mundo. A torre saudita é assinada pela firma que Smith fundou quando de sua saída do SOM, o Adrian Smith + Gordon Gill Architecture. Vários dos projetos encabeçados por Smith nos dois escritórios figuram na lista de estruturas mais altas do planeta, localizados em diferentes cidades americanas e chinesas. No total, ele assina o projeto de 5 dos 20 primeiros do ranking.

170 metros adicionais para chegar à simbólica marca de um quilômetro - uma disparidade que equivale à altura aproximada do edifício mais alto em território brasileiro.⁴⁵ O exagero é tamanho que a escala da obra acaba resultando em consequências inusitadas: a Jeddah Tower será tão alta que o ar nos andares superiores será 10% mais rarefeito que na portaria.

Imagem 22 - Maquete renderizada do projeto da Jeddah Tower.



Fonte: Jeddah Economic Company (2019).

O posto de prédio mais alto do planeta é assumido historicamente por construções que representam um pequeno incremento em relação à marca anterior. O que chama a atenção é o fato de que, não fosse a mudança de planos, a torre saudita teria praticamente o dobro da altura do até então detentor da cobiçada primeira posição. A redução, diga-se, não foi motivada por razões financeiras, mas por recomendação de engenheiros responsáveis pela prospecção do solo em que foram instaladas as fundações da megaestrutura.

⁴⁵ Até 2018, o edifício mais alto em território brasileiro era o Millennium Palace Camboriú (em Balneário Camboriú, Santa Catarina), com 177 metros.

A quilométrica torre é apenas a peça central de um complexo de edifícios, num terreno de quase 500 mil metros quadrados. O complexo, por sua vez, também parte integrante (e principal) de um plano maior, a Jeddah Economic City. Com 5 milhões de metros quadrados⁴⁶ e uma estimativa de custo em torno dos 20 milhões de dólares, salvo algum contratempo, o bairro (que já se chamou Kingdom City) é uma das estratégias dos sauditas para atrair visitantes internacionais ao país e estender o tempo de permanência dos peregrinos que visitam as vizinhas Meca e Medina. Uma organização ligada ao governo saudita foi criada especialmente para gerir o empreendimento. Em uma declaração oficial de janeiro de 2018, Hisham Jomah - um representante da Jeddah Economic Company - afirmou de maneira muito direta qual é a intenção da obra e sua principal motivação para a construção da Jeddah Tower:

Os egípcios construíram as pirâmides. Na França, durante a Idade Média, foram construídas aquelas catedrais e igrejas imensas. Já nos tempos modernos, foram feitas cidades como Chicago e Nova York. A torre é, na realidade, um símbolo de nosso poder e engenho. Como em qualquer cidade do mundo, depois que chega o dinheiro busca-se o poder; com o poder, busca-se força. Com a força, vem o desejo de criar alguma coisa que sirva de legado para o mundo. Hoje, Jedá se encaminha para possuir um edifício que repercutirá por diversas gerações⁴⁷.

Juntamente com o Burj Khalifa, o edifício de Jedá representa um salto tão significativo na altura dos edifícios que a classificação de arranha-céu não me parece mais adequada. Os dois pertencem, no meu modo de entender, a uma outra categoria de estrutura. A experiência do Burj Khalifa, portanto, é a única referência disponível para avaliarmos as chances de sucesso, os desafios e o impacto desse tipo de construção. O que essa experiência demonstra é que, financeiramente, a Jeddah Tower só se justifica enquanto motor de desenvolvimento do entorno. À

⁴⁶ O tamanho atual da Jeddah Economic City, a exemplo do que ocorreu com a Jeddah Tower, também representa apenas uma fração da ambição original: 5 quilômetros quadrados, contra os 23 do primeiro projeto. O local escolhido é hoje uma porção de deserto dentro dos limites da cidade de Jedá, a aproximadamente 20 quilômetros de distância do centro da cidade e de seus grandes motores econômicos - o porto marítimo e o aeroporto internacional.

⁴⁷ The Egyptians, they built the pyramids. In medieval France, they built all these huge cathedrals and churches. And in modern times, they built New York, Chicago. So really, it's a token of strength and ingenuity. Like in every city: after money, after power, you want strength. After strength, you want to establish something, leave something for the world. And today, Jeddah is going to have a building which, many generations to come will talk about it (CNN, 2018).

medida em que um edifício vai ficando mais alto, a proporção aproveitável de sua área construída vai diminuindo, dando lugar a cada vez mais elevadores (A Jeddah Tower terá 59 elevadores, alguns deles com dois andares, e 12 caixas de escada) e a um coração estrutural cada vez mais robusto. Os custos com fundações sobem em progressão geométrica. O principal fator de limitação da altura do edifício, já faz muito tempo, não é sua viabilidade técnica, mas a falta de propósito comercial. O uso misto é o único caminho para mitigar esses custos (edifícios que mesclam residências e salas comerciais são mais lucrativos que os de uso único), mas a medida é paliativa. Como resultado, o Burj Khalifa é um edifício deficitário. Em sua defesa, os responsáveis por sua construção alegam que seu impacto no valor do metro quadrado das torres circundantes e as divisas trazidas pelo turismo acabam contrabalançando seu custo exorbitante. É por essa razão que a torre saudita é parte de um complexo composto também por diversas torres de menor porte. O engenheiro Talal Al Maiman, que integra a mesa diretora da Jeddah Economic Company, espera que esse seja o caso em Jedá.

5. ANÁLISE CRÍTICA

O “ocidental” não é mais nosso domínio exclusivo. Exceção feita às regiões onde se originou, o termo agora representa uma condição de aspiração universal. Não é mais um processo que “nós” iniciamos, algo cujas consequências possamos condenar; é um processo interno e deliberado que não temos o direito de negar (em nome de diversas sensibilidades) àqueles “outros” que já o incorporaram há muito tempo. Nós somos, no máximo, os pais falecidos que deploram a bagunça que nossos filhos fizeram com a herança que receberam.⁴⁸ (KOOLHAAS, 1997, P. 1013, em tradução nossa).

Esta epígrafe foi retirada de um texto de Rem Koolhaas que fala sobre a cidade-estado de Cingapura, no Sudeste Asiático, mas acredito que a observação possa ser estendida para todo o mundo chamado de não-ocidental, inclusive para Meca. Ela serve como um alerta: ainda que se possa criticar uma edificação ou uma idéia de cidade por não serem suficientemente islâmicas, o fato é que os sauditas não são vítimas passivas dessa ocidentalização que está apagando seus traços culturais. O que está ocorrendo na cidade é um processo intencional, consciente.

Antes de avaliar os méritos e deméritos dessa nova Meca, é preciso entender quais são as forças que ditam essa metamorfose e entender como elas atuam antagonicamente. A Arábia Saudita moderna é fundamentada em uma dicotomia: uma relação de admiração e interdependência com o ocidente que convive com a rejeição absoluta, ao menos em teoria, de seus hábitos, símbolos e costumes. A identidade local é intimamente ligada à religião; o nascimento do Islã em território saudita e o modo como ele se espalhou pelo mundo explica a influência cultural do país sobre os vizinhos e porque essa identidade é tão cara a seus cidadãos mais conservadores.

No início do séc. VII, Maomé e seus seguidores viam no Islã uma comunidade, mais que uma religião. Enquanto se espalhava pela Península Arábica, esta comunidade tornou-se algo comparável a um império (um califado, de acordo

⁴⁸ The “western” is no longer our exclusive domain. Except perhaps in the regions of its origins, it now represents a condition of universal aspiration. It is no longer something “we” have unleashed, no longer something whose consequences we therefore have the right to deplore; it is a self-administered process that we do not have the right to deny – in the name of various sentimentalities – to those “others” who have long since made it their own. At most, we are like dead parents deploring the mess our children have made of their inheritance.

com a terminologia mais aceita), que cresceu na mesma medida em que caíam os grandes impérios preexistentes da região: o Persa e o Bizantino. Em um espaço de tempo incrivelmente curto, vinte anos após a morte do profeta, o Islã já estava em todo o Oriente Médio, na África setentrional, na Pérsia e em trechos da Europa mediterrânea (como o sul da atual Espanha). A região se caracteriza hoje pela unidade não apenas em torno da religião, mas do idioma e demais aspectos culturais. Como berço da etnia - e dos valores e costumes a ela associados - a Arábia Saudita vê-se como uma espécie de guardiã daquilo que a simboliza. Dessa percepção de responsabilidade sobre os hábitos e a religião nasce o wahhabismo, o movimento ultraconservador de preservação dos preceitos mais antigos do Islã cuja história se confunde com a fundação do Estado saudita.

Se por um lado o país foi criado pelos líderes do movimento wahhabista, ele nasce também de acordos costurados entre eles e o Império Britânico (que no período entre guerras havia preenchido a lacuna de liderança na região deixada pelo extinto Império Otomano). Os Estados Unidos, em mesma medida, foram fundamentais para o reconhecimento da Arábia Saudita como país, sendo dos primeiros a estabelecerem relações diplomáticas e econômicas.

O conflito com o Ocidente é a primeira de muitas contradições observadas neste processo de revitalização da cidade sagrada dos muçulmanos. Seu entendimento é de fundamental importância para este estudo, uma vez que ela se faz presente de forma recorrente e explica ao menos parcialmente todas as demais contradições que encontraremos à frente.

Tão importante quanto a questão Islã x Ocidente, outra relação de opostos que rege este processo tem origem na forte relação que a religião tem com o lugar. Em nenhuma outra crença no planeta o local, mais do que as figuras e datas religiosas, é tão importante. A observância da *qiblah* no momento da oração e o caráter compulsório da visita a Meca são obrigações que não possuem paralelo em nenhuma outra seita religiosa⁴⁹. O paradoxo se estabelece no momento em que a cidade precisa se adaptar à sua nova condição de grande destino turístico ao

⁴⁹ Embora possamos dizer que a orientação cardeal tenha sido, no passado, fundamental no momento de se definir a implantação de uma igreja, não há nada no catolicismo que se compare à *qiblah* - seria como se o católico precisasse a todo momento de se certificar da localização relativa do Vaticano. O ato da peregrinação, da mesma maneira, é prática comum a praticamente todas as religiões, mas não há nenhum outro sistema de crenças que o coloque como exigência.

mesmo tempo em que deve preservar sua identidade. O lugar precisa se transformar, mas perde sua força simbólica na medida em que se transforma. Avaliar o quão satisfatoriamente obteve-se uma conciliação dessas condições nos dá a medida do sucesso de Meca e de seu novo plano urbano; e são muitas as ocasiões em que essa conciliação é conduzida de maneira equivocada.

De modo geral, toda contradição observada em Meca pode ser descrita como um conflito entre o tradicional e o novo. Não existe uma abordagem correta, um meio-termo ideal que possa ser adotado como referência para se resolver esse embate. Cada um dos novos elementos do espaço identificados anteriormente precisa ser avaliado de maneira isolada para que erros e acertos possam ser apontados com mais propriedade. Por essa razão, repetiremos aqui os subitens descritos na etapa anterior, na mesma ordem em que foram discriminados, para que à sua descrição some-se agora a avaliação de seu impacto.

5.1. A MESQUITA

A Grande Mesquita difere de todas as outras estruturas religiosas do Islã no mundo por sua natureza radial. A tipologia tradicional de uma mesquita, independente de seu estilo arquitetônico, conta necessariamente com alguns elementos básicos: um ou mais minaretes, um pátio enclausurado que representa a transição entre espaço profano e sagrado (o *sahn*), um salão de orações e um *mihrab* - um pequeno nicho em uma das paredes internas da edificação que tem como única função demarcar a *qiblah* (a direção de Meca ou, mais especificamente, da *Ka'aba*). Não existe um *mihrab* na Grande Mesquita, porque nela não há necessidade de se indicar a direção da *Ka'aba*. Desta maneira, a estrutura é inteiramente voltada para seu centro, enquanto todas as construções similares se organizam a partir de um eixo central direcionado a uma de suas extremidades, da mesma maneira como uma igreja volta-se para seu altar-mor. Por essa razão, a opção por um anexo em forma de leque (imagem 23) é uma solução projetual inteligente e, embora pouco usual, adequa-se perfeitamente a suas peculiaridades.

O primeiro equívoco em sua abordagem (e possivelmente o mais grave) pode ser observado na ampliação do *mataf* e diz respeito à destruição do patrimônio histórico. Único trecho da estrutura (desconsiderada a *Ka'aba*) construído há mais

de cem anos, a colunata otomana datada do séc. XVII não é vista pelas autoridades locais como nada mais que um empecilho à ampliação do espaço destinado à realização do *tawaf*.

Imagem 23 - Imagem de satélite - A *Ka'aba* como centro do leque da mesquita.



Fonte: Digital Globe (2019).

O tratamento negligente encontra motivações não apenas na lógica econômica e projetual; pode ser explicado igualmente por razões políticas e religiosas. A questão política é a polarização ou disputa pelo posto de mais influente nação do mundo islâmico que envolve, entre outros países, Arábia Saudita e Turquia. Herdeira da tradição cultural e local da antiga capital do Império Otomano, a Turquia é dos maiores e mais importantes países muçulmanos do mundo e representa o extremo oposto daquilo que defendem os sauditas: abertura aos costumes estrangeiros, postura de aversão ao fanatismo e condescendência com o não-cumprimento das leis do Corão. A questão religiosa é a utilização dos preceitos wahhabistas como justificativa (ou pretexto) para sua demolição: as colunas de pedra são entalhadas com inscrições que descrevem passagens da vida de Maomé (algumas delas marcam os locais exatos onde ocorreram eventos de sua trajetória), o que supostamente coloca o profeta no primeiro plano da fé em detrimento de Alá.

Seja qual for a verdadeira motivação, o anúncio dos planos foi recebido negativamente por vários setores da sociedade local, em outros países muçulmanos e no Ocidente, especialmente na Inglaterra⁵⁰. Como resultado, o governo saudita voltou atrás em sua decisão e anunciou que apenas os trechos avaliados como reconstruções seriam demolidos. Foi formada uma comissão que avaliou não serem originais quase trinta trechos distintos da colunata e a demolição seletiva teve início (imagem 24). Imagens recentes mostram, no entanto, que a estrutura foi demolida em sua totalidade. As colunas foram transferidas para um museu e, de acordo com os pronunciamentos oficiais, serão recolocadas na mesquita como parte de uma nova arcada de aspecto semelhante à original (com uma forma em planta mais adequada à natureza circular do ritual do *tawaf*). A solução, meramente paliativa, é uma maneira inadequada de apaziguar as insatisfações e representa uma mentira histórica potencialmente mais desastrosa do que a própria destruição da estrutura original. O indiano Basharat Peer escreveu sobre a importância da estrutura original após uma visita à cidade em 2012:

Me doe a constatação de que eu posso estar entre os últimos peregrinos a ver as partes mais bonitas da mesquita. Os arcos otomanos brilhavam na luz amarelada da mesquita e as cúpulas brancas de Sinan formavam uma curva serena contraposta com o negro da Ka'aba.⁵¹

O nome citado na frase de Peer é o de Mimar Sinan, o mais importante arquiteto do Império Otomano e o primeiro a imprimir uma qualidade autoral às obras de suas mesquitas. Embora sua produção de destaque tenha se concentrado na então Constantinopla (hoje Istambul), ele tem obras espalhadas por todo o mundo islâmico, e a colunata otomana de Meca é uma delas. Sua contribuição para o reconhecimento da figura do arquiteto na história do Islã se assemelha à de Brunelleschi para o Ocidente. Antes dele, não havia uma só figura que personificava uma obra arquitetônica, alguém que a assinasse, já que as mesquitas eram construídas sem projeto ou pela contribuição de diversos artesãos. As estrelas da

⁵⁰ O Príncipe de Gales, figura associada com a causa da preservação do patrimônio histórico em todo o mundo, visitou o país pouco tempo após o anúncio dos planos de demolição da colunata e, embora não tenha confrontado o Rei Abdullah diretamente a respeito, teve sua visita repentina interpretada como um ato simbólico de reprovação.

⁵¹ I was pained by the awareness that I might be among the last pilgrims to see the most beautiful parts of the mosque. The Ottoman arches glowed in the mosque's sulfur lights, and Sinan's white domes formed a serene arc against the black of the Kaaba.

arte muçulmana não eram os construtores, mas os grandes calígrafos. Sinan mudou esse panorama. Diante disso, vê-se o quão significativa era essa colunata na história da arquitetura e o quanto é irreparável sua perda.

O remodelamento do *mataf* significa, na verdade, a demolição em etapas de toda a construção - exceção feita à ala construída pelo Rei Fahd na década de 1980. A divisão dos trabalhos de demolição serve a dois propósitos; o primeiro, mais evidente, é a continuidade da utilização do templo durante o período de obras; o segundo, mais velado, é a possibilidade de se substituir gradualmente a edificação, como um grande navio de Teseu, de forma a não causar reação negativa. É evidente que a colunata otomana é o único trecho de relevância histórica e arquitetônica de todo o conjunto (a qualidade da arquitetura do restante do templo é bastante questionável), e por esse motivo a demolição do restante da mesquita não representa uma perda significativa, mas atesta o papel da *libidine aedificandi* na obra. Não satisfeita em apenas ampliar a capacidade do edifício com a construção de um gigantesco anexo, a família Saud destrói e refaz o edifício original em sua totalidade, mesmo que a viabilidade do referido anexo não dependa disso.

Imagem 24 - A demolição da colunata otomana (em pedra, à esquerda).



Fonte: (MATER, 2014).

A crítica ao projeto do anexo da *Masjid-al-Haram* passa freqüentemente pela questão da escala. Os novos e altíssimos minaretes, por exemplo, são alvo de controvérsia entre os religiosos por dois motivos: a integridade do aquífero do poço de Zamzam e uma conhecida profecia do Corão. Como já se sabe, a cidade de Meca localiza-se em clima desértico e a existência de uma mina d'água no perímetro da mesquita é vista como milagre e tem relação com uma passagem histórica da fé islâmica. Estudos geológicos realizados recentemente apontam a fragilidade do lençol freático responsável pela sua existência e sua suscetibilidade em ceder a cargas aplicadas por edificações de grande porte no terreno acima. Um minarete, qualquer que seja seu tamanho, é uma estrutura caracterizada por uma superfície de contato com o solo proporcionalmente pequena em comparação com sua altura, o que resulta em elevação da pressão aplicada sobre sua fundação. No caso dos novos minaretes da Grande Mesquita, que elevam-se a 420 metros, pode-se imaginar que um parecer geológico desfavorável inviabilizaria sua construção, principalmente se for considerado o inestimável valor sagrado da água do poço de Zamzam. No entanto, a construção segue. A decisão que causa estranhamento por um motivo adicional: de acordo com a escatologia islâmica, um dos sinais da aproximação do dia do juízo final é a competição entre os povos pela realização de estruturas cada vez mais altas⁵² (uma profecia que encontra paralelo no cristianismo com a história bíblica da torre de Babel). Em se tratando de uma estrutura religiosa e de uma altura tão significativa (exatamente o dobro daquele que é atualmente o minarete mais alto do mundo), surpreende o fato do projeto receber a aprovação das autoridades wahhabistas.

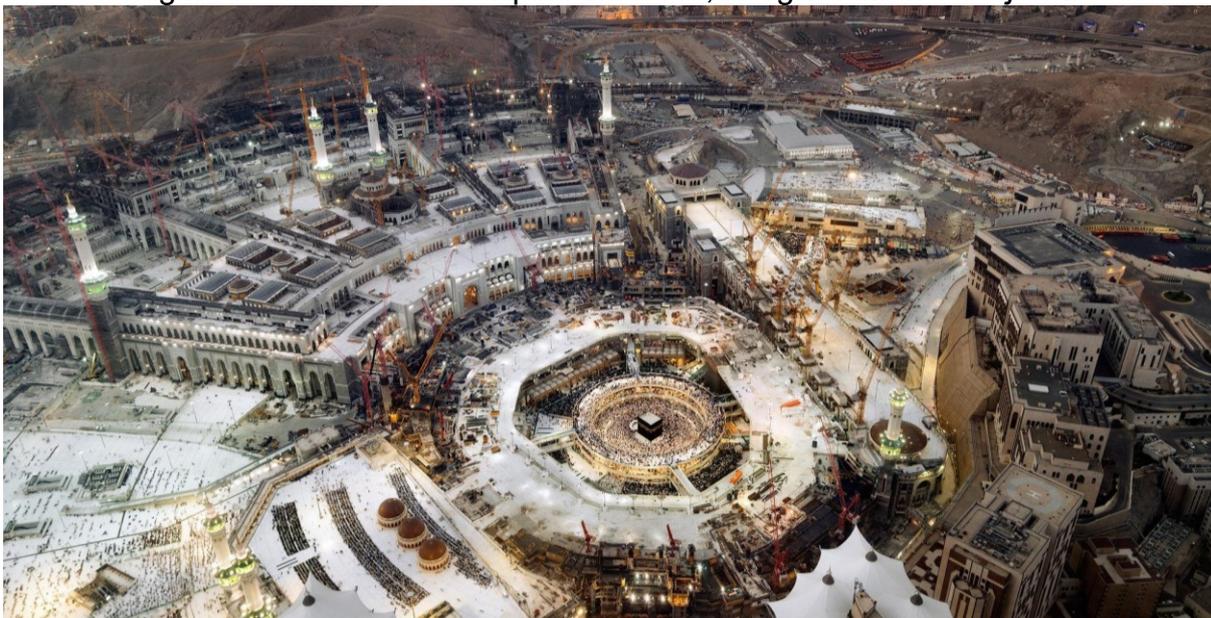
O aspecto imaculadamente branco de toda a extensão da mesquita é emblemático (o branco é padrão em todas as intervenções em curso na cidade de Meca). A paisagem natural da cidade é caracterizada pelos tons de marrom e ocre típicos do deserto saudita e, como é comum em todo o mundo islâmico, a arquitetura vernacular segue a paleta de cores do terreno. A ocupação informal, de maneira bem semelhante ao que ocorre no Brasil, é dominada por edificações de alvenaria

⁵² Em um famoso *Hadiz*, o Arcanjo Gabriel pergunta a Maomé quando seria o fim dos tempos e o Juízo Final. A resposta do profeta: quando pastores de camelos começarem a competir na construção de estruturas cada vez mais altas.

de tijolos de barro sem revestimento, o que reforça esse aspecto da velha Meca. A própria colunata otomana da *Masjid-al-Haram* possui essa coloração (imagem 25). O branco do mármore que reveste pisos, paredes, tetos e coberturas do novo edifício representa a pureza do Islã; mas representa também a nova Meca, um ideal de cidade que dá as costas ao tradicional, reforçando a contradição.

O mármore representa também opulência, e nessa opulência reside, mais uma vez, um jogo de extremos - embora nesse caso a contradição seja inerente ao Islã. Como ocorre em diversas partes do globo, é natural que a prática assuma diversas facetas. Há lugares em que a sacralidade da religião e de seus edifícios se manifesta justamente através da riqueza decorativa: quanto mais intrincada a decoração, maior a dedicação e a entrega (de material e de força de trabalho) a Alá. Exemplos desse tipo de arquitetura podem ser encontrados nos vizinhos Irã e Iraque. As famosas mesquitas do Mali, por outro lado, encontram na pobreza e na simplicidade a humildade do homem diante do Deus único, e qualquer filigrana é percebida como afronta. Encontrar o ponto de equilíbrio que represente todos os muçulmanos é desafio que se mostra acima da capacidade dos projetistas da nova mesquita, que produziram uma arquitetura que parece não saber sua identidade, perdida entre o tradicional e moderno. Em vez do propalado ideal de mescla de antigo e contemporâneo, o que se vê é um pastiche de gosto duvidoso e uma arquitetura que não se presta à escala do edifício.

Imagem 25 - A Grande Mesquita em 2016, fotografada do *Abraj-al-Bait*



Fonte: (LOCATELLI, 2016).

5.2. OS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS

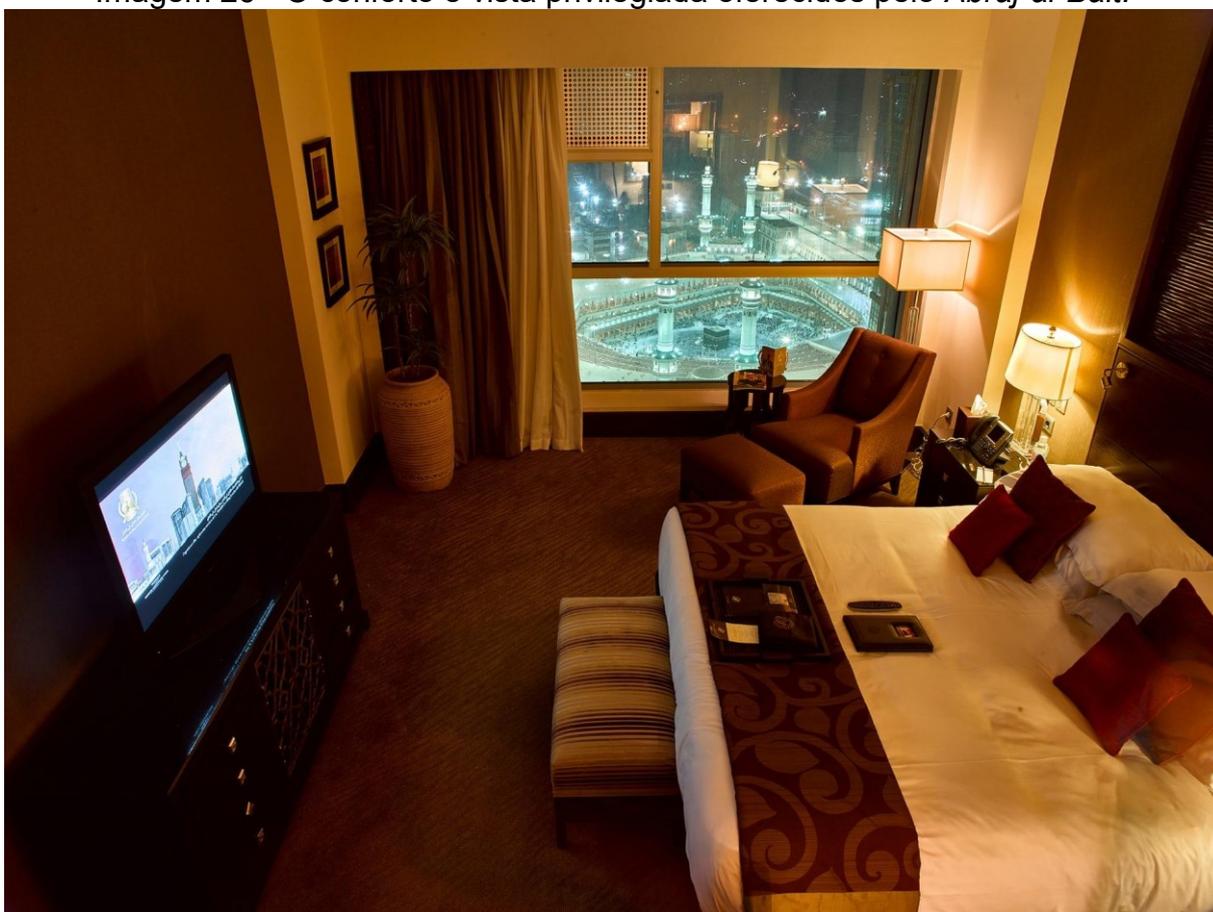
A Torre Real do Relógio (*Abraj-al-Bait*) é possivelmente o grande símbolo da nova Meca. Ela é seguramente o primeiro e o maior dos monumentos que a representam, se não o mais importante. Sua silhueta é imagem ubíqua na cidade, acima de tudo e de todos, impondo sua figura em seu contexto urbano como nenhum outro arranha-céu no planeta. Graças a edifícios como o *Abraj-al-Bait*, Meca é hoje uma cidade cuja essência é reduzida a algumas construções tidas como emblemáticas, representada “por delegação”.

O *Abraj-al-Bait* e os outros tantos empreendimentos imobiliários provocam o questionamento sobre a perda do sentido religioso da peregrinação. O *Hajj* é um sacrifício, as vestes obrigatórias transmitem a idéia de desapego e igualdade e a experiência do ritual de cinco dias não existe para que seja confortável. O serviço dos hotéis de alto padrão, seus preços exorbitantes e sua ampla oferta de opções de lazer suscitam comparações entre a Meca que o atual monarca saudita deseja e cidades como Las Vegas (imagem 26). O aspecto religioso torna-se um pretexto para um turismo de luxo que pouco ou nada tem de preocupação com o sagrado.

Ainda que esse discurso pareça extremamente conservador, até mesmo para os padrões sauditas (afinal, hotéis cinco estrelas, ainda que menos luxuosos, já

existem em Meca há décadas), há outras considerações a serem levantadas a respeito da imensa torre e sua relação com o tema religioso. Sua altura supera os minaretes da Grande Mesquita em 512 metros. Nem mesmo suas novas e polêmicas almadenas em construção serão capazes de rivalizar com o edifício, o que contraria uma regra tradicional da cidade muçulmana: a de que nenhum edifício de caráter civil deve ser mais alto que os minaretes da mesquita congregacional. A propósito, a altura prevista para os minaretes torna-se ainda mais injustificável, já que eles serão grandes o suficiente para chamar a atenção de forma negativa e comprometer a integridade do poço de Zamzam, mas não o suficiente para superar o Abraj-al-Bait. Talvez por essa razão, a torre multiuso assumiu uma das mais nobres funções a que se presta uma mesquita, a razão de ser do minarete: o chamado à oração. Enquanto em alguns países o uso de equipamento de som segue vetado ao muezim, Meca se utiliza de uma edificação civil para este fim, com um espetáculo de luzes e uma mensagem previamente gravada.

Imagem 26 - O conforto e vista privilegiada oferecidos pelo *Abraj-al-Bait*.



Fonte: (MATER, 2014).

A delimitação entre espaço sagrado e espaço profano existe em praticamente todas as religiões e o Islã está entre aquelas que mais se preocupam com a clareza na indicação dessa fronteira, como indica a existência do pátio da ablução⁵³ na tipologia tradicional da mesquita. O chamado à oração torna a edificação sagrada, mas apenas enquanto ela serve a essa função. Eliminada a clara fronteira física entre profano e sagrado, retira-se o caráter solene do ato religioso.

A escala e a proximidade do complexo com a mesquita demonstram uma falta de cerimônia com o espaço sagrado que não condiz com as atitudes e declarações do rei e de seus imediatos. Construir, para Alberti, requer prudência, reconhecer os limites do contexto. “É bom tudo aquilo que se regula em função da importância que lhe corresponde”. (ALBERTI, 2012, p. 352). Deve-se evitar a obsessão por sempre criar coisas inéditas. Pois vamos aos números deste complexo: o *Abraj-al-Bait* ocupa hoje os postos de terceiro edifício mais alto do mundo, com 601 metros; terceiro edifício em área construída no mundo, com mais de um milhão e meio de metros quadrados; maior relógio do planeta - na verdade os quatro maiores relógios, todos com 43 metros de diâmetro; e obra mais cara da história, tendo custado um total de 15 bilhões de dólares. Nenhum outro edifício exemplifica tão bem o *Bigness* de Rem Koolhaas, não apenas pelo tamanho, mas especialmente pela sua relação com o contexto e a maneira como ele rompe o tecido urbano (imagem 27).

⁵³ A ablução é um ato ritual de purificação que o fiel deve realizar antes de suas orações; envolve a lavagem das mãos acompanhada de uma sequência de gestos e a repetição de palavras em louvor de Alá. Nas mesquitas tradicionais, a entrada ao templo se dá através de um pátio dotado de uma fonte. O pátio é o espaço intermediário entre profano e sagrado, e a fonte se presta à realização da ablução, fundamental para que o fiel possa cruzar essa fronteira.

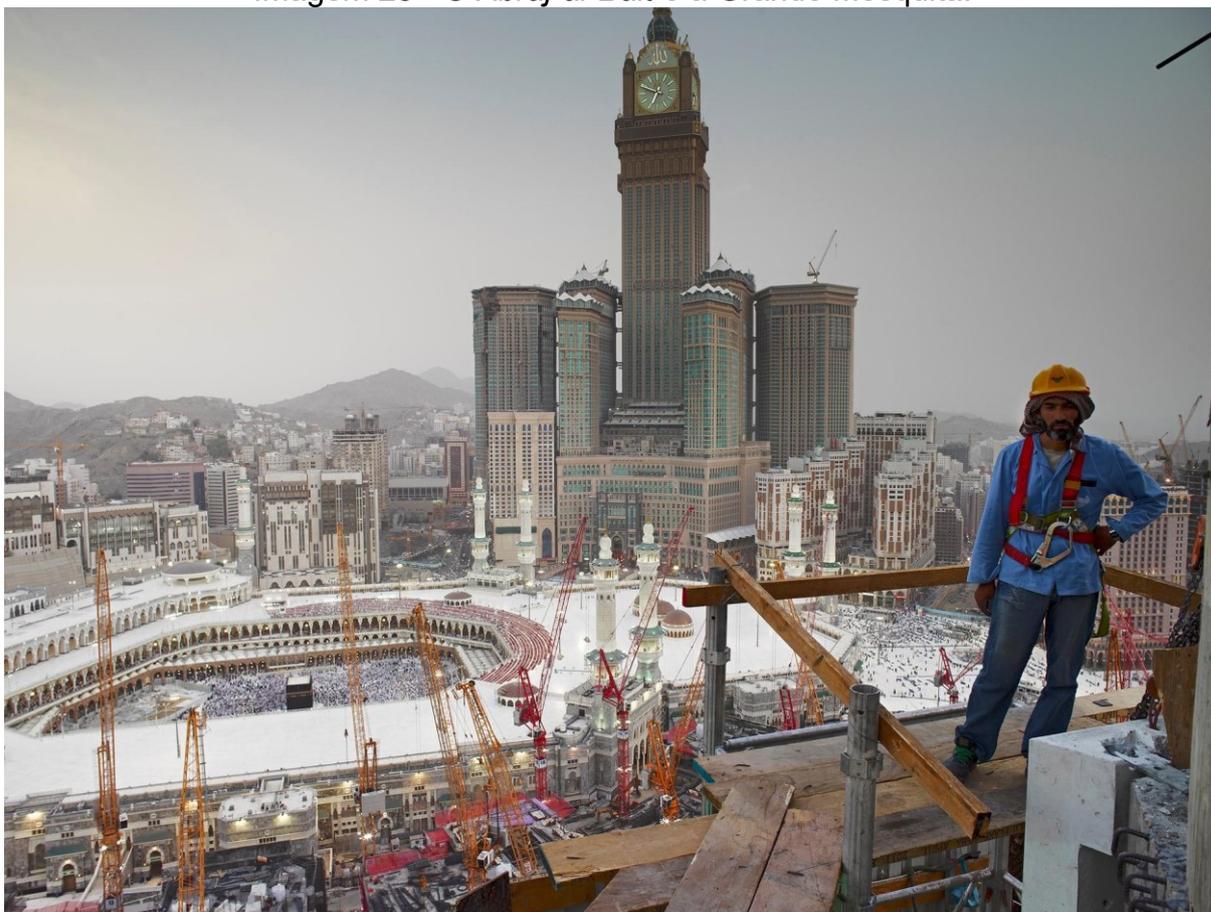
Imagem 27 - O *Abraj-al-Bait* (à direita) e seu contexto urbano.



Fonte: Digital Globe (2019)

A imensa estrutura tem, como já dito, um vizinho ilustre: a *Masjid-al-Haram*, a mesquita que representa nada menos que o centro do mundo para os muçulmanos. Alberti diz que “o templo é o maior ornamento da cidade”. Sua função, tão nobre e tão voltada à coletividade, justificaria segundo o autor sua posição de destaque. Bem, a Grande Mesquita é sem dúvida alguma uma edificação monumental - em todos os sentidos do termo. Sua capacidade é alardeada como seu grande trunfo e seu aspecto mais positivo (como seria de esperar numa cidade pautada pela lógica da arquitetura da quantidade). Uma vez concluída sua ampliação, anuncia o governo saudita, ela será capaz de abrigar aproximadamente 4 milhões de fiéis. Sua condição de “maior ornamento da cidade” e sua posição de destaque estariam, portanto, garantidas em quase qualquer contexto urbano em que estivesse inserida - mas não em Meca (imagem 28).

Imagem 28 - O *Abraj-al-Bait* e a Grande Mesquita.



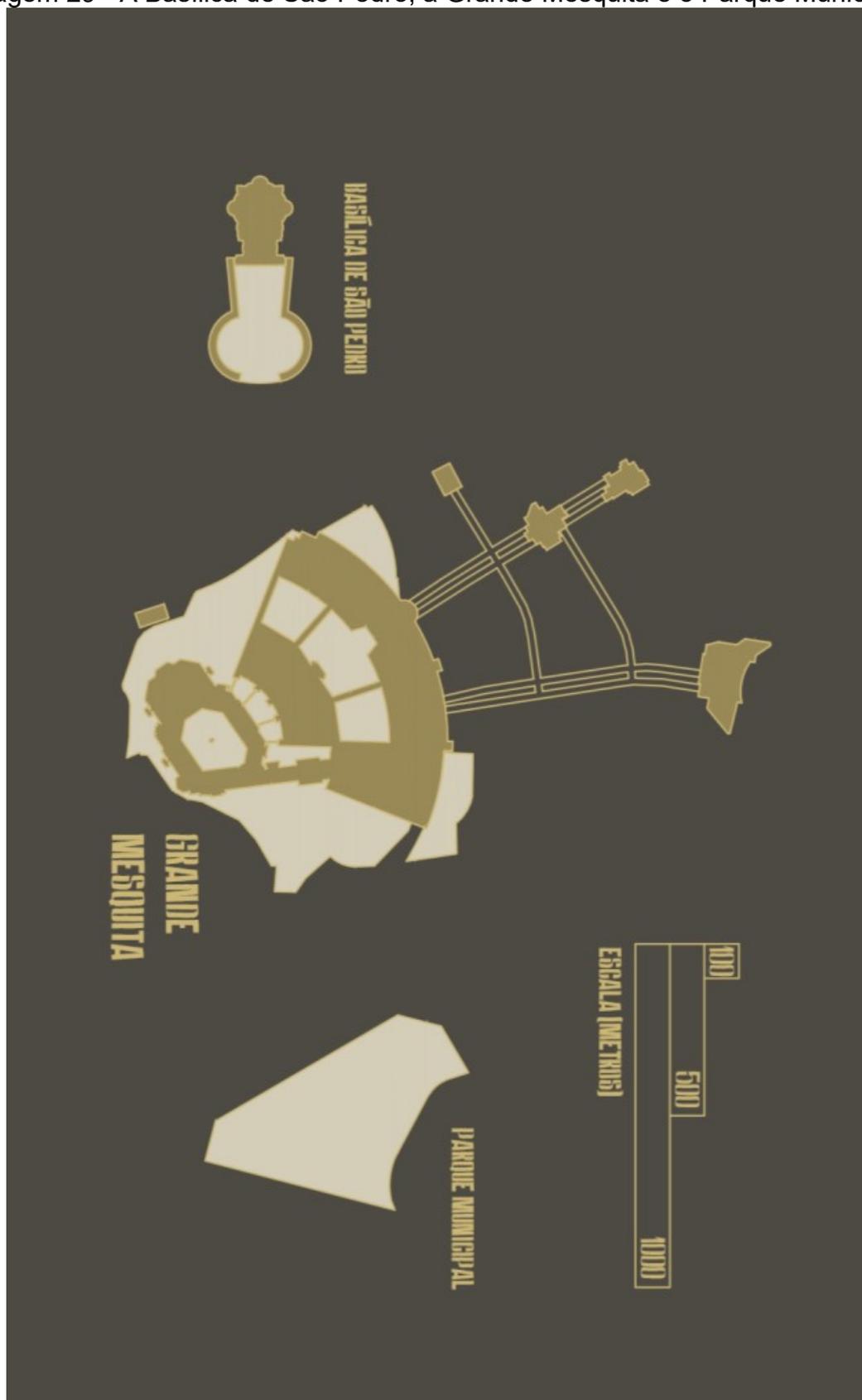
Fonte: (MATER, 2014).

Aqui, ela divide a atenção com uma “miragem arquitetônica”, um automonumento, uma não-tão-sublime máquina celibatária; um arranha-céu tão reluzente que faz com que ela seja reduzida a elemento coadjuvante na paisagem. A escala e a proximidade do complexo com a mesquita demonstram uma falta de cerimônia com o espaço sagrado que não condiz com as atitudes e declarações do rei e de seus imediatos.

O *Abraj-al-Bait* não dialoga com seu entorno e parece não pertencer à cidade, colocando-se como um elemento alheio ao tecido urbano, voltando-se para a mesquita em uma postura de enfrentamento e dando as costas às demais construções (como se pode notar na imagem 27). Não há respeito nem ao menos com a escala natural; por comparação, a edificação transforma as montanhas que cercam a *Masjid-al-Haram* a pequenas elevações e as priva de sua importância. A *concinnitas* da cidade é, enfim, completamente aniquilada. Ao falar sobre a *Masjid-al-Haram*, citamos a frase de Alberti sobre a nobreza do templo. Sobre esta fala do

arquiteto italiano, é preciso que se faça uma importante ressalva: ao dizer que a igreja (ou, no nosso caso, a mesquita) é o mais importante ornamento da cidade, Alberti não dá a esse tipo de edificação um salvo-conduto para romper com a *concinnitas* e o decoro da cidade, como faz a mesquita de Meca com sua escala faraônica (na imagem 29, um comparativo de escala entre a Grande Mesquita e a Basílica de São Pedro, no Vaticano - como referência adicional, incluí a área do Parque Municipal de Belo Horizonte). Ao contrário, diz ele em determinada passagem do *De re aedificatoria*: “[...] parece-nos correto louvar os templos que, em compatibilidade com as proporções da cidade em que surgem, não se poderia desejá-los maiores.” (ALBERTI, 2012, p. 269). O arquiteto admite e até recomenda que o templo tenha grandes dimensões, dada sua importância. Mas deixa claro, por outro lado, que seu tamanho tem um limite e este limite é ditado pelo respeito às proporções da cidade. A *Masjid-al-Haram* avança sobre a cidade e toma seu lugar, dando a impressão que sua expansão não estará completa até que a cidade deixe de existir, sendo substituída por uma sucessão de círculos concêntricos de mármore.

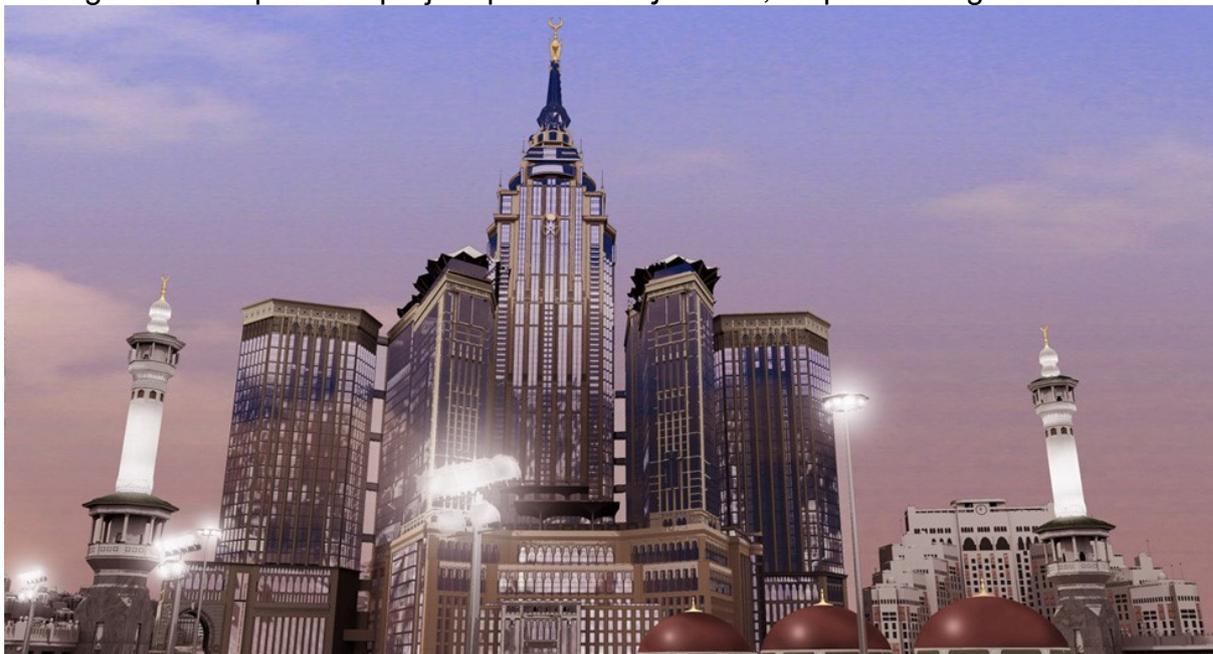
Imagem 29 - A Basílica de São Pedro, a Grande Mesquita e o Parque Municipal.



Fonte: Imagem do autor (2014).

A tipologia do arranha-céu já é, fundamentalmente, ocidental; americana, mais especificamente. A opção por esse tipo de edificação na cidade sagrada já tem suas implicações simbólicas e filosóficas (muito embora o “ocidental” não seja mais exclusividade do ocidente, como disse Rem Koolhaas), mas o deslocamento de sua arquitetura com o contexto não para por aí. A primeira proposta de projeto, alterada quando a construção já havia sido iniciada, contava com as mesmas sete torres formando um conjunto único, mas seu estilo era bem diferente daquele que foi adotado (imagem 30). O projeto fazia clara alusão ao gótico stalinista⁵⁴, não só pela estética, mas por um aspecto que difere este tipo de arquitetura do típico arranha-céu americano: a escala horizontal. Os edifícios soviéticos, assim como o saudita, chamam a atenção não apenas pela altura, mas pela área construída de seus andares inferiores. É nos últimos pavimentos que o complexo toma a forma, efetivamente, de uma torre.

Imagem 30 - O primeiro projeto para o *Abraj-al-Bait*, inspirado no gótico stalinista.



Fonte: Saudi Binladin Group (2009).

A modificação no projeto do edifício ocorreu justamente nesta torre central - a agulha do gótico stalinista deu lugar a uma torre de relógio bastante semelhante à

⁵⁴ Termo pejorativo cunhado para se referir às sete torres construídas a mando de Stalin nas décadas de 1940 e 50 em Moscou, em estilo que unia influências do barroco russo e do gótico à tecnologia americana de construção de arranha-céus.

famosa Elizabeth Tower (comumente chamada de Big Ben), mas aqui coroada com o símbolo islâmico da lua crescente. A opção pela reprodução - em escala infinitamente superior - de um símbolo do império britânico é sintomática, uma tentativa de chamar a atenção do Ocidente para uma competição que não encontra reciprocidade, que não interessa ao outro lado da disputa. Incrições com passagens do corão e tendas de lona tensionada completam a estranha composição. “Não há detalhes na construção” - a frase de Paul Valéry quer nos dizer que tudo na composição arquitetônica tem igual importância e faz coro com Alberti quando este diz que “tudo deverá ser disposto por ordem, número, amplitude, disposição e forma, de modo que cada parte do edifício se mostre indispensável, plenamente funcional e em bela harmonia com todas as outras”. Neste edifício que toma para si tipologias que não tem *concinnitas* com a cidade e que emprega adornos de forma descontextualizada, como elementos retirados de um catálogo, *tudo* é detalhe. Não existe *todo*. Todas as suas partes são dispensáveis, acessórias. É como se a adoção de um ou dois símbolos religiosos, colocados como penduricalhos na superfície, convertesse esse edifício absolutamente estrangeiro em algo local.

A mania de destruir que é alimentada pela *libidine aedificandi* também se manifesta com força total no grande complexo hoteleiro: a construção do *Abraj-al-Bait* exigiu a destruição da Fortaleza de Ajyad e da colina sobre a qual repousava, construída em 1780 pelos otomanos para proteger a *Ka'aba* justamente dos invasores sauditas. A cidadela é mais um símbolo da rivalidade entre turcos e sauditas e sua demolição possui marcante viés político. A reação negativa foi tamanha que as autoridades em Ancara propuseram um boicote à Arábia Saudita, incluído o *Hajj*, e compararam o ato à destruição dos Budas de Bamyán⁵⁵, no Afeganistão. O então Ministro da Cultura da Turquia enviou protesto formal à UNESCO pedindo que a instituição interviesse e declarasse a edificação como patrimônio da humanidade. Em sua defesa do monumento, disse representar a Turquia ao afirmar que a Arábia Saudita não poderia ser vista como aliada de seu

⁵⁵ As duas imagens de Buda, esculpidas no séc. VI em uma escarpa do Vale de Bamyán, tornaram-se notícia de repercussão internacional quando foram destruídas pela *Al-Qaeda*, a organização terrorista financiada pelo saudita Osama bin Laden. O acontecido tem ligação com a postura iconoclasta típica do wahhabismo e com o aniconismo - a proibição à representação naturalista ou figurativa da figura humana por parte de determinados ramos do Islã, em especial o sunismo.

país caso levasse a cabo os planos de destruição, e que a atitude representava a última de uma série de ações realizadas pelos sauditas na tentativa de apagar a cultura turca do mundo e da história. Os protestos não se restringiram à Turquia e houve quem se manifestasse contra a destruição da fortificação até mesmo na Arábia Saudita, onde o questionamento da autoridade do monarca é raro, passível de severas punições⁵⁶. Em resposta à súplica turca, o ministro saudita das relações exteriores afirmou que o assunto era de soberania nacional e que o país não tinha o direito de reivindicar a preservação de nenhuma edificação situada em território alheio. Alberti é enfático ao dizer que a arquitetura é o mais importante instrumento que o homem tem à sua disposição para protegê-lo da *fortuna*, do inevitável e voraz apetite do tempo. É traço característico do mau arquiteto a abordagem que elimina edificações anteriores e nivela o terreno para receber o produto de sua imaginação. “A cidade e o templo alcançam com a sua antiguidade, história e resistência uma autoridade igual ou superior ao decoro conferido pelo ornamento.” (BRANDÃO, 2016, p.221).

Some-se às questões levantadas acima a preocupação com a integridade do poço de Zamzam e temos uma lista de considerações que supera de forma significativa os benefícios da megaestrutura. Salvo algumas peculiaridades do caso do *Abraj-al-Bait*, a análise dos pontos positivos e negativos da opção pela cultura do arranha-céu vale também para o *Abraj Kudai* e demais grandes empreendimentos em construção.

5.3. A AVENIDA REI ABDUL AZIZ

A extensão da Avenida Rei Abdul Aziz (também conhecida como KAAR, a abreviatura de seu nome em inglês) não é particularmente impressionante, mas seu projeto não escapa à megalomania que define a nova Meca. Com 80 metros de faixa de rolamento e outros 60 na área pedestre no centro do boulevard, a largura da via (não contabilizadas as edificações lindeiras que integram o projeto) supera em 30 os

⁵⁶ Apedrejamentos, chibatadas e execuções por decapitação são punições ainda utilizadas oficialmente no país.

110 metros da Avenida 9 de Julio, em Buenos Aires⁵⁷. Para fins de comparação, elaborei uma ilustração (imagem 31) na qual a porção de terra que foi desapropriada e demolida para a implantação da KAAR é sobreposta com a extensão da Avenida Champs-Élysées, em Paris (com as duas praças que marcam seus pontos inicial e final - a Place de La Concorde, à esquerda da imagem, e a Place de l'Étoile, à direita). Na mesma imagem, abaixo, está representada (na mesma escala) a citada 9 de Julio, a mais larga avenida do mundo (mais seus quarteirões adjacentes em ambos os lados). Apenas através deste recurso visual é possível compreender o quão colossal é a obra. Como se vê na comparação (e também na imagem 32), a extensão do remodelamento não se restringe apenas à via e uma fileira de edificações margeando cada um dos lados do trajeto. Trata-se de uma *tabula rasa*, a substituição de uma cidade por outra. É possível que a nova avenida facilite a ligação entre Jedá e a Grande Mesquita, mas não há nada que justifique a demolição de bairros inteiros e a eliminação do traçado urbano original para que o espaço seja ocupado por grandes paralelepípedos de concreto decorados com um ou outro elemento alusivo à arquitetura tradicional muçulmana. A única justificativa, me parece evidente, é a mania de construir.

⁵⁷ Conhecida como a mais larga avenida do mundo, a 9 de Julio está inserida em um trecho de traçado urbano regular e ortogonal da cidade de Buenos Aires. A colossal artéria ocupa, em largura, o espaço completo de um quarteirão.

Imagem 31 - Comparativo de escala da KAAR com outras conhecidas avenidas.



Fonte: Imagem do autor (2014).

O branco aparece novamente como nova imagem de cidade (imagem 32) - a cidade moderna, cosmopolita e monumental, que substitui uma cidade que as autoridades sauditas parecem querer esconder dos olhos do visitante internacional. O processo de gentrificação, que parece inevitável em toda a região central de Meca (mesmo onde não há intervenções diretas) aqui é acelerado pela remoção completa das edificações e vias urbanas de uma imensa extensão territorial, em local caracterizado - coincidência ou não - pela ocupação informal. Diferente da área desapropriada para a ampliação da mesquita, o uso aqui é quase que exclusivamente residencial. Os proprietários receberam notificações para deixarem suas casas em no máximo três meses, e há inúmeros relatos que apontam para o pagamento de valores de indenização muito baixos - o que também ocorreu no caso do anexo da *Masjid-al-Haram*.

Assim como no *Abraj-al-Bait* e em tantos outros empreendimentos citados neste estudo, o projeto da avenida foi modificado diversas vezes desde que as obras tiveram início. Nascido de um concurso internacional de arquitetura vencido no já distante ano de 2005 pelo escritório francês AS - Architecture-Studio, o plano do portão ocidental passou às mãos de diversas firmas de consultoria (sauditas e ocidentais) e empresas de arquitetura e engenharia. Como é típico do projeto de permanência que preside a concepção da nova Meca, é impossível dizer hoje qual será o aspecto definitivo da avenida e de seus edifícios.

Imagem 32 - foto-inserção do projeto da KAAR sobre imagem de satélite.



Fonte: Umm Al Qura Development & Construction (2010).

5.4. O NOVO PALÁCIO REAL

Pouco pode ser dito a respeito do novo Palácio de Governo, ou Palácio Real. A intervenção ainda encontra-se em fase de anteprojeto e poucos detalhes da obra foram divulgados até o presente momento. O que já parece evidente é o fato de que uma parcela considerável de terra ocupada em uma área extremamente valorizada da cidade foi desapropriada para uma obra que não facilitará em nada a peregrinação do cidadão comum (justificativa que vem sendo repetida sempre que há uma reação negativa da opinião pública em relação a um ou outro projeto).

Os desenhos e maquetes já divulgados indicam que a pequena edificação que existe no local onde se situava a residência onde nasceu o profeta Maomé será demolida para abrir espaço para o novo complexo. Como já dito, a estrutura moderna não possui nenhum vestígio da original, absolutamente nenhum mérito arquitetônico e abriga uma pequena biblioteca, mas é de extrema importância para muitos muçulmanos como referência física da localização exata da casa do profeta.

Embora já tenham alegado que o prédio atual não tenha ligação com Maomé e tenham expressado sua preocupação com a idolatria do profeta, os responsáveis pelo projeto afirmam categoricamente que a biblioteca será preservada. É claro que os acontecimentos recentes não dão credibilidade à informação, e parece bastante improvável que o local seja mantido intacto.

Os fóruns de discussão que abordam o tema apontam para uma arquitetura excessivamente influenciada pelo Ocidente e há quem compare o edifício principal do novo complexo ao congresso americano - comparação que faz certo sentido, já que ele apresenta elementos como colunas e capitéis clássicos - mas em se tratando de um projeto que ainda não recebeu a aprovação definitiva do rei, a discussão aqui é mera conjectura.

5.5. A GRANDE MECA

Mina é bem-sucedida - por pura casualidade - naquilo que iniciativas como a Avenida Rei Abdul Aziz e o *Abraj-al-Bait* perseguem sem obterem resultado: a criação da identidade, da imagem da cidade; do cartão postal, por assim dizer. A cidade das tendas é solução elegante, funcional, e tecnológica para um problema de

larga escala. Mais importante que tudo isso, é uma solução nada ocidental. Por mais pessoal que essa análise possa parecer, é difícil discordar da afirmação de que, ao contrário do *Abraj-al-Bait*, a cidade das tendas é esteticamente agradável. Impressiona pelo tamanho, pelo ritmo, pela homogeneidade, pela eficiência - e por ser tão absolutamente árabe. A tecnologia empregada nas tendas, que são resistentes ao fogo, é provavelmente a única recomendação do Centro de Estudos do *Hajj* a ser atendida pelos Saud. O responsável pela concepção das lonas tensionadas de Mina é Mahmoud Bodo-Rasch, um arquiteto nascido na Alemanha que se converteu ao Islã e chegou a integrar o centro criado por Angawi.

A nova passarela do *Jamarat* foi construída com o argumento da segurança, já que este é o rito da peregrinação em que mais ocorrem acidentes. Mas com sua capacidade aumentada, as ocorrências graves como as mortes por pisoteamentos não deixaram de acontecer. Em vez disso, a ordem de grandeza dos acidentes mudou de patamar: antes contabilizados em centenas, os episódios do tipo agora resultam em milhares de mortos. Em 2015, já com a passarela inaugurada e em plena capacidade, a cerimônia viu o maior desastre de sua história: os números oficiais do governo saudita indicam um total 769 mortos, o que já é bastante elevado, mas a Associated Press realizou um levantamento independente e alega que 2411 pessoas morreram neste dia (imagem 33). Outras 934 pessoas ficaram feridas e foram atendidas pelo hospital local.

Há ainda que se considerar o impacto da construção no componente religioso - razão de sua existência. A emissão da *fatwa* que permite a realização do apedrejamento a qualquer hora do dia esvazia a cerimônia de sentido em nome da praticidade. Placares eletrônicos exibem mensagens em vários idiomas indicando o congestionamento de trechos do percurso e recomendando paciência aos fiéis. A paisagem, antes caracterizada pela areia e pelas rochas do deserto, mudou radicalmente. O vale percorrido por Abraão e Maomé, palco de inúmeras passagens do Corão e da tradição oral da religião, foi invadido por uma colossal estrutura de concreto e um entremeado de alças de acesso (imagem 34) que agride o preceito da beleza como algo sagrado para os muçulmanos, especialmente neste Éden terreno que Meca representa para os seguidores do Islã.

Considerando o fracasso da obra em seu objetivo primeiro - assegurar uma peregrinação mais segura e ordeira - é possível dizer que a passarela é o mais infeliz produto da mania de construir da família Saud.

Imagem 33 - O desastre de 2015 na cerimônia do apedrejamento.



Fonte: Agência France-Presse/Getty Images (2015).

Imagem 34 - Imagem de satélite - Passarela do *Jamarat*.



Fonte: Digital Globe (2019).

5.6. A JEDDAH TOWER

De todos os monumentos incluídos neste apanhado sobre a nova Meca, o edifício em construção na cidade vizinha é possivelmente o único que não exemplifica a relação direta entre a pulsão por construir e a mania de destruir - o projeto, afinal de contas, está sendo realizado em uma porção totalmente plana e desocupada do deserto, longe de qualquer edificação histórica. Em contrapartida, a Jeddah Tower é, dentre todos os exemplos, o mais escancarado da mania de construir pura e simples. A organização responsável pela gestão do projeto é a primeira a admitir que o governo saudita resolveu construir a torre mais alta do planeta simplesmente porque pode. Nem o malfadado caso do Burj Khalifa, que obrigou o emirado de Dubai a pedir socorro na forma de um empréstimo à vizinha Abu Dhabi⁵⁸ e terminou se provando inviável do ponto de vista econômico, parece demover os sauditas da aparentemente incontornável sanha por construir apenas por construir. A idéia de que uma obra pode ter números tão estratosféricos a ponto

⁵⁸ O edifício se chamava Burj Dubai e foi rebatizado em homenagem ao chefe de estado de Abu Dhabi, cuja benevolência impediu que o empreendimento fosse abandonado antes de ser concluído.

de colocar em dificuldade financeira um petro-Estado do Oriente Médio parece impensável, mas foi exatamente o que aconteceu em ambos os casos - tanto o de Dubai quanto o de Jedá. Mas o Burj Khalifa e a Jeddah Tower de fato não são arranha-céus. Eles pertencem a uma categoria que ainda não tem nome ou, quem sabe, são verdadeiramente os primeiros exemplos práticos daquilo que Rem Koolhaas chamava, nos anos 1990, de *Bigness*. Koolhaas só não podia imaginar, ao antever a existência dessas agulhas pós-futuristas reluzindo sob a luz do sol da Península Arábica, medidas não mais por metros mas por quilômetros, que o *Bigness* apareceria no meio do nada. Em *Delirious New York*, o holandês fala do surgimento do arranha-céu (o tradicional, não este a que nos referimos aqui) como resultado da cultura da congestão de Nova York - ou seja, como produto de certa forma de um decoro (no sentido albertiano) se considerarmos as suas circunstâncias. Um arranha-céu de uma milha de altura, uma agulha colossal cercada de areia por todos os lados (imagem 35) e sem nenhum sinal de civilização num raio de dezenas e dezenas de quilômetros, é algo que nem seu olhar cínico sobre a arquitetura poderia conceber.

Imagem 35 - A vista a partir da Jeddah Tower.



Fonte: CNN (2017).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O boom do petróleo na segunda metade do séc. XX levou a tecnologia moderna à Arábia Saudita, mas o refinamento estético da arquitetura islâmica clássica começou a desaparecer. A partir dos anos 1970, as velhas casas foram substituídas por torres desinteressantes. A Meca moderna parece ter sido construída por um povo sem história ou tradição - um imenso amontoado de imitações da arquitetura modernista⁵⁹. (PEER, 2012, tradução nossa).

Esta epígrafe do autor indiano faz coro com o pensamento de Ziauddin Sardar. Na realidade, essa é a opinião de todos os pensadores muçulmanos que já escreveram sobre a nova Meca. Em *Mecca: The Sacred City*, Sardar diz que o príncipe Fahd, que efetivamente governou a Arábia Saudita durante o reinado de Khalid (entre 1975 e 1982), era um “modernizador ao extremo” e que não gostava de absolutamente nada que aparentasse ser velho, tradicional ou antigo. Em 1973, o Ministério do Planejamento da Arábia Saudita (que tem sede na capital Riad) havia elaborado um Plano Diretor para a Cidade Sagrada de Meca, mas o resultado deste trabalho foi descartado por Khalid e nunca foi utilizado como guia de seu planejamento. Em vez disso, foram contratados consultores ocidentais para implementar sua visão grandiosa. A idéia de preservação, segundo Sardar, era um conceito tão absurdo para Khalid quanto o paganismo. O príncipe queria que Meca tivesse uma nova face ultra moderna, como o centro financeiro de uma grande metrópole americana. Em vez de Nova York, Chicago ou São Francisco, o ideal de uma paisagem urbana capaz de transmitir o ar de modernidade que ele imaginava para Meca era o da cidade de Houston (imagem 36), no Texas. Uma escolha esteticamente questionável, mas interessante - trata-se, afinal, de uma cidade patrocinada pelo petróleo inspirando-se em outra⁶⁰.

⁵⁹ The oil boom of the second half of the twentieth century brought modern technology to Saudi Arabia, but the aesthetic refinement of classical Islamic architecture began to disappear. Starting in the mid-seventies, the old houses were replaced with drab towers. Modern Mecca feels as if it were built by a people without history or tradition - a sprawling imitation of modernist architecture.

⁶⁰ Durante esse período, vários dos membros do alto escalão do governo foram à cidade americana em busca de cursos de especialização na área da exploração do petróleo, o que transformou a cidade em seu referencial de modernidade. Segundo Sardar, “somos astronômicas foram despejadas em Meca com o objetivo de aproximá-la da imagem de Houston”.

Imagem 36 - O centro de Houston, ideal de cidade para Fahd.



Fonte: Owen Johnson/Houston Post (1971).

Sobre essa escolha, Sardar estabelece um paralelo entre a Meca sob a guarda da Casa de Saud e a maneira como a cidade de Dallas (vizinha e muito semelhante a Houston) era administrada pela família Ewing no seriado fictício que levava o nome da cidade. As intrigas familiares, a mistura de um glamour *nouveau riche* com um forte apego a tradições ultrapassadas, a maneira como os parentes vivem (todos sob o mesmo teto apesar de disporem do dinheiro para construir quantas casas quiserem), e principalmente a fixação em fazer da cidade um lugar onde tudo é novo, grande, tecnológico e moderno. A série, Sardar faz questão de lembrar, foi televisionada no mundo todo e foi produzida exatamente nesse período, no fim da década de 1970. Ele continua:

Da mesma maneira, Meca começou a se transformar rapidamente. Edifícios altos e feios, entroncamentos de autoestradas com um emaranhado de alças de acesso e altíssimos postes de iluminação surgiram como que da noite para o dia. O pouco que havia restado de valor histórico na cidade foi demolido. As restrições à construção incluídas na legislação urbana foram abrandadas. Especuladores imobiliários logo surgiram para se aproveitar da decadência urbana e dos severos problemas sociais da cidade, consequências inevitáveis dessa transformação. A mais sagrada cidade do Islã tornou-se feia, suja, fedorenta e apinhada de uma arquitetura moderna aterradora e deslocada da escala humana.⁶¹ (SARDAR, 2014, não paginado, tradução nossa).

A cidade - descrita como feia sem nenhuma cerimônia - ainda não conhecia no momento relatado acima o seu mais aterrador monumento, que não por acaso é também o mais deslocado da escala humana: o Abraj-al-Bait. “Deus é belo e ama a beleza” - certamente, o Profeta Maomé não imaginava que seu Hadiz seria afrontado sem nenhum acanhamento justo em sua cidade natal. A beleza na arquitetura, vista como ponte entre Deus e o homem e uma ferramenta de transcendência, não é uma preocupação secundária. A cidade que a mania de construir concebeu no meio do deserto saudita é uma afronta à religião que ela representa - e isso quem diz são os próprios muçulmanos:

Raja Alem, uma escritora saudita que cresceu em uma casa próxima à Grande Mesquita, ambientou um de seus premiados romances em Meca. O livro descreve as vidas das pessoas atingidas pela transformação da cidade. Todos os anos, a família de Alem transformava sua casa em uma pensão para peregrinos, que ocupavam todos os cômodos da residência - uma antiga tradição entre os habitantes do entorno da mesquita. “Eu conhecia Meca como a palma de minha mão,” declarou Alem, que agora vive em Paris. “Eu retornei à cidade após uma ausência de cinco anos e não sabia mais como chegar à Grande Mesquita.” A avó de Alem costumava dizer a ela que Meca respirava pelas suas montanhas e que suas casas eram construídas com essa mesma pedra que respirava. “Agora, estes corpos estranhos feitos de concreto, vidro e aço apontam para o céu e engolem até as montanhas, os pulmões da cidade,” disse a escritora.⁶² (Alem, apud PEER, 2012, tradução nossa).

⁶¹ In the same way, Mecca began to change rapidly. Ugly high-rise buildings, spaghetti junctions and high-mast lighting appeared overnight. The little that remained of historic value in the city was bulldozed. Planning restrictions were eased, property speculators moved in with the inevitable consequence of urban decay and severe social problems. The holiest city of Islam was now ugly, noisy, smelly, and crowded with modern architecture that was as appalling as it was out of human scale.

⁶² Raja Alem, a Saudi novelist who grew up near the Grand Mosque, set her novel “The Dove’s Necklace,” which won the International Prize for Arabic Fiction in 2011, in Mecca. It describes the lives of those caught up in the transformation of the city. During the hajj, her family was among those who have traditionally hosted pilgrims in all the rooms of their house. “I knew Mecca like the back of my hand,” Alem, who now lives in Paris, told me. “I returned to Mecca after a five-year absence and didn’t know how to reach the Holy Mosque.” Alem’s grandmother used to tell her that Mecca breathes

Mas o crítico mais impiedoso do remodelamento da cidade é um arquiteto saudita chamado Sami Mohsen Angawi. Vindo de uma família tradicional de Meca que alega pertencer à árvore genealógica de Maomé, ele também dedicou parte de sua vida a servir aos peregrinos⁶³. Antes de começar a destruição sistemática da Meca antiga, o governo saudita fez o mesmo em Medina, e Angawi já temia que Meca passaria pelo mesmo processo de modernização. Era como se Medina fosse um experimento em escala reduzida para testar a viabilidade de um projeto infinitamente mais radical em Meca. Foi por essa razão que ele fundou o Centro de Estudos do *Hajj*, onde ele trabalhou por 14 anos tentando melhorar as condições de realização da peregrinação e preservar os ambientes natural e histórico de sua cidade natal (e de Medina, ainda que com certo atraso).

Seu argumento mais contundente em favor da preservação da cidade é a maneira como Maomé conduziu sua administração e as escolhas feitas pelo profeta diante dos desafios colocados à sua frente - guardadas as proporções, os mesmos enfrentados pela dinastia Saud. Ele argumenta que Maomé (deliberadamente, por uma questão de respeito) morava a uma certa distância da *Ka'aba*, mesmo podendo escolher qualquer uma das casas de sua vizinhança imediata. Como tantos outros, Angawi diz que manter Meca a salvo era uma questão muito simples: bastava que não fossem construídos arranha-céus no perímetro sagrado (especialmente no entorno da mesquita), preservando assim o que a cidade tinha de, nas suas palavras, “antigo, sagrado e belo”⁶⁴ - nas palavras de Alberti, avalio, o que Meca tinha de decoroso. A idade, afinal, é a maior glória do edifício e o belo, por sua vez, é

through its mountains, and that its houses were built of breathing stone. “Now these foreign bodies made of cement, glass, and steel are rising in the sky and swallowing even the mountains, Mecca’s lungs,” Alem has said.

⁶³ Ele costumava carregar os sapatos dos fiéis em uma sacola enquanto eles realizavam a circumambulação da *Ka'aba*. Seu pai trabalhava como chefe de polícia em Jedá, mas sempre retornava a Meca durante a temporada do *Hajj* para oferecer sua casa e seus serviços aos peregrinos.

⁶⁴ Angawi advocated following the choices that Muhammad made after his conquest of Mecca. “The Prophet did not stay next to the Kaaba, even though the house of his wife Khadijah was near it, and despite several others offering him their houses,” Angawi told me. “He camped miles away.” For Angawi, the way to save Mecca was simply not to build high-rises in the city, preserving what was old, sacred, and beautiful.

sagrado por si mesmo. A mania de construir, sempre indecorosa, não permite que nada seja antigo, sagrado, belo ou decoroso.

O arquiteto saudita costuma dizer que transformou o estudo do *Hajj* em uma verdadeira ciência, com o rigor metodológico que o termo implica. Angawi acreditava que a complexidade do tema exigia um esforço interdisciplinar, e assim o fez. Funcionando como uma unidade autônoma dentro da Universidade Rei Abdul Aziz (em Jedá), o centro de estudos liderado por ele coletou dados a respeito da história da cidade, dos bairros antigos, da estrutura social, da geografia e geologia, dos problemas urbanos, das novas construções, da acomodação e movimentação dos peregrinos, dos congestionamentos, da poluição, dos problemas de saúde e da logística de distribuição de alimentos. Tudo em Meca e no ambiente do *Hajj* foi documentado, fotografado e filmado com a utilização de imagens aéreas e câmeras que captam a luz infravermelha.

A pesquisa demonstrou uma peculiaridade a respeito do funcionamento da cidade sagrada. Em vez da metrópole que aparentava ser, Meca era uma rede de pequenas vilas independentes implantadas nos fundos de vale ou nos cumes das montanhas - uma cidade moldada por sua geografia. Desse modo, ela oferecia as oportunidades típicas de uma grande cidade ao mesmo tempo em que preservava as relações sociais e segurança dos pequenos distritos. A preservação da topografia, concluiu o corpo de especialistas do centro, era fundamental não apenas para a manutenção da paisagem, mas para o funcionamento dessa colcha de retalhos urbana. Um relatório entregue em 1977 aos administradores da cidade afirmava que as qualidades mais importantes de Meca, sua beleza e atemporalidade, certamente se perderiam ante a suposta modernidade trazida pela remodelação em curso. No ambiente que estava se desenhando, “edifícios grandes e feios iriam florescer numa selva de pedra alimentados pelo fertilizante da ganância.”⁶⁵ Ao comentar o conteúdo deste relatório em seu livro de 2014, Ziauddin Sardar diz:

Ninguém parecia compreender que Meca dispunha de fronteiras naturais e que ela não podia continuar crescendo indefinidamente. Ao contrário, vários órgãos governamentais envolvidos no desenvolvimento da cidade,

⁶⁵ Large ugly buildings would flourish in a concrete jungle fed by the fertilizer of greed.

juntamente com seus consultores ocidentais (que não podiam efetivamente visitar o Santuário e precisavam imaginá-lo à distância), não tinham noção dos limites do crescimento. Nós temíamos não apenas pelo ambiente natural dos lugares sagrados e pela extinção de sua história, mas pelos seus habitantes. Meca estava para se tornar uma selva de pedra desumana onde grotescas construções de vidro e aço se acotovelam em busca de atenção.⁶⁶ (SARDAR, 2014, não paginado, tradução nossa).

O autor identifica na cidade um fenômeno próprio da mania de construir: a disputa pelo protagonismo entre as edificações. Mais que isso, ele reconhece a importância do limite, como fizera Alberti. O *Bigness* de Koolhaas nasce da eliminação do limite. A nova Meca nasce do desconhecimento do limite, ou ainda, de sua recusa, já que os Saud foram alertados de sua existência e necessidade pelo relatório elaborado pelo Centro de Estudos do *Hajj*. Mas ao apresentar o trabalho e suas soluções à família Saud, Angawi apenas recebeu um agradecimento como resposta. “Eu conhecia o medicamento de que meu paciente precisava, mas não me pediram a receita”, disse, em entrevista concedida a Basharat Peer para o artigo que este último escreveu em 2012. Angawi continua:

Tudo em Meca precisa ser modesto em comparação à Casa de Deus. A *seerah* do Profeta, a paisagem em que ele viveu, está sendo destruída. Sem ela, a vida do Profeta torna-se mito.⁶⁷ (Angawi, apud PEER, 2012, tradução nossa).

Esse trecho da entrevista oferece duas informações extremamente importantes. A primeira, mais evidente, é a recomendação da modéstia diante da *Ka'aba*, que ele chama de Casa de Deus. A *parsimonia*, a *prudentia*, a *moderatio* e a *frugalitas*, virtudes que Alberti considera fundamentais na promoção do *bene beateque vivendum* e no combate da *cupiditas rerum novarum* e da *libidine aedificandi*, são na verdade a mesma modéstia que Angawi recomenda diante do sagrado de Meca - modéstia e parcimônia que são sumariamente ignoradas na

⁶⁶ No one seemed to understand that Mecca had natural boundaries, that it could not go on growing indefinitely. On the contrary, various government bodies involved in the development of the city, along with their Western consultants (who could not actually visit the Sanctuary and had to imagine it from a distance), had no notion of limits to growth. We feared not just for the natural environment of the Holy areas and the erasure of its history, but also for its inhabitants. Mecca would become an inhuman concrete jungle where grotesque steel and glass buildings would jostle for attention.

⁶⁷ Everything in Mecca shall be humble in relation to the House of God. The *seerah* of the Prophet, the landscape where he lived his life, is being demolished. Without it, the life of the Prophet becomes a myth.

construção de uma torre de mais de 600 metros na vizinhança imediata da *Ka'aba*. A audácia, confirma o saudita, não está apenas na escala do edifício, mas especialmente na sua localização.

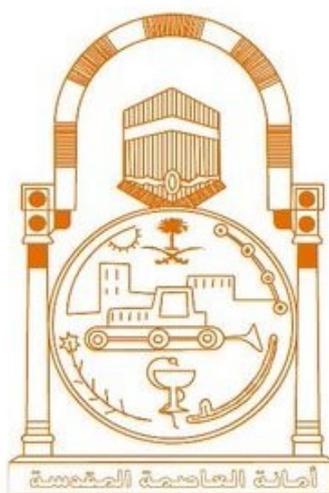
A segunda observação é ainda mais significativa, pois lança uma luz sobre um questionamento surgido ainda no começo deste estudo e que até aqui ainda não tinha encontrado uma resposta definitiva: a relação da cultura árabe e islâmica com o objeto construído, o patrimônio e a pré-existência. O termo *seerah*, citado por Angawi, significa algo como a ciência ou o conhecimento da biografia do Profeta. Conhecer a vida e os feitos realizados por Maomé é algo visto como uma obrigação do muçulmano. Na visão de Angawi, a destruição da paisagem em que o Profeta viveu - a casa onde nasceu, a escola onde estudou, as montanhas que via de sua janela, as ruas que percorreu - atenta contra a preservação de sua memória. Sem a materialidade, sua vida torna-se mito. Essa constatação demonstra como o material e o imaterial estão imbricados na visão da cultura islâmica e descarta toda e qualquer dúvida quanto à necessidade de preservação do patrimônio construído da cidade. A hipótese de que nesse contexto a mania de destruir é mais um desdobramento perverso da *libidine aedificandi* fica confirmada.

Por sua natureza agregadora, típica do grande centro de peregrinação que é, Meca poderia ser uma perfeita representação da cidade como instrumento de promoção do encontro e emancipação dos homens, o lugar de fundação da subjetivação e da *res publica*. O que se observa, ao contrário, é a perversão deste tão importante papel. As estruturas monumentais e bombásticas assumem o protagonismo num espetáculo do qual os homens são meros espectadores. A barbárie substitui a civilização e o deslumbramento diante desse espetáculo substitui o diálogo tão fundamental ao aspecto antropogenético dos edifícios e das cidades. Nesse contexto, o cidadão ativo da *pólis* republicana é substituído por um ser passivo e incapaz de ser senhor de seu próprio destino, arrebanhado pelo drama cenográfico da cidade.

Deixo aqui uma imagem que exemplifica a relação entre Meca, a *libidine aedificandi* e a mania de destruir. O desenho abaixo (imagem 37) foi, durante anos, o emblema da Prefeitura de Meca. Ele foi substituído em 2017 por uma logomarca de design mais moderno e abstrato, mas durante anos esta foi a peça que adornava a fachada do edifício da administração municipal, a representação de um ideal de

cidade. Ainda é possível vê-la em placas de sinalização, no papel timbrado dos documentos oficiais e no gabinete do prefeito. Nela se destacam três elementos: a *Ka'aba*, o brasão de armas da Arábia Saudita e um trator de esteira passando por uma paisagem urbana antiga. Este tipo de veículo pesado é utilizado principalmente em canteiros de obra, onde auxilia os trabalhos de demolição, terraplanagem e transporte de entulho. Sua função aqui, me parece evidente, é representar a destruição do velho e a abertura do caminho para o novo. É uma síntese perfeita desta pesquisa e uma maneira perfeita de encerrá-la.

Imagem 37 - Emblema da Prefeitura de Meca



Fonte: Makkah Municipality, 2010

7. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Leon Battista. **Da arte de construir: tratado de arquitetura e urbanismo**. Tradução e organização de Sergio Romanelli. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2012.

ALBERTI, Leon Battista. **L'Art d'édifier**. Texto traduzido do latim, apresentado e comentado por Pierre Caye e Françoise Choay. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

BLAIR, Sheila, BLOOM, Jonathan. **The art and architecture of Islam 1250-1800**. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 19.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **Arquitetura, humanismo e república: a atualidade do *De re aedificatoria***. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **Quid Tum?: O combate da arte em Leon Battista Alberti**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ETTINGHAUSEN, Richard, GRABAR, Oleg. **The art and architecture of Islam 650-1250**. 3. ed. London: Penguin Group, 1991.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In **Mitos, Emblemas e Sinais**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRABAR, Oleg. **The Mediation of Ornament**. 1. ed. Princeton: Princeton University Press, 1992.

HANIF, Ibn. Pictures of al-Masjid-al-Haram. **Blog pessoal**, Makkah, 28 jun. 2014. Disponível em:

<http://al-masjid-al-haram.blogspot.com/>

LO, Andrea. Jeddah Tower: What does the world's next tallest skyscraper look like now? **CNN**, Atlanta, 17 jan. 2018. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/style/article/jeddah-tower-saudi-arabia-new/index.html>

LOCATELLI, Luca. Mecca Goes Mega. **The New York Times**, New York City, 08 jun. 2016. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2016/06/12/magazine/mecca-goes-mega.html>

MAN, Bruce, KOOLHAAS, Rem. **Small, Medium, Large, Extra Large**. 2. ed. Köln: Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1997.

MATER, Ahmed. Behind the hajj: Ahmed Mater's photographs of a Mecca in flux. **The Guardian**, London, 14 set. 2016. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/cities/gallery/2016/sep/14/behind-hajj-photographs-mecca-flux-ahmed-mater>

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. Tradução de Letícia Martins de Andrade. 1. ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.

PEER, Basharat. Modern Mecca: the transformation of a Holy City. **The New Yorker**, New York City, 09 abr. 2012. Disponível em:

<https://www.newyorker.com/magazine/2012/04/16/modern-mecca>

SARDAR, Ziauddin. **Mecca: The Sacred City (English Edition)**. 1. ed. London: Bloomsbury, 2014.

8. ANEXOS

De uma série de artigos e reportagens retiradas de publicações americanas e inglesas que serviram como referência a este trabalho, selecionei apenas duas que considero especialmente importantes para que fiquem preservadas neste anexo. Ambos os textos foram escritos por muçulmanos (um nascido na Índia, outro em Bangladesh) que haviam acabado de realizar a peregrinação e ainda tinham a experiência fresca na memória. Além disso, o teor da crítica dos dois autores se aproxima ao muito do tema da mania de construir. A seguir, apresento a transcrição *ipsis litteris* dos artigos:

MODERN MECCA: THE TRANSFORMATION OF A HOLY CITY

Basharat Peer - The New Yorker- 09/04/2012

Before I went on the hajj, I flew home to Kashmir from Delhi to seek advice from my father, who had been to Mecca in 1987, as a bureaucrat supervising Indian pilgrims. He had travelled by bus through the Himalayas separating Kashmir from the Indian plains, taken a thirty-six-hour train journey to Bombay, and finally boarded a ship that sailed across the Arabian Sea to the port city of Jeddah. I had never seen the sea, but a childhood of reading tales of shipwrecks had filled me with a mortal fear of it. When my father left, I clung to his knees, and he promised to bring me a Polaroid camera. In the years since his pilgrimage, air travel has replaced sea voyages; instead of letters, pilgrims now send texts and e-mail photos from holy sites. Mecca, too, has changed. The pilgrimage, which draws between two million and three million people every year, has become a modern spectacle: it has been described by a Saudi Arabian Minister of Hajj as resembling “twenty Super Bowls in one stadium, when two million will come, and these two million people will actually be taking part in playing the game.”

Kashmir is far from the cultural landscape of Arabia, but Mecca exerted a powerful influence in my homeland. For many of my middle-class family’s friends and acquaintances, the hajj was the only major journey that they made. They saved up for years and travelled to Mecca in their fifties and sixties, after they had put their

children through college and built a house. South Asian Muslim men who have performed the pilgrimage are respectfully referred to as Haaji Sahib. Throughout the hajj, pilgrims wear an *ihram*, two unstitched sheets of white cloth that resemble a shroud, so my father took me to a store in Srinagar's center that had a section for hajj gear. In the evening, after he had drawn me a flowchart of the hajj and explained its rituals, I managed to put on the *ihram*, with the help of a YouTube video in Urdu. Friends and relatives called to convey the prayers they wanted answered in Mecca. Though I had not prayed in many years, I grew up fasting during Ramadan, and when I go through turbulence on a plane I recite the verses of the Koran that I know by heart.

The hajj is one of the pillars of Islam - every Muslim who can afford it is obliged to travel to Mecca for the hajj once, and non-Muslims are forbidden to enter the city. With its origins in the story of Abraham, the hajj is a set of rituals performed every year for five days in the month of Dhu al-Hijjah. Pilgrims follow the route of Muhammad, who went on only one hajj before he died. It begins in Mecca, before moving to the desert of Mina, then to Arafat, for a daylong vigil, then to the rocky plain of Muzdalifah, a few miles away, where pilgrims collect pebbles to ritually stone the Devil, and then returns to Mina for three days. Back in Mecca, pilgrims bid farewell to the Kaaba, the cube-shaped granite building that is the holiest site in Islam. The Saudi government controls the flow of visitors through quotas, allowing each country one pilgrim for every thousand Muslim citizens. Indonesia sends around two hundred thousand people, which is the largest contingent, followed by Pakistan and India. Prospective pilgrims in India apply a year in advance, and most of them are chosen through a lottery, which awards passage for around twenty-six hundred dollars. The Indian government also sells a third of the places to private tour operators, who charge higher rates for more luxurious accommodations. The tour I was on was run by Feroz Ahmad, a carpet exporter from Srinagar, who every year takes around a hundred people for the hajj.

On a mild day in late October, I met up with my group at the Delhi airport. Ahmad, a tall, athletic forty-four-year-old with a crew cut and a flowing beard, was wearing a sleeveless leather jacket with a travel-company logo over a white kurta. We changed into *ihram*, offered a prayer toward Mecca, and boarded the plane to Jeddah, where we would land at the Hajj terminal, dominated by a series of white,

Teflon-coated fibreglass tents, which opens annually for the pilgrimage season. A hundred thousand pilgrims would land there that day.

On the flight, I sat next to a madrassa teacher from Assam. “Are you performing the hajj for yourself?” he asked. The question surprised me. He explained that, once a Muslim had performed the pilgrimage for himself, he could go on behalf of anyone who wasn’t fit for the rigorous journey. He was a proxy for a wheelchair-bound businessman, who had paid his expenses. Everyone on the plane chanted the *talbiyah*, the defining prayer of the hajj: “*Labbayk, Allahumma labbayk! Labbayk, la shareeka laka, labbayk! Innal-hamda, wan-n’imata, laka wal-mulk. La shareeka lak’.*” (“Here I am, O Allah, here I am. Here I am, You have no partner, here I am. Verily all praise, grace, and sovereignty belong to You. You have no partner.”) As we approached Riyadh, the pilot announced the *miqat* line, a religious boundary, where pilgrims formally declare their intention to undertake the hajj. I looked in my guidebook and read out the prayer.

Five hills used to form a rim around central Mecca, but since 1944, when one was razed to build a palace for royal guests, they have gradually been covered or diminished by development. East of the city, rugged peaks rise in the desert. Al-Masjid al-Haram, also known as the Grand Mosque, which houses the Kaaba, lies at the city’s lowest point. My companions and I were staying three miles east of the Grand Mosque, in Aziziah, an area of shops, residential housing, and hotels that had been built to accommodate pilgrims during the hajj season and the month of Ramadan, when Mecca is crowded again.

At our hotel, a five-story, blue glass and granite building with no name, pilgrims slept three to a room in narrow Chinese-made beds. My roommates were Ahmad and Yasin Malik, a forty-five-year-old militant turned politician. I was twelve when I first heard of Malik, in 1989. He was our local Che Guevara—the commander of the Jammu and Kashmir Liberation Front, which fought for Kashmir’s independence from India. On the walls of my school, boys wrote, “J.K.L.F.—Freedom Is Our Birthright!” Malik was arrested the following year and sent to prison, where he was tortured by Indian guards. On his release, in 1994, he claimed that reading Gandhi, Mandela, and Rumi in prison had led him to embrace nonviolence. Since then, Malik has become a political activist; in 2005, he collected 1.5 million signatures on a petition to give Kashmiri residents a voice in the peace process.

Malik is a tall, thin man with an aquiline nose and a short beard. His hajj had begun at the Srinagar airport, where he arrived in a caravan of supporters. "Families of victims who lost their kith and kin and party supporters gathered to bid adieu to him," a local English-language newspaper dutifully reported.

I asked Malik why he had come. "I started a war," he said. "In the last twenty years, Kashmir has lost seventy to eighty thousand people, and politically we have achieved nothing. I feel that burden and beg Allah to forgive me and help Kashmir out of its misery."

After two hours of sleep, we set out in a bus for the Grand Mosque, for the first stage of the pilgrimage. Azizah was jammed with traffic. We climbed a highway along the eastern flank of Mecca and entered a mile-long tunnel bored through ancient hills. When we emerged, I pushed closer to the window, to try to get a glimpse of one of the mosque's seven minarets, but all I could see were gigantic cranes hovering over half-built towers. I had not prepared myself for contemporary Mecca, a city of more than one and a half million people. In my imagination, it was dominated by the Kaaba, the minarets of the Grand Mosque, the stories of Muhammad, and the desert that formed the landscape of the Prophet's life.

In medieval times, Mecca was a small, elegant town, its streets lined with traditional houses. In 1807, a Spaniard who performed the hajj under the name Ali Bey al-Abbasi wrote, "The houses are solidly built with stone, they are three and four stories high, and even more sometimes. The fronts are ornamented with bases, moldings and paintings which give them a very graceful appearance." The façades were also distinguished by *mashrabiyyah*, latticework windows with geometric and floral carvings.

The oil boom of the second half of the twentieth century brought modern technology to Saudi Arabia, but the aesthetic refinement of classical Islamic architecture began to disappear. Starting in the mid-seventies, the old houses were replaced with drab towers. Modern Mecca feels as if it were built by a people without history or tradition - a sprawling imitation of modernist architecture. "The Saudis are technological determinists," Ziauddin Sardar, a British writer on Islam, whose book, "Mecca: The Sacred and the Profane City," will be published next year, told me. "In their world view, everything old is bad, while everything new, everything involving technology, is good."

Our group stopped in a bazaar, and Ahmad led the way toward the mosque, raising the blue banner of al-Khuddam, his travel company. A jovial preacher named Arshad, who provided religious guidance to pilgrims on our tour, held a microphone in his hand and chanted the *talbiyah*. We repeated after him, and, after placing our sandals in shoe racks, entered through the Gate of Peace into the Grand Mosque, a white-and-gray marble complex with an octagonal courtyard and multilevel prayer spaces, crowned by minarets. There is also a viewing gallery on the roof, where pilgrims can contemplate the Kaaba and the worshippers who, five times a day in concentric rings, pray around it. Thousands of men and women sat in neat rows on the mosque floor, some in prayer, some reading the Koran. Throughout many of the rituals of the hajj, men and women walk together, and the Grand Mosque is the only prominent mosque in the world where worshippers are not segregated.

Beyond the marble columns of the prayer area, I caught my first glimpse of the Kaaba, which sits in the center of the mosque's open courtyard. Thousands of pilgrims circled it in a blur. Images of Muhammad and of God are forbidden in Islam; although a few artistic renditions of Muhammad exist, I had never seen one. As a child, as an adolescent, as an adult, every time I had thought of God I conjured two images: the word "Allah," written in the flourishes of the Arabic alphabet—a language I do not know—and a small photograph of the Kaaba on a calendar that hung in our living room when I was a child. In the late eighties, when a cinema near our house, which usually showed Bollywood movies, screened a documentary on Mecca, I went to a matinée. As the image of the Kaaba lit up the dark theatre, the audience burst into ecstatic cries of "*Ya Allah!*" Hundreds of hands showered the theatre screen with coins and rupee bills. The Kaaba is so revered that before the Hajj the governor of Mecca himself washes its interior walls.

I stopped on the edge of a short flight of steps leading down to the courtyard. A black silk drape, embroidered in silver and gold with Quranic phrases, including the names of Allah—"Ya Hayyu, ya Qayyum!" ("O Living One, O Self-Subsisting One!")—hung on the Kaaba's walls. The drape, which is woven in a factory on the outskirts of Mecca, is changed every year. Pilgrims, their arms outstretched, reached to touch the lower portion of the Kaaba's walls—around fifteen feet of granite left uncovered by fabric. A chorus of voices rose: "*Labbayk, Allahumah labbayk!*" I kept my eyes on

the drape, clasped my hands nervously, and repeated the words aloud: "*Labbayk, Allahumah labbayk!*"

"Anything you pray for when you first see the Kaaba is granted," my father had told me. He had prayed for my brother, who had poor eyesight. I prayed for my parents' health, and for my uncle, the father of two young girls, who has lung cancer.

Abraham built the Kaaba with the help of his son Ishmael, and initiated the hajj on a site considered holy even before his time. "Proclaim the pilgrimage among men; they will come to thee on foot and on every kind of camel," God commanded, according to the Koran. In the early seventh century, Muhammad, thirty-five years old and five years from his first revelation, watched as the Kaaba, damaged by fire and a flood, was reconstructed with the help of an Egyptian Coptic carpenter. It was rebuilt with layers of wood and stone, and its interior ceiling and columns were painted with representations of Abraham, Mary, and Jesus. Muhammad, who had a reputation for fairness, was entrusted with repositioning a stone on the southeastern corner, where it remains, framed by an oval silver ring. The stone is revered as the only vestige of Abraham's Kaaba. Every pilgrim tries to kiss the stone, as Muhammad did on his hajj. All the touching has made it concave, and it has turned black; Muslims believe that it absorbs the sins of mankind.

I walked toward the black stone, and found myself in a small stampede. Pilgrims raised smart phones above their heads to record the moment. A group of Pakistani men stood on a narrow ledge on the southern wall of the Kaaba, inching slowly toward the stone. Below, several hundred people jostled toward it, their joy mixed with struggle. I followed a group of Sudanese. We were a few feet from the stone. Its silver rim glinted in the sun. The Sudanese got closer, craning their necks to kiss the stone. Two men stood between the stone and me. A Saudi policeman standing on a ledge by the stone urged the pilgrims to keep moving: "*Haaji, tareeq!*" ("Pilgrim, this way!") I inched forward, ready, but a moment later lost my balance. A torrent of Afghans charged from my right, pushing me away. I felt dejected but consoled myself with the knowledge that my experience was common—even Malcolm X, during his hajj, had failed to reach the stone. "One look at the fervor of those crowded around it made me see it was hopeless to try," Malcolm wrote in his travel diary. I raised my hands in a salute and walked on.

In 622, Muhammad left Mecca for the town of Medina, some two hundred miles away. He had begun to share his revelations from God a decade earlier, and his tribe, which was the custodian of the Kaaba, resented his propagation of Islam. At the time, the Kaaba contained three hundred and sixty pagan idols, which did not accord with Muhammad's monotheistic vision. Eight years after his migration to Medina, the Prophet conquered Mecca, removed the idols from the Kaaba, and established it as an Islamic house of worship. Since then, the Kaaba has been rebuilt several times, and its surroundings have been in an almost constant state of change. Unlike Christian holy places, such as St. Peter's Basilica, at the Vatican, where the sanctity of the physical past is paramount, the Kaaba has undergone dramatic renovations, often erasing earlier layers of history.

Omar, the second Islamic caliph, built the first mosque on the site, an octagon that surrounded the Kaaba, which he covered with a white drape made of linen, silk, and wool. Further expansion was steady until the Ottoman era, when Sultan Selim II's court architect, Mimar Sinan Aga, built white domes over the prayer area and decorated their interiors with gilded calligraphy. The current version of the Kaaba dates from 1629, when Sultan Murad IV repaired it after heavy rains. Until the nineteen-fifties, the Grand Mosque remained an Ottoman structure: a single-story complex distinguished by its seven minarets and a many-arched cloister, covered with Sinan's domes.

The postwar oil boom made Saudi Arabia rich and broadened its ambitions. Before he died, in 1953, King Abdul Aziz ordered the first expansion of the Grand Mosque since the seventeenth century. A Yemeni migrant, Mohammad bin Laden, who had impressed the King with his skill and diligence, was given the contract. Work began in 1955, and most of the historic marble columns were replaced with artificial stone; three three-hundred-foot minarets and two gates were rebuilt. Ottoman architecture had come to be seen as a remnant of a colonial era, and so Abdul Aziz's reconstruction, which expanded the mosque five-fold, was done in the Arab style of Egypt and Syria.

In 1979, millenarian terrorists led by Juhayman al-Oteibi seized the Grand Mosque, bolting its doors and trapping more than fifty thousand worshippers inside, before opening fire on Saudi police and security forces. Al-Oteibi and his men were former students of Sheikh Abdelaziz bin Baz, who went on to become the Grand

Mufti of Saudi Arabia. They saw the Saudi royal family as being obsessed with wealth and in thrall to the West. Crown Prince Fahd led the response, which moved slowly—its troops initially had no detailed maps of the mosque. After a week, the Saudis brought in three French commandos, who underwent a token conversion to Islam to access the mosque. They used tear gas to flush out al-Oteibi's men. Hundreds of pilgrims, soldiers, and terrorists were killed in the two-week episode.

Fahd drew intense criticism for his inability to protect the site; when he became king, he took the title Custodian of the Two Holy Mosques (the other is in Medina). On the southeast side of the mosque, he constructed a new indoor prayer area, which followed the earlier Saudi design and color scheme. The minarets of the King Fahd Gate replicated those erected in the first Saudi expansion.

Two months before the most recent hajj, King Abdullah bought ten billion dollars' worth of private property in Mecca, to expand the mosque again; this time, its capacity will increase from around seven hundred and fifty thousand worshippers to more than two million. The extension, which the Saudi Binladin Group plans to finish by 2020, will add a gate named for the King and greatly increase the number of bathrooms and shaded areas for pilgrims. Men and women will carry back to their small villages and towns tales of the Grand Mosque's splendor, which is the reward sought by every Muslim ruler who alters the mosque.

"It is the House of God," Malik said, and turned to me, reassuring us both that he had touched the Kaaba. I had seen him leading protests in Kashmir, but now his face was not that of a commander but that of a supplicant. We had to perform the *tawaf*, seven circumambulations of the Kaaba in a counterclockwise direction, which signal the unity of believers, praying and supplicating together in the *ihram*. We began the first rotation by saluting the black stone. Our right shoulders were bare, following the example of the Prophet, who on his hajj did so to signal defiance of his enemies. We started a slow jog. It was a hundred degrees in the sun, and my sweat dried instantly. Tens of thousands of people filled the glistening white marble floor around the Kaaba, and I lost sight of Malik. The same prayers reverberated in a number of accents. There were Afghans, Americans, Iranians, Indonesians, Indians, Chinese, Chechens, Pakistanis, Egyptians, Moroccans, Tajiks. You started a prayer walking alongside a Nigerian and completed it next to a Turk.

Near the Kaaba, I reached a small copper enclosure, the Station of Abraham, where a boulder with the mark of a footprint sits on a pedestal. Muslims believe that when Abraham was building the House of God his son Ishmael brought the stone to help him reach higher. Abraham's foot had left the mark.

The story of Abraham and his family is central to the hajj. In Islamic tradition, God ordered Abraham to leave his wife Hagar and their infant, Ishmael, in the desert near the Kaaba, to test their faith. The mother and the child were between the hills at Safa and Marwah, half a mile from the current site of the Kaaba. Ishmael was thirsty, and Hagar began searching for water. She ran south toward Safa, climbed the hill, and looked for an oasis. She rushed back to check on Ishmael and darted north toward Marwah, a quarter of a mile away. There was no water. She ran between the two hills seven times. As she returned from her last run to Marwah, she found water gushing from beneath Ishmael's feet, where he had been kicking the sand. Hagar shouted, "*Zomë, zomë.*" ("Stop flowing, stop flowing.") The water slowed down, and the spring was given the name Zamzam.

Muhammad described the water of Zamzam as having healing qualities, so pilgrims drink from the spring after the *tawaf* and throughout the hajj, and carry a few gallons home. The water is pumped into taps in the mosque from a purification plant. In 2010, King Abdullah inaugurated a 187-million-dollar expansion of the plant, which can now filter and serve 1.3 million gallons a day.

Pilgrims reenact Hagar's search for water by running or walking seven times between Safa and Marwah—a distance of two miles—in a ritual known as *sa'y*, the "effort." In Abdul Aziz's expansion of the mosque, the remnants of the hills were paved in white marble and enclosed in the eastern flank of the complex. A wide, two-tier covered walkway was built along Hagar's path, with smaller paths in the middle, for wheelchairs. On the top of Safa, the hill's remaining gray rocks sit behind glass. I followed a surge of barefoot pilgrims down its slope, tracing the path of Hagar, the slave girl and ancestor of Muhammad, who is one of the most revered women in Islam. *Sa'y* is meant to instill compassion for the needy and the exiled. My bare feet had begun to ache by the fifth run. After the final lap, I retreated to the taps, where a Pakistani man passed around recyclable cups of Zamzam water to fellow-pilgrims.

The muezzin gave the call for afternoon prayer. Later, I saw Ahmad, Malik, and a few others outside the Gate of Peace, where they were talking excitedly about

the completion of the ritual. "Seeing the Kaaba was like falling in love for the first time," Malik said. "I couldn't take my eyes off it." He paused. "It is the only mosque where men and women can be so close that at times your bodies touch, but the only attraction and thoughts I had were for the Kaaba and Allah." Malik was referring to the tradition among South Asian Muslims of speaking of two loves: *Ishq-e-Haqiqi*, the love of God, and *Ishq-e-Majazi*, the human love.

After a ritual head shave, we could return to civilian clothes for a few days before the next stage of the pilgrimage. I couldn't find my sandals, and so I gingerly walked with my companions across the scorching courtyard to a row of shacks not far from the mosque, where barbers waited. Three dollars and a few minutes later, we saw our bare heads in a mirror.

King Abdullah's plans for Mecca include a metro that will connect the city to the pilgrim stops of Mina, Arafat, and Muzdalifah, a high-speed rail link between Mecca and Medina, and a redevelopment of the central part of the city into high-rises and shopping malls. "We will employ all kinds of modern technology to make Mecca smarter than any other smart city," Prince Khalid al-Faisal, the governor of the province of Mecca, announced to the press during the hajj.

The King's technocratic ambitions exemplify a Saudi tendency, reflected in the country's strict religious doctrine, to erase all vestiges of the past. In 1924, days after the soldiers of al-Saud, inspired by the teachings of the puritanical preacher Muhammad Ibn Abd al-Wahhab, conquered Mecca, the destruction of buildings associated with the life of the Prophet and his companions began. Wahhabis believe that revering structures with ties to the Prophet can lead to idolatrous practices. The house of Muhammad's wife Khadijah was destroyed, and the Saudis used the Prophet's birthplace as a cattle market before it was turned into a library, in the early nineteen-fifties. I had visited the site, where the religious police, called *mutawi'n*, guard the library and forbid pilgrims, most of them South Asian or Iranian, from praying there. An electronic sign declares in several languages, "There is no proof that Prophet Muhammad, Peace Be Upon Him, was born in this place." A complex of hundreds of bathrooms was built over the remains of the house of Khadijah during an expansion of the Grand Mosque. The house of Abu Bakr, the closest companion of the Prophet and the first caliph, was buried under a Hilton hotel.

In early 2002, a few hundred feet from the Abdul Aziz gate, King Fahd demolished an ochre-colored Ottoman fortress that had been built in 1781 on Mt. Bulbul, one of the five hills that overlooked the Kaaba, to guard Mecca from tribal raids. The dilapidated fortress was a modest presence that blended in with its natural surroundings. Its destruction soured relations between Saudi Arabia and Turkey. M. Istemihan Talay, then the Turkish minister of culture, described it as “no different from the pulling down of the Buddha monuments in Afghanistan.”

On the site, King Abdullah started building the Abraj al-Bait tower complex, also known as the Royal Mecca Clock Tower complex. Constructed, at a cost of two billion dollars, by the Binladin Group, it is a cluster of connected towers housing a multistory shopping mall, food courts, a hospital, luxury hotels, prayer rooms, parking lots, and helipads. At almost two thousand feet, the Clock Tower is seven times the height of the minarets of the Grand Mosque. It is the largest, and second-tallest, building in the world. When I walked along the western wall of the Kaaba, the Clock Tower felt like a concrete djinn staring down at me, dwarfing the mosque. Filled with resentment, I lowered my head in anticipation on each circumambulation.

The complex’s façade is a pale pink, with arches that frame opal-colored glass windows, a reluctant nod to Islamic design. The Saudi memory of a nomadic life is evident on the roof, where a floor of tents has been built by the German architect Bodo Rasch for the royal family. Rasch, who has worked in the kingdom for fifteen years, mostly on projects developed by the Binladin Group, also designed the Royal Mecca clock, which is the world’s largest. A golden crescent crowns the spire of the clock, which has four faces, whose white dials are encased in a square frame of gold. It bears a strong resemblance to Big Ben, but it is six times the height. The national emblem of Saudi Arabia, a palm tree and crossed swords, perches on each clock face between a seventy-two-foot minute hand and a fifty-five-foot hour hand.

On various evenings, I saw the clock from the road through the desert between Jeddah and Mecca, and from the top of a hill near my hotel in Aziziah; an LED inscription, “Allahu Akbar,” was visible for miles. In the lobby of the Binladin Group’s headquarters, in Jeddah, between models of the mosques of Mecca and Medina, there is a replica of the Mecca Clock Tower. In a commemorative book, the developers describe it as a gift from King Abdullah to the world, reflecting “his conviction of the importance of establishing Makkah Time as an international time

reference.” It’s a goal that recalls the ambition of the Ottomans: in 1901, Sultan Abdulhamid II celebrated twenty-five years of his rule by commissioning a hundred clock towers across his empire. One of the most famous used to stand on the Jaffa gate, in Jerusalem, before the British demolished it, in the nineteen-twenties.

One afternoon, I walked into the Clock Tower complex. With bright fluorescent lights and neon shop signs, it has the feel of the Herald Square Macy’s on Thanksgiving weekend, or the duty-free section of the Dubai airport. The ground floor is devoted to retailers: stores that sell alcohol-free perfume, prayer mats, and hajj memorabilia; British and Italian clothing boutiques; luggage shops filled with Samsonite travel bags and Prada totes; and stores selling Al-Fajr prayer watches, which ring an alarm five times a day. I rode an escalator to an upper floor. On its glass railings were safety instructions illustrated by drawings of a fully veiled woman.

The higher floors of the tower contain five hotels, with a capacity of sixty-five thousand guests. At the Fairmont Mecca Clock Royal Tower, where the minimum stay during the hajj is fourteen days, the hotel executives’ business cards say “The Destination for a Divine Stay.” The rooms are graded in three tiers: those with a view of the Kaaba; those overlooking the Grand Mosque; and those looking onto the holy city. They are all fitted with speakers that relay calls to prayer and sermons from the Grand Mosque. A double room with a view of the Kaaba ranges from eleven hundred dollars to forty-five hundred dollars a night. “You take in the entire Grand Mosque in a single look,” a manager for Ahmad’s tour company told me. “The Kaaba appears much smaller, but one can see its white roof. It is mesmerizing.”

For a wealthy pilgrim, the cost of the hajj can exceed forty thousand dollars—twelve times the per-capita income of Indonesia, the world’s most populous Muslim country. The rulers of Mecca have always viewed pilgrims as a major source of revenue. In 1864, when Nawab Sikander Begum, the ruler of the Indian state of Bhopal, arrived by ship in Jeddah, the Ottoman governor’s tax collectors plundered her chests of gifts and money. On the road to Mecca, Bedouin raiders tried to kidnap her mother and steal several camels laden with valuables. When the Begum headed to the house she had rented, a slave of the Sharif of Mecca began to attack one of her courtiers. The Begum intervened, and was told by another slave, “My master the Sharif’s feast, which cost him five thousand rupees, is all getting spoilt, and his money is being wasted!” The Begum had never received an invitation, but,

threatened with fatal consequences, ate at the Sharif's house, where "the repast consisted of about five hundred specimens of Arabian cookery."

I heard the evening call for prayer inside the Clock Tower. The stores and restaurants promptly shut, and shoppers and salesmen, waiters and managers joined in rows on the marble of the building's ground floor. After prayers, at the back of the complex, I found a row of stalls manned by Egyptian and Indian immigrants selling tea and food. As night fell, a few hundred poor pilgrims laid out cotton sheets and cardboard boxes in a courtyard between the Hilton and the Clock Tower, where they slept throughout the hajj. Most of them were African and South Asian guest workers. Rameez Raja, a twenty-two-year-old from a village near Peshawar, was an assistant to an electrician in Riyadh. A wiry man with a gaunt face, Raja had come on the hajj to pray for a better-paying job. "Every year, people from my village who worked in Saudi Arabia came home wearing bright white clothes, big sparkling watches, and a lot of perfume," he said. "I, too, wanted to return home like them and build a house for my parents. I didn't know how hard the work here would be."

Across the road, cranes hovered over another of Mecca's hills, where a series of towers called the Jabal Omar Project were under construction. Where modest houses had stood, a complex of thirty-nine towers of hotels and apartments, with nine thousand parking spaces and four thousand shops, was rising in concrete and granite. T. R. Hamzah & Yeang, the Kuala Lumpur-based architectural firm that designed nine of the towers, had calculated that the average height of the five hills that once circled the Grand Mosque area was almost fifteen hundred feet; the architects fixed that height as the limit for their high-rises. The firm's initial bid claimed that the project would create "a new protective rim" around the mosque, and "avoid a rampant disorganized skyline around the holy area."

Raja Alem, a Saudi novelist who grew up near the Grand Mosque, set her novel "The Dove's Necklace," which won the International Prize for Arabic Fiction in 2011, in Mecca. It describes the lives of those caught up in the transformation of the city. During the hajj, her family was among those who have traditionally hosted pilgrims in all the rooms of their house. "I knew Mecca like the back of my hand," Alem, who now lives in Paris, told me. "I returned to Mecca after a five-year absence and didn't know how to reach the Holy Mosque." Alem's grandmother used to tell her that Mecca breathes through its mountains, and that its houses were built of

breathing stone. “Now these foreign bodies made of cement, glass, and steel are rising in the sky and swallowing even the mountains, Mecca’s lungs,” Alem has said.

In online forums, some see the towers as a sign of doomsday. They connect the competition among oil-rich Arab states to build skyscrapers to a reference in the Hadith, or the Prophet’s sayings, about the arrival of Judgment Day. When the angel Gabriel asks the Prophet when the world will end, Muhammad replies, “When destitute camel herders compete in building tall structures.”

Sami Mohsen Angawi is probably the fiercest critic of the redevelopment of the city. A tall, handsome architect in his early sixties with the air of a headmaster, he comes from a Mecca family that claims descent from Muhammad. The Angawis, like the Alems, have served pilgrims for generations. “I used to carry the shoes of our pilgrims in a bag slung on my back and follow them during the tawaf,” he told me. Angawi’s father was the chief of police in Jeddah. During the hajj season, he would return to Mecca to house and feed the pilgrims, and guide them through the rituals. “And then he would take orders from the pilgrims—one would be a minister, and the other would be a peasant,” Angawi said.

In the early seventies, the Saudi government began an aggressive modernization project in Medina, and started by destroying most of the historic buildings in the city. Angawi feared that Mecca would be next, and founded the Hajj Research Centre, a preservationist institute. In the winter of 1975, Angawi persuaded the British writer Ziauddin Sardar to join him. Recalling the meeting in “Desperately Seeking Paradise,” a book of travels in the Islamic world, Sardar writes, “Angawi’s voice was clipped with emotion. ‘In a matter of days,’ he said, commenting on the slideshows of bulldozers demolishing ancient cultural property, ‘the whole city was razed to the ground.’ No one complained. Indeed not many knew what had happened.” Angawi worked at the center for fourteen years, trying to improve the organization of the hajj and to preserve the natural and historic environment of Mecca and Medina.

Angawi advocated following the choices that Muhammad made after his conquest of Mecca. “The Prophet did not stay next to the Kaaba, even though the house of his wife Khadijah was near it, and despite several others offering him their houses,” Angawi told me. “He camped miles away.” For Angawi, the way to save Mecca was simply not to build high-rises in the city, preserving what was old, sacred,

and beautiful. “The Prophet said that you can’t cut a thorn plant in Mecca, you can’t hunt in Mecca. Even if you see the killer of your father, you can’t raise your hand,” he said. “Everything in Mecca shall be humble in relation to the House of God. The seerah of the Prophet, the landscape where he lived his life, is being demolished. Without it, the life of the Prophet becomes a myth.

“We came up with the science of hajjology,” Angawi went on. “When I had the solutions, I got a ‘Thank you very much.’ I knew the medicine my patient needed. I wasn’t asked.”

Osama al-Bar, the mayor of Mecca, is aware of the criticisms of the city’s development. A former director of the hajj institute that Angawi founded, he works from an expansive white-and-beige building two miles from the Grand Mosque. A bulldozer with an outstretched blade is engraved on the bronze seal of the city outside his office. As I sat in the waiting room, my phone caught a wireless connection: holy_internet. Al-Bar sees replacing the hills of Mecca with high towers as adhering to a divine sense of proportion. “When Allah showed the place for the Kaaba, he chose the lowest place in a valley,” he told me. “If you stood atop one of those mountains and looked at the Kaaba, it always seemed small from that distance. A tower is very much like a mountain in its height. If you look at the Kaaba from there, it seems the same size as it would from a mountain. These are the natural surroundings that Allah chose for his house.”

Al-Bar grew up near the Grand Mosque, where his father ran a small storeselling kitchenware and memorabilia to pilgrims. After school, he helped at the store, picking up a smattering of the languages that pilgrims spoke. “Kitne ka?” he said, recalling the Urdu phrase for “How much?” One afternoon in 2007, al-Bar was in Jeddah in a General Motors showroom, helping his son choose a car, when his phone rang. It was a high-ranking Saudi official, who told al-Bar that he had been appointed mayor. Al-Bar smiled in reminiscence. “If you work for Mecca, for the guests of Allah, each good deed is doubled a hundred thousand times, ten to the power of five,” he said. “Mecca is everything.”

It is estimated that seventeen million believers will visit Mecca in 2025. Revenue from the pilgrimage already exceeds thirty billion dollars. “Last Ramadan, we had maybe two million people; in the hajj, we had around three million people,” al-Bar told me. “A haaji comes for the hajj, but he is a guest, a tourist. He needs

housing, a hotel, catering, services, and trains.” A square metre of land in the area surrounding the Grand Mosque sells for up to a hundred and thirty thousand dollars, twice as much as Fifth Avenue real estate in Manhattan. “If the developer has the land, which cost him millions, shall I tell him to make it twenty dollars a room?”

Yet I wondered about Allah’s ninety-nine per cent. Wasn’t egalitarianism the essence of Islam? “The poor Muslims, the Muslims from Bangladesh, are living five hundred metres from the Grand Mosque, in Misfalah,” al-Bar said, assuring me that two-star hotels and cheap apartments were included in the plans for the new projects. I had spent some time in Misfalah, a neighborhood south of the mosque, where the streets are narrow and dark, and the decades-old, cheaply built apartment blocks and hotels have views of each other’s walls. On the unpaved streets, young boys did a brisk business in black-market cigarettes. In modest eateries with Bengali signboards, men bent over plates of rice and fish. I felt as if I had crossed continents and walked into a derelict neighborhood in Dhaka.

Four days after my arrival in Mecca, I watched thousands of pilgrims walk along a highway into a tunnel that had been bored into a hill rising behind our hotel, on their way to the desert of Mina. Mina is a stopover en route to the plain of Arafat, where millions gather for the foremost rite of the hajj, Yaum al-Wuquf, the Day of Standing Together, in which the multitudes ask for forgiveness. After a ritual bath, in which water touched every part of my body three times, I put on the ihram and joined Malik and our group on a bus. We followed a crawling procession of vehicles; thousands of voices rose above the din of traffic, chanting, “Labbayk, Allahumah labbayk!” Malik pointed toward the stream of believers, and I waited for him to make a religious observation. “After every demonstration in Kashmir, all politicians send out press releases saying that thousands or hundreds of thousands of people attended,” he said. “Seeing this, I think we always exaggerate the numbers.”

Three hours later, we arrived in Mina, a wide valley ringed by barren mountains, where the Prophet, who had travelled by camel, had stopped for the night. On the plain, Saudi volunteers and policemen in khaki uniforms stood out among the pilgrims in white. A tent city designed by Bodo Rasch, the architect of the Royal Mecca Clock, spread for miles.

Rasch is a friend of Sami Angawi, and also worked at the Hajj Research Centre. They met in the early seventies, when Angawi was studying architecture at

the University of Texas at Austin. Rasch was a young student of the German architect Frei Otto, the world's leading authority on lightweight structures, who was competing to design housing for the pilgrims in Mina. Angawi and Rasch joined him as assistants. "We were thinking of ways to design the site with minimum impact on the environment," Angawi recalled. "We made the master plan with our hands, sitting there day and night, drawing. It was like prayer." The Saudi government rejected Otto's plan, and used traditional cotton tents instead. In 1997, the tent city burned down, and Rasch designed a replacement on the site. It is the largest number of tents ever erected for a single site.

Flying atop every tent was the national flag of its occupants, and as I moved from tents housing pilgrims from India, Pakistan, and Afghanistan to those of pilgrims from the United Arab Emirates, Qatar, Kuwait, and Saudi Arabia, I saw some seven-star quarters, where liveried waiters carried dates, oranges, and coffee flasks into lounges with flat-screen televisions. The overpasses that had brought us from Mecca to Mina looped over the tents. Thousands camped on the bridges, where they had no shelter from the searing heat. In a connecting tunnel, where several hundred people slept on the sidewalk, exhaust fans roared overhead and gas fumes made it hard to breathe. A Saudi policeman, eager to push the pilgrims out, opened a bottle of water and poured it over a man's head.

After night prayers, I shared a small tent with nine pilgrims. The desert cooled quickly, and we slept on foam mattresses separated by less than an inch, exhausted from the heat and the crowds. I slept beside Malik, whose ihram had slipped off his lower leg, revealing marks from beatings he had received in prison. Before dawn, we set out for Arafat, where Muhammad gave his last sermon, at Jabal-e-Rehmat, the Mount of Mercy. Most of our group consisted of elderly men and women, who chose to pray in the tents, but Malik and I followed a long stretch of pilgrims on a wide motorway to the mountain. Chants of "Labbayk, Allahumah labbayk!" rose to the bright skies. Our progress was slow. The sun punished our shaved heads. On the sides of the road, volunteers tossed bottles of water and cartons of apple juice to the pilgrims. Men on the beds of mobile-phone-company trucks distributed green-and-blue umbrellas advertising the superiority of the company's connectivity and bandwidth.

After an hour, we reached the base of the Mount of Mercy; on its crest, a rectangular pillar of brick and concrete marked the site of Muhammad's sermon. Waves of pilgrims covered the brown boulders of the hill. We climbed the rocks, sweating under the sun, lending a hand to strangers seeking support and holding the hands that reached out to help us. A crush of bodies carried me toward the pillar. I placed my hand against it and closed my eyes. The words of the Prophet's last sermon came to me: "A white has no superiority over a black nor does a black have any superiority over a white except by piety and good action." Malik had tears in his eyes. Scores of hands held video cameras and clicked pictures. On the way back, we couldn't find our tent. My knees and feet were complaining, and we were famished. An Arab man was distributing plates of rice and chicken by the road. "Haaji! Please!" he urged us. "Here everyone is a fakir," Malik said. "It doesn't matter if you sit on the street."

That night, the pilgrimage led us to the rocky desert of Muzdalifah, where we camped by the highway; the six miles from Arafat had taken us six hours by bus. Other pilgrims arrived by train from Mina; access was limited to those from Saudi Arabia and the Gulf countries. Tens of thousands of pilgrims sat on tiny mats in the desert; others perched on the cliff of a neighboring hill. Hundreds of buses, lit by floodlights, were parked by the sides of the highway. Everyone slept in the open, even the wealthy. I found a place on the edge of the road. People combed the desert to collect forty-nine pebbles, none larger than a chickpea, which each pilgrim would use in the ritual of Stoning the Devil, in Mina, over the following three days. I kept my pebbles in an empty Pepsi bottle by my side. I dozed off for a bit but was woken by the fear of being run over by the buses that continued to rush past. I stayed awake, waiting for dawn.

Pilgrims stone the Devil to signify overcoming temptation. We were back in the Islamic story of Abraham, who walked to Mina in order to sacrifice Ishmael, as God had commanded. Three pillars mark the places where the Devil tried to interrupt the sacrifice. The pilgrims commemorate Abraham's faith by stoning the pillars, which represent the Devil. In recent decades, the increasing number of pilgrims has caused stampedes at the pillars. More than a thousand people were killed between 1994 and 2006—three hundred and sixty in 2006 alone. A member of the royal family came up with the idea of a multilevel complex to insure the pilgrims' safety. The previous

pillars, which dated from the nineteen-sixties, were replaced with eighty-five-foot-tall elliptical walls, with oval basins to collect the pebbles. The walls, which average six hundred feet apart, have ramps and escalators to allow pilgrims to stone the Devil from four levels.

The gray concrete complex, which was completed in 2009 by the Binladin Group, at a cost of \$1.1 billion, looks like a massive parking garage. Warnings in several languages on its façade read, “Avoid stampede during hustle.” I was with Saif Ahsan, a thirty-one-year-old perfume exporter from Delhi, and his mother, Neelam, who suffered from painfully swollen feet. We entered on the ground floor. As the crowd converged on the entrance, Ahsan and I locked our arms around Neelam in a protective embrace. The closer we moved to the first pillar, the more aggressive the crowd became. A Bengali man raised his baby above his head. The crowd was pushing harder. I saw fear on the Bengali’s face; the baby cried. A human chain formed around them. Determined voices rose, deploying the now familiar phrase: “Haaji, tareeq!” A narrow passage emerged, allowing him and the child to exit safely.

We walked to the third pillar, which pilgrims stone on the first day of the ritual. Ahsan and I stood by his mother as she threw pebbles at the concrete wall that represented the pillar. Then it was our turn. We threw seven pebbles at the pillar, each throw punctuated by the recitation “Bismillah, Allahu Akbar.” Neelam, who had insisted on walking, was in pain. A circuitous mile-long road would bring us back to our tents. We had forgotten about the Devil and matters of temptation. We couldn’t keep pace with the crowd and moved along a peripheral fence, which Neelam used for support. An hour later, we were back, and Ahsan ran to fetch his mother some painkillers.

We spent the rest of the day praying, drinking coffee, and lounging in our tent, but other pilgrims turned to the networking and the deal-making that accompany the world’s largest gathering of Muslims. Several Saudi Arabia-based activists of the Jammu and Kashmir Liberation Front came to visit our tent. They had organized lectures for Malik in Jeddah and Riyadh after the hajj, and were working to get him interviews in the Saudi press and appointments with members of the royal family. (A large photograph of Malik in a white kurta appeared in the Arab News a week later, along with his latest assessment of the situation in Kashmir.)

The next day, Ahsan stoned the Devil for his mother, who stayed in her tent. I joined Malik and other Kashmiris. My anxiety about Neelam the previous day had made me miss the ritual's element of release and fun. "Some villagers who were with me would throw their shoes at the Devil," my father had told me. Malik's neighborhood in Kashmir was famous for its stone-throwing protests against Indian troops. "This will be easy for you," I teased him. He threw a pebble; it bounced back and hit his forehead.

Despite a few frivolous moments, I was depressed by the behavior of the crowds, whose aggression seemed to violate the meaning of the ritual. On my third day in Mina, I went by myself, waded through the crowd, threw the rest of my stones, and left the city of tents. The hajj was complete, except for a final circumambulation of the Kaaba. I wanted to be alone, and walked the three miles back to Mecca.

It was the beginning of the festival of Eid al-Adha, when Muslims sacrifice an animal, remembering Abraham's willingness to sacrifice his son at God's command. For a hundred and twenty dollars, travel operators would give a pilgrim a receipt that an animal sacrifice would be made in his name at an industrial slaughterhouse outside Mina. The meat would be packed and sent to poor Muslims around the world. I received a text message confirming that a sacrifice had been made on my behalf.

A few months after the hajj, I talked with Malik. He had recently become a father, and was in a reflective mood. "I feel I have to be more responsible, whether it is politics or my social and personal obligations," he told me. "Being with all these people reminded me of Rumi instructing us to love all of God's creation without any bias. On a more personal level, I have a short temper and get angry quickly. Since I have returned from the hajj, I have to remind myself I am a haaji and control my temper and avoid using bad language."

I performed my farewell circumambulation one evening, with a large group of Chinese pilgrims—mostly elderly men from Xinjiang. They wore sleeveless turquoise jackets over beige martial-arts blouses and pajamas. "Al-Haaji min al-Sin," or "Chinese Pilgrim," was embroidered on their jacket pockets. Fourteen thousand Chinese Muslims had made the pilgrimage. We walked slowly, trying to linger. I lowered my head as the Clock Tower invaded the horizon. It was still too crowded to get close to the black stone. I moved reluctantly past the columns of the Grand Mosque, my eyes on the Ottoman sections.

Crown Prince Nayef bin Abdul Aziz al-Saud has called for the quick implementation of a project to double the capacity of the circumambulation area around the Kaaba. The renovation will cut into the Ottoman portico, and probably remove the older pillars. I was pained by the awareness that I might be among the last pilgrims to see the most beautiful parts of the mosque. The Ottoman arches glowed in the mosque's sulfur lights, and Sinan's white domes formed a serene arc against the black of the Kaaba. The Chinese walked backward, not turning away from the Kaaba until we had left the mosque. An elderly Chinese man with a wisp of white beard met my eyes. We looked at each other for a long moment. Neither of us spoke Arabic. He took my hand in his soft, wrinkled hands, nodded gently, and said, "Assalaamu alaykum."

WHAT HAVE THEY DONE TO MY HAJJ?

The spirituality of the Muslim pilgrimage is being ruined by skyscrapers and traffic jams around the holy site, while rising costs mean it is a ritual that only the rich can afford

Ajmal Masroor - The Guardian - 28/10/2012

Today I have completed my hajj – the annual pilgrimage that brings together millions of people in the holy city of Mecca. I am extremely worried that hajj may have lost its true spiritual meaning. I may have attained a personal triumph for completing the rituals but the economic, environmental and human cost is staggering. I lament the speed of change that is sweeping this city, obliterating history and heritage in its path.

Hajj is a spiritual journey of each and every pilgrim that merges into the journey of the masses. It is the coming together of every nation that makes hajj so special. It is personal yet collective. I came here with a clear focus: to centre God in my life. I would make a pledge to live a more conscientious life. I would care for my fellow human beings as I care for myself. Hajj is about an individual and collective renewal of the faith.

But when I look around I see the concrete jungle dominating the skyline and imposing itself over the house of God – the Ka'bah – and I feel betrayed by the custodians of the holy sites. If I want to see skyscrapers I can take a quick trip to the

Docklands in London. I did not come here to be shown another city of tall buildings, just like Las Vegas or New York. In these places I find no spirituality. I am pretty certain God does not want his holy site to be desecrated in this fashion either.

The cost of hajj has trebled over the last five years, making the pilgrimage unaffordable for ordinary people. The new high-rise five-star hotels surrounding the Ka'bah are available to those who can afford them. I noticed this year that hajj has already become a ritual for the super rich. The poorer people are being priced out by the unfair and disproportionate price hike. The essence of hajj lies in creating equality between all people by putting on two unstitched white pieces of cloth. This instantly eliminates social and economic inequality. The current trend is making equality a distant dream. I came to hajj to give up material pursuits but materialism is here in full force. There is no spirituality in this.

Hajj for me is an invitation from God to visit his house. The infrastructure around the house of God is being built without any serious environmental consideration. Cars, gas-guzzling jeeps and diesel-operated buses are crowding the surrounding area. Making Mecca car-free should be at the forefront of public transport infrastructure strategy. People spend a lot of time stuck in the traffic jams; I spent half of my time waiting for my bus to take me to the holy site. I would have rather spent that time in the house of God in meditation, reflection and prayers. I found no spirituality in traffic jams.

In Mina, Muzdalifah and Arafat, the three most important places that form the pilgrim path, there are more plastic bottles, wraps and bags strewn around than many cities produce in a year. The curse of plastic has serious ecological consequences that will outlive all the pilgrims here in Mecca. The environmental damage caused by people littering these sites is in direct contradiction to the teachings of Islam. There are billboard messages reminding pilgrims that "Cleanliness is part of faith", yet most simply ignore these words of wisdom. The hajj authority must take serious steps to curb littering by introducing hefty fines for pilgrims and tour operators. They should ban plastic. Pilgrimage is about reconnecting with our humble origins and our ultimate destination. Being careless about the environment is the antithesis of spirituality.

At this rate, hajj soon will become a materialistic ritual, a showground for the super rich to display their wealth and nobility. I badly miss the hajj that reconnects me with the prophet Abraham and helps me to centre God in my life.